



MAIS DE 1,5 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

POR FAVOR, CUIDE DA MAMÃE

KYUNG-SOOK
SHIN

KYUNG-SOOK SHIN

Por favor, cuide da Mamãe

TRADUÇÃO DE FLÁVIA RÖSSLER

imagine

Copyright © 2008 Kyung-sook Shin

Originalmente publicado na Coreia do Sul como Omma rul Put'akhae por Changbi Publishers, P'aju-si Kyonggi-do, em 2008.

Copyright da tradução para o inglês © 2011 Chi-Young Kim.

TÍTULO ORIGINAL

Please Look After Mom

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Taís Monteiro

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-154-7

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



[»](#)



[»](#)



[»](#)



[»](#)



[»](#)

Ame, enquanto puder amar.
— Franz Liszt

Ninguém sabe

Faz uma semana que Mamãe sumiu.

Reunida na casa do seu irmão mais velho, Hyong-chol, a família troca ideias. Você decide preparar panfletos e distribuí-los onde Mamãe foi vista pela última vez. A primeira coisa a fazer, todos concordam, é rascunhar o panfleto. Obviamente, um panfleto é um recurso antiquado para a situação, mas não há muito que a família da pessoa desaparecida possa fazer, e a pessoa desaparecida é ninguém menos que sua mãe. Tudo o que você pode fazer é registrar o desaparecimento, vasculhar a área e perguntar ao maior número possível de pessoas se uma senhora parecida com ela foi vista. Seu irmão mais novo, dono de uma loja on-line de roupas, diz que postou na internet que a mãe sumiu, descreveu o local onde ela foi vista pela última vez, adicionou sua foto e pediu para que as pessoas entrassem em contato com a família, caso a vissem. Você quer procurá-la onde acredita que ela possa estar, mas sabe que ela não conseguiria chegar sozinha a nenhum lugar nessa cidade. Hyong-chol diz que é você quem deve redigir o panfleto, já que seu trabalho é escrever. Você fica vermelha, como se tivesse sido pega fazendo algo que não devia. Não tem certeza se suas palavras ajudariam a encontrar Mamãe.

Quando você escreve 24 de julho de 1938 como a data do nascimento de Mamãe, seu pai a corrige, dizendo que ela nasceu em 1936. O registro oficial diz que ela nasceu em 1938, mas parece que foi mesmo em 1936. É a primeira vez que você ouve essa história. Seu pai diz que todo mundo fazia isso naquela época. Como muitas crianças não chegavam aos três meses de vida, os pais deixavam passar alguns anos antes de fazer o registro oficial. Quando você está decidida a substituir 38 por 36, Hyong-chol diz que é preciso deixar 1938, porque essa é a data oficial. Você não acredita que haja necessidade de tanta precisão, já que está preparando um simples panfleto. Não é como se estivesse em um órgão do governo. Mas, obediamente, mantém o 38, e se pergunta se 24 de julho seria de fato a real data de nascimento de Mamãe.

Alguns anos antes, sua mãe dissera: “A gente não precisava comemorar meu aniversário em data separada.” O aniversário do Pai era um mês antes do de Mamãe. Você e seus irmãos sempre iam para a casa dos seus pais em Chongup para aniversários e outras comemorações.

No total, havia 22 pessoas na família imediata. Mamãe gostava quando todos os filhos e netos se reuniam e a casa ficava agitada. Alguns dias antes de a família chegar, ela fazia *kimchi* fresco, ia ao mercado comprar carne e estocava pasta de dente e escovas extras. Prensava óleo de gergelim e torrava e moía sementes de gergelim e perila para presentear a todos com um pote de cada quando fossem embora. Enquanto esperava a família chegar, sua mãe ficava visivelmente animada, e suas palavras e seus gestos revelavam seu orgulho quando falava com vizinhos ou conhecidos. No galpão, Mamãe guardava garrafas de todos os tamanhos com suco de ameixa ou morango silvestre que fazia, dependendo da época do ano. Mamãe enchia potes até a borda com pescadinha fermentada, pasta de anchova ou mexilhão, e planejava mandá-los para a família na cidade. Quando ouviu dizer que cebola fazia bem para a saúde, fez suco de cebola e, antes de o inverno chegar, suco de abóbora em infusão de alcaçuz. A casa da sua mãe era como uma fábrica; ela preparava molhos e pasta fermentada de feijão e arroz descascado. Produzia coisas para a família o ano inteiro. Em algum momento, as viagens dos filhos para Chongup se tornaram menos frequentes, e Mamãe e o Pai começaram a vir para Seul mais vezes. Então você começou a comemorar o aniversário de cada um deles saindo para jantar. Era mais fácil. Tempos depois, a própria Mamãe sugeriu: “Vamos comemorar meu aniversário com o de seu pai.” Disse que seria um fardo celebrar as datas separadamente, já que ambas caem no meio do verão, quando há dois rituais ancestrais com apenas dois dias de diferença entre um e outro. No início, a família se recusava a aceitar a sugestão, mesmo que Mamãe insistisse, e, caso ela se negasse a ir à cidade, alguns de vocês se deslocavam para comemorar na casa dela. Então todos começaram a dar o presente de aniversário de Mamãe no dia do aniversário do Pai. Por fim, a data correta do aniversário de Mamãe acabou naturalmente deslocada. Ela, que gostava de comprar meias para todos da família, tinha na cômoda do quarto uma coleção cada vez maior de meias que seus filhos não levavam.

NOME: Park So-nyo

DATA DE NASCIMENTO: 24 de julho de 1938 (69 anos)

ASPECTO FÍSICO: baixa, cabelos grisalhos com permanente, maçãs do rosto salientes, quando desapareceu vestia blusa azul-celeste, casaco branco e saia bege pregueada.

Vista pela última vez na estação de metrô de Seul.

Ninguém consegue decidir qual foto de Mamãe você deve usar. Todos concordam que deve ser a mais recente, mas ninguém tem uma foto recente dela. Você lembra que em determinado momento Mamãe começou a detestar que a fotografassem. Fugia até dos retratos de família. A mais recente é uma foto de família tirada na festa de 70 anos do Pai. Mamãe estava ótima em seu *hanbok* azul-claro, com um penteado feito no salão, e até passou batom vermelho. Seu irmão mais novo acha que nessa foto Mamãe está muito diferente da maneira como ela estava antes de desaparecer. Ele não acredita que alguém a identifique como a mesma pessoa, ainda que sua imagem seja isolada e ampliada. Conta que, quando postou a foto dela na internet, as pessoas reagiram dizendo: “Sua mãe é bonita e não parece o tipo de pessoa que se perde.” Vocês decidem descobrir se alguém tem outra foto de Mamãe. Hyongchol pede que você escreva mais alguma coisa no panfleto. Quando você olha para ele surpresa, ele lhe diz para pensar em frases melhores, que possam tocar fundo no coração do

leitor. Palavras que possam tocar fundo no coração do leitor? Quando você escreve *Por favor, ajudem-nos a encontrar nossa mãe*, ele acha que é simples demais. Quando sugere *Nossa mãe está desaparecida*, ele diz que “mãe” é formal demais, e pede que você use “mamãe”. Quando você substitui por *Nossa mamãe está desaparecida*, ele decide que é infantil demais. Quando você propõe *Por favor, contate-nos se vir essa pessoa*, ele esbraveja.

— Que tipo de escritora é você?

Você não consegue pensar em uma única frase que satisfaça Hyong-chol.

O outro irmão arrisca:

— Você tocaria fundo no coração do leitor se escrevesse que haverá uma recompensa.

Quando você escreve *Pagaremos generosa recompensa*, sua cunhada argumenta que não se pode escrever isso: as pessoas prestam atenção apenas quando uma quantia específica é mencionada.

— Então, quanto?

— Um milhão de wons?

— É pouco.

— Três milhões de wons?

— Acho que ainda é pouco.

— Então 5 milhões de wons.

Ninguém reclama de 5 milhões de wons. Você escreve *Recompensaremos com 5 milhões de wons* e põe um ponto final. O segundo irmão mais velho diz que você devia escrever *Recompensa: 5 milhões de wons*. O irmão mais novo pede para você usar uma letra maior em *5 milhões de wons*. Todos concordam em mandar por e-mail uma fotografia melhor de Mamãe, caso encontrem. Você fica encarregada de acrescentar alguma coisa no panfleto e de fazer as cópias, e seu irmão mais novo concorda em buscá-las e distribuí-las a toda a família. Quando você sugere contratar alguém para distribuir os panfletos, Hyong-chol retruca:

— Somos nós que devemos fazer isso. Nós os distribuiremos no tempo livre de cada um durante a semana, e todos juntos no fim de semana.

— Como vamos encontrar Mamãe nesse ritmo? — você resmunga.

— Não podemos simplesmente ficar parados, mas já estamos fazendo tudo o que podemos — retruca Hyong-chol.

— O que quer dizer com estamos fazendo tudo o que podemos?

— Colocamos anúncio no jornal.

— Quer dizer que fazer tudo o que podemos é pagar um anúncio de jornal?

— Então o que você quer? Acha que devemos largar o trabalho amanhã e simplesmente perambular pela cidade? Se pudéssemos encontrar Mamãe desse jeito, não me incomodaria em colaborar.

Você para de discutir com Hyong-chol, porque percebe que o está pressionando para tomar conta de tudo, como você sempre faz. Após deixar o Pai na casa de Hyong-chol, cada um segue para a própria casa. Se não forem embora no mesmo instante, continuarão a brigar. É só o que têm feito na última semana. Vocês se reuniram para discutir como encontrar Mamãe e começaram, inesperadamente, a desencavar as diferentes injustiças cometidas contra ela no passado. As coisas que tinham sido deixadas de lado, que sempre tinham sido

cuidadosamente evitadas, assumiram uma proporção enorme e por fim todos gritaram, bufaram e bateram a porta com raiva.

Logo que soube que Mamãe havia sumido, você perguntou com raiva por que ninguém da família, que é tão grande, foi esperar a ela e o Pai na estação de Seul.

— E onde você estava?

Eu? Você se calou. Você só soube do desaparecimento de Mamãe quatro dias depois. Todos culpavam uns aos outros pelo ocorrido, e todos se sentiram magoados.

Ao sair da casa de Hyong-chol, você pega o metrô, mas salta na estação de Seul, que foi onde Mamãe sumiu. Muitas pessoas circulam por ali, esbarram umas nas outras, enquanto você se dirige para o local em que Mamãe foi vista pela última vez. Você olha para seu relógio. São 15 horas. O mesmo horário em que Mamãe foi deixada para trás. As pessoas a empurram para abrir caminho quando você para no local em que a mão de Mamãe soltou-se da do Pai. Ninguém lhe pede desculpas. Todos teriam passado desse mesmo jeito por sua mãe enquanto ela estava ali, sem saber o que fazer.

Até que ponto do passado vai a lembrança de alguém? A sua lembrança de Mamãe?

Desde que soube do desaparecimento de Mamãe, você não consegue se concentrar em um único pensamento, perseguida por lembranças havia muito esquecidas e de repente afloradas. E pelo remorso que sempre acompanha cada lembrança. Há alguns anos, poucos dias antes de você deixar sua cidade natal para viver na cidade grande, Mamãe levou-a a uma loja de roupas no mercado. Você gostou de um vestido liso, mas ela escolheu um com babados nas alças e na barra.

— Que tal este?

— Não — respondeu você, afastando-o.

— Por que não? Experimente.

Mamãe, jovem ainda naquela época, arregalou os olhos, perplexa. O vestido de babados estava a um mundo de distância da toalha suja com a qual costumava enrolar a cabeça, para, assim como outras camponesas, absorver o suor de sua testa enquanto trabalhava.

— É infantil.

— Você acha? — perguntou Mamãe, mas continuou a examinar o vestido, segurando-o, como se não quisesse sair dali. — Eu experimentaria, se fosse você.

Sentindo-se mal por ter dito que o vestido era infantil, você acrescentou:

— Nem faz o seu estilo.

Mamãe retrucou:

— Faz sim, gosto deste tipo de roupa, só que nunca tive condições de usar.

Eu devia ter experimentado aquele vestido. Você dobra as pernas e se agacha no local onde Mamãe talvez tenha feito o mesmo. Alguns dias após ter insistido em comprar o vestido liso, você chegou a essa mesma estação com Mamãe. Segurando com força sua mão, ela abriu caminho pelo mar de pessoas, de um modo que intimidaria até os imponentes prédios que olhavam de cima, e atravessou a praça para esperar Hyong-chol embaixo da torre do relógio. Como alguém assim poderia desaparecer? Quando os faróis do trem do metrô entraram na estação, as pessoas se precipitaram à frente, sem deixar de olhá-la sentada no chão, talvez

irritadas talvez por você estar no meio do caminho.

Quando a mão de sua mãe se soltou da de seu pai, você estava na China, com seus colegas escritores na Feira do Livro de Pequim. Folheava uma tradução chinesa de seu livro em um estande quando sua mãe se perdeu na estação de Seul.

— Pai, por que o senhor não pegou um táxi? Isso não teria acontecido se o senhor não tivesse usado o metrô!

O Pai disse que pensou: “Por que pegar um táxi se a estação de trem tem conexão com a de metrô?” Há momentos em que a pessoa só pensa no assunto depois que algo acontece, sobretudo depois que algo ruim acontece. Momentos em que pensamos: “Eu não devia ter feito isso.” Quando o Pai disse aos seus irmãos que ele e Mamãe sabiam chegar à casa de Hyong-chol sozinhos, por que seus irmãos deixaram que eles fizessem isso, ao contrário de todas as outras vezes? Quando seus pais chegavam para uma visita, alguém sempre ia à estação de Seul ou ao terminal de ônibus esperá-los. O que fez com que o Pai, que sempre ia no carro de um parente ou tomava um táxi quando vinha a Seul, decidisse tomar o metrô naquele dia? Mamãe e o Pai correram na direção do metrô que acabava de chegar. O pai entrou no vagão e, ao se virar, não viu mais Mamãe. Como sempre, o movimento era grande naquela tarde de sábado. Mamãe foi empurrada para longe do Pai no meio da multidão e o metrô partiu enquanto ela tentava se orientar. O Pai carregava a bolsa de Mamãe. Assim, quando ela ficou sozinha na estação de metrô sem nada na mão, você estava saindo da feira do livro e se dirigia para a Praça da Paz Celestial. Era a sua terceira viagem a Pequim, mas você ainda não tinha estado na Praça da Paz Celestial. Você apenas passara por ela de dentro de um ônibus ou de um carro. O aluno que guiava o seu grupo ofereceu-se para levá-los até a praça antes do jantar, e o grupo decidiu que era uma boa ideia. O que sua mãe estaria fazendo sozinha na estação de Seul enquanto você saltava do táxi na frente da Cidade Proibida? Seu grupo entrou na Cidade Proibida, mas saiu no mesmo instante. O ponto turístico estava apenas parcialmente aberto, porque passava por uma grande reforma, e era quase hora de fechar. Pequim inteira estava em obras para se preparar para os Jogos Olímpicos, que aconteceriam no ano seguinte. Você lembrou-se da cena de *O último imperador*, em que o velho Puyi retorna à Cidade Proibida, onde passara a infância, e mostra a um jovem turista uma caixa que ele tinha escondido no trono. Ao abrir a tampa da caixa, o grilo de estimação da sua juventude está lá dentro, ainda vivo. Enquanto você se preparava para entrar na Praça da Paz Celestial, sua mãe estava perdida no meio da multidão, sendo empurrada? Estava à espera de que alguém fosse buscá-la? O caminho entre a Cidade Proibida e a Praça da Paz Celestial também passava por reformas. Você conseguia ver a praça, mas só poderia alcançá-la por meio de um labirinto complicado. Enquanto você olhava as pipas que flutuavam no céu sobre a Praça da Paz Celestial, sua mãe talvez tivesse desabado na plataforma, em desespero, chamando por você. Enquanto você olhava os portões de aço da Praça da Paz Celestial se abrirem e um grupo de policiais marchar com as pernas bem altas e descer a bandeira nacional vermelha com cinco estrelas, sua mãe talvez estivesse vagando pelo labirinto que é o interior da estação de Seul. Você sabe que é verdade, porque foi isso que as pessoas que estavam na estação naquela hora contaram. Afirmaram ter visto uma senhora idosa que caminhava muito devagar e às vezes se

sentava no chão ou parava, apática, perto das escadas rolantes. Algumas viram uma senhora idosa sentada na estação por um longo tempo, e que depois tomou um vagão do metrô que chegava. Na noite em que sua mãe desapareceu, você e seu grupo pegaram um táxi para ir à clara e animada Snack Street e, acotovelando-se sob luzes vermelhas, provaram 56 tipos de bebidas chinesas e comeram siri salteado em azeite picante.

O Pai desembarcou na estação seguinte e voltou para a estação de Seul, porém Mamãe não estava mais lá.

— Como ela pôde se perder desse jeito só porque não pegou o mesmo vagão? Há placas em toda parte. Mamãe sabe fazer um simples telefonema. Ela podia ter ligado de um telefone público.

Sua cunhada insistiu em que alguma coisa devia ter acontecido com sua mãe, que não fazia sentido ela não conseguir encontrar a casa do próprio filho só porque não embarcou no mesmo trem que o Pai. Alguma coisa aconteceu com Mamãe. Essa é a visão de alguém que preferia ver Mamãe como a mamãe de antigamente.

Quando você disse “Mamãe pode ter se perdido, sabe”, sua cunhada arregalou os olhos, surpresa. “Você sabe como Mamãe tem andado nos últimos tempos”, você explicou, e sua cunhada fez uma expressão de quem não tinha a menor ideia do que você estava falando. Sua família, no entanto, sabia como Mamãe estava nos últimos tempos. E que talvez vocês não conseguissem encontrá-la.

Quando você percebeu que Mamãe não sabia ler?

Você escreveu sua primeira carta quando anotou o que Mamãe ditou para mandar a Hyong-chol logo que ele se mudou para a cidade. Hyong-chol concluiu o ensino médio no pequeno distrito onde todos vocês nasceram, estudou em casa durante um ano para o concurso de servidor público, e foi para a cidade quando arrumou o primeiro trabalho. Era a primeira vez que Mamãe se separava de um dos filhos. Naquela época, sua família não tinha telefone, e o único meio de comunicação eram as cartas. Hyong-chol mandava para Mamãe cartas escritas com letra bem grande. Ela sempre sabia intuitivamente quando chegariam as cartas de Hyong-chol. O carteiro aparecia pelas 11 horas com uma sacola grande pendurada na bicicleta. Nos dias em que as cartas de Hyong-chol chegavam, Mamãe voltava do campo ou do riacho onde lavava roupa para receber em mãos a carta do carteiro. Depois, esperava que você voltasse da escola, a levava para a varanda dos fundos e lhe entregava a carta de Hyong-chol.

— Leia em voz alta — pedia.

As cartas de Hyong-chol sempre começavam com “Queridíssima Mãe”. Como se seguisse um manual sobre como escrever cartas, Hyong-chol perguntava pela família e dizia que estava bem. Escrevia que uma vez por semana levava a roupa suja para a esposa do primo de seu pai, que a lavava para ele, como Mamãe tinha pedido. Ele contava que estava se alimentando bem e que tinha um lugar para ficar, pois começara a trabalhar por turno e pernoitava no serviço, e pedia que ela não se preocupasse com ele. Hyong-chol também

escrevia que, na cidade, ele tinha a impressão de que podia fazer o que quisesse e havia muitas coisas que ele queria fazer. Revelava inclusive sua ambição de ser bem-sucedido e dar à mãe uma vida melhor. Aos 20 anos, Hyong-chol galantemente acrescentava: *Por isso, Mãe, não se preocupe comigo e, por favor, cuide de sua saúde.* Quando você espiava Mamãe por cima da carta, percebia que ela tinha os olhos fixos nos talos de inhame no quintal ou nas prateleiras com os potes de cerâmica cheios de molhos. As orelhas de sua mãe ficavam de pé como as de um coelho, para não perder uma só palavra. Quando você acabava de ler a carta, sua mãe lhe pedia para escrever o que ela ditaria. As primeiras palavras de Mamãe eram “Querido Hyong-chol”. Você escrevia *Querido Hyong-chol*. Mamãe não lhe pedia para colocar um ponto depois disso, mas você colocava. Quando ela dizia “Hyong-chol!”, você escrevia *Hyong-chol!*. Quando Mamãe fazia uma pausa após o nome do filho, como se esquecesse o que tinha para contar, você enfiava uma mecha de cabelo atrás da orelha e esperava, atenta, que sua mãe prosseguisse, caneta esferográfica na mão e os olhos fixos no papel de carta. Quando ela dizia “está começando a esfriar”, você escrevia *está começando a esfriar*. Depois de “Querido Hyong-chol”, Mamãe sempre fazia algum comentário sobre o tempo. “Temos flores, agora que chegou a primavera.” “É verão, por isso o arrozal começou a secar e a rachar.” “É o período de colheita e os grãos transbordam das encostas dos arrozais.” Mamãe falava em seu dialeto regional, a não ser na hora de ditar uma carta para Hyong-chol. “Não se preocupe com nada em casa e, por favor, se cuide. É a única coisa que sua mãe quer de você.” As cartas de Mamãe eram sempre repletas de emoção: “Lamento não poder ser útil.” Enquanto você escrevia com cuidado as palavras de Mamãe, ela deixava rolar uma lágrima gorda. As últimas palavras de sua mãe eram sempre as mesmas. “Não se esqueça de fazer todas as refeições. Mamãe.”

Por ser a terceira de cinco filhos, você testemunhou a dor, a aflição e a preocupação quando cada um de seus irmãos mais velhos saiu de casa. Todas as manhãs, depois que Hyong-chol foi embora, Mamãe limpava os potes de cerâmica vitrificada para molho, que ela guardava na prateleira do pátio dos fundos. Como o poço ficava no jardim, na frente da casa, era difícil levar água para os fundos, mas ela lavava os potes um de cada vez. Tirava as tampas e os limpava com um pano, por dentro e por fora, até que brilhassem. Sua mãe cantava baixinho. “Se não houvesse mar entre mim e você não haveria este doloroso adeus...” Enquanto suas mãos mergulhavam atarefadamente o esfregão em água fria e o tiravam, torcendo-o e esfregando os potes, Mamãe cantava: “Espero que você não me deixe um dia.” Se alguém a chamasse naquele momento, ela se virava, as lágrimas escorrendo de seus grandes olhos honestos.

O amor de Mamãe por Hyong-chol era tal que ela costumava preparar uma tigela de *ramen* para ele comer sozinho quando chegasse tarde da noite em casa, após ficar mais um pouco na escola para estudar. Tempos depois, você às vezes lembrava o assunto, e seu namorado, Yu-bin, retrucava:

— É apenas *macarrão instantâneo*. Grande coisa...

— Como assim? *Ramen* era a melhor coisa naquela época! Era um prato que comíamos escondidos para não precisar dividir com ninguém!

Ainda que você explicasse a importância do *ramen*, ele, um garoto da cidade, parecia pensar que não significava nada.

Quando esse produto novo chamado *ramen* entrou na vida de vocês, superou todo e qualquer prato que Mamãe já havia feito. Ela comprava *ramen* e o escondia em um pote vazio na fileira de potes de cerâmica, na intenção de prepará-lo apenas para Hyong-chol. No entanto, mesmo tarde da noite, o aroma de *ramen* fervendo mantinha você e seus irmãos acordados. Quando Mamãe dizia, com ar severo, “Voltem todos para a cama”, vocês olhavam logo para Hyong-chol, que se preparava para comer. Com pena, ele oferecia uma colherada para cada. Mamãe observava:

— Como vocês aparecem tão depressa quando o assunto é comida?

Ela enchia outra panela com água, cozinhava mais *ramen* e o dividia entre você e seus irmãos. Vocês ficavam muito felizes, cada um segurando uma tigela com muito mais caldo que massa.

Depois que Hyong-chol foi para a cidade, sempre que pegava o pote de cerâmica em que costumava esconder o *ramen*, ela exclamava “Hyong-chol!” e se desesperava, perdia a força nas pernas. Você tirava o pano das mãos de sua mãe e passava os braços dela ao redor de seus ombros. Ela se debulhava em lágrimas, incapaz de controlar os sentimentos exacerbados com relação ao primogênito.

Quando Mamãe mergulhou em tristeza depois que o filho foi embora, as únicas coisas que você podia fazer por ela eram ler em voz alta as cartas de seu irmão e colocar as respostas na caixa de correio a caminho da escola. Naquela época você ainda não tinha ideia de que ela jamais tivera contato com o mundo das letras. Por que nunca lhe ocorreu que ela não sabia ler nem escrever, mesmo quando ela confiava em você, ainda criança, mesmo quando você lia para ela as cartas e escrevia as respostas? Você atendia ao pedido dela como se fosse apenas mais uma tarefa, semelhante a ir ao jardim colher um pouco de malva ou sair para comprar querosene. Mamãe não deve ter delegado essa tarefa a mais ninguém depois que você saiu de casa, porque você nunca recebeu uma carta dela. Seria porque você não escrevia para ela? É provável que fosse por causa do telefone. Na época em que você se mudou para a cidade, um telefone público foi instalado na casa do prefeito da aldeia. Foi o primeiro telefone de sua terra natal, uma pequena comunidade rural, onde, vez ou outra, um trem chacoalhava ao longo dos trilhos que se estendiam entre a aldeia e os campos vastos. Todas as manhãs, os habitantes ouviam o prefeito testar o microfone, depois anunciar que fulano ou beltrano devia atender uma ligação de Seul. Seus irmãos começaram a ligar para o telefone público. Depois que o aparelho foi instalado, as pessoas que tinham família em outras cidades ficavam atentas ao som do microfone, mesmo se estivessem nos arrozais ou nos campos, e se perguntavam quem estaria sendo procurado.

Mães e filhas ou se conhecem muito bem ou são como estranhas.

Até o outono passado, você pensava que conhecia bem a sua mãe — que sabia do que Mamãe gostava, o que era preciso fazer para acalmá-la quando estivesse irritada, o que ela

queria ouvir. Se alguém lhe perguntasse o que Mamãe estava fazendo, você conseguia responder em dez segundos: “provavelmente está secando ervas” ou “como é domingo, deve estar na igreja”. No último outono, no entanto, a ideia de que a conhecia bem caiu por terra. Você foi visitá-la sem avisar com antecedência, e descobriu que ela a tratava como hóspede. Mamãe estava sempre constrangida por causa do pátio bagunçado ou das cobertas sujas. Em determinado momento, Mamãe pegou uma toalha do chão e a pendurou, e, quando caiu comida na mesa, ela limpou rapidamente. Olhou o que havia na geladeira e, embora você tenha tentado detê-la, foi ao mercado. Se você está com a família, não precisa se incomodar em deixar a mesa de qualquer jeito após a refeição e ir fazer outra coisa. Você percebeu que se tornara uma estranha ao ver Mamãe tentar esconder a confusão do seu dia a dia.

Talvez você tenha se tornado uma visita ainda antes disso, quando se mudou para a cidade. Depois que você saiu de casa, sua mãe nunca a repreendeu. Antes, Mamãe a advertia com severidade até se você fizesse algo remotamente errado. Desde que você era pequena, Mamãe sempre a tratou de “você, menina”. Em geral, falava assim quando queria diferenciar você e sua irmã de seus irmãos, mas também se referia a você como “você, menina” quando lhe pedia que corrigisse seus modos, desaprovando seu jeito de comer frutas, de caminhar, de se vestir e de falar. Às vezes, no entanto, ela ficava preocupada e olhava seu rosto de perto. Analisava você com uma expressão preocupada quando precisava de sua ajuda para esticar os cantos engomados das capas de cobertas ou quando lhe pedia para pôr gravetos na antiga fornalha para cozinhar arroz. Num dia frio de inverno, você e sua mãe estavam ao lado do poço limpando a arraia que seria usada para os rituais ancestrais de Ano-novo, quando ela disse:

— Você precisa estudar muito para conseguir ingressar em um mundo melhor.

Na época, você entendeu o que ela quis dizer? Quando ela a repreendia, quase sempre você a chamava de Mamãe. A palavra “Mamãe” é familiar e esconde um apelo: *por favor, tome conta de mim. Por favor, pare de gritar comigo e faça um afago na minha cabeça; por favor, fique do meu lado, tenha eu razão ou não.* Você nunca deixou de chamá-la Mamãe. Mesmo agora que ela desapareceu. Quando você chama “Mamãe”, quer acreditar que ela está bem de saúde. Que está forte. Que não se incomoda com nada. Que Mamãe é a pessoa que você tem vontade de chamar toda vez que se desespera com alguma coisa nessa cidade.

No outono passado, você não disse a ela que a visitaria. Mas não foi para liberá-la dos preparativos para a sua chegada. Você estava em Pohang na época. A casa de seus pais era longe de Pohang, aonde você chegou de avião no início da manhã. Nem quando levantou de madrugada, lavou os cabelos e seguiu para o aeroporto, você sabia se visitaria Mamãe em Chongup. Era mais longe e mais difícil chegar a Chongup saindo de Pohang do que de Seul. Não era algo que você planejara fazer.

Quando chegou à casa de seus pais, o portão estava aberto. A porta da frente também estava aberta. Você tinha combinado de retornar à cidade e almoçar com Yu-bin no dia seguinte, por isso voltaria para casa no trem noturno. Embora tivesse nascido ali, a aldeia se tornara um lugar estranho. As únicas coisas remanescentes de sua infância eram os três pés de urtiga perto do riacho. Sempre que ia para a casa dos seus pais, você pegava o pequeno

caminho rumo ao riacho margeado pelos pés de urtiga, e não a estrada maior. Se você se mantivesse nesse caminho, chegaria ao portão dos fundos da casa de sua infância. Muito tempo atrás havia um poço comunitário próximo ao portão dos fundos. O poço foi fechado quando o encanamento chegou para todos os moradores, mas você parava naquele local antes de entrar na casa. Batia o pé de leve no cimento duro, onde antes ficava o poço abundante. Você era tomada pela nostalgia. O que estaria fazendo o poço na escuridão sob a rua, o poço que tinha abastecido todas as pessoas da rua e de onde ainda minava água? Você não estava lá quando o poço foi desativado. Um dia, ao chegar para uma visita, o poço não existia mais e havia uma estrada de cimento sobre ele. É provável que tenha sido porque não viu com seus próprios olhos o poço ser fechado que você não conseguia parar de imaginar que ele continuava ali, cheio até a borda, sob o cimento.

Você parou sobre o poço por um instante, depois entrou pelo portão chamando:

— Mamãe!

Ela, no entanto, não respondeu. A claridade do sol poente de outono enchia o pátio da casa, que era voltado para oeste. Você entrou para procurá-la, mas ela não estava na sala nem no quarto. A casa estava uma bagunça. Havia uma garrafa de água aberta abandonada sobre a mesa e uma xícara na beira da pia. Uma cesta com panos de chão estava virada sobre o tapete da sala de estar e, jogada no sofá, havia uma camisa suja com os punhos desabotoados, como se o Pai tivesse acabado de tirá-la. O sol do final da tarde se derramava pelo espaço vazio.

— Mamãe!

Embora soubesse que não havia ninguém, você chamou mais uma vez:

— Mamãe!

Você saiu pela porta da frente e, no pátio lateral, descobriu Mamãe deitada na plataforma de madeira no galpão sem porta.

— Mamãe! — você gritou, mas não teve resposta.

Você calçou os sapatos e caminhou na direção do galpão. Dali era possível ver todo o pátio. Muito tempo atrás Mamãe fermentava malte no galpão. O galpão era uma área útil, principalmente depois que passou a ocupar o espaço do chiqueiro contíguo. Mamãe empilhava utensílios de cozinha velhos, sem uso, nas prateleiras que montara em uma parede, e, na parte inferior, havia os potes de vidro com as conservas que ela preparava. Mamãe que tinha levado a plataforma de madeira para dentro do galpão. Depois que a casa velha fora demolida e que uma nova fora construída em estilo ocidental, ela se sentava na plataforma para fazer os serviços de cozinha que não conseguia completar facilmente na moderna cozinha de dentro. Moía pimenta vermelha no pilão para preparar *kimchi*, remexia nos pés de feijão para colher os grãos, fazia pasta de pimenta vermelha, salgava repolho para o *kimchi* do inverno ou secava bolos de soja fermentada.

A casa de cachorro ao lado do galpão estava vazia. A corrente estava solta no chão. Você se deu conta de que não ouviu o cachorro quando entrou na casa. Ao procurar o cão, aproximou-se de Mamãe, que não se mexia. Ela devia estar cortando abobrinha para secar ao sol. Uma tábua de corte, uma faca e abobrinhas foram afastadas para o lado e havia fatias finas de abobrinha arrumadas em uma cesta de bambu gasta. No início, você se perguntou se Mamãe estaria dormindo. Lembrando-se de que ela não costumava cochilar, você olhou seu

rosto com atenção. Mamãe estava com uma das mãos sobre a cabeça e parecia lutar com toda a força. Seus lábios estavam entreabertos e ela franzia tanto a testa que seu rosto estava marcado por rugas profundas.

— Mamãe!

Mamãe não abriu os olhos.

— Mamãe! Mamãe!

Você ajoelhou-se na frente de Mamãe, sacudiu-a com força e ela abriu levemente os olhos. Os olhos dela estavam injetados e gotas de suor salpicavam sua testa. Sua mãe não parecia reconhecê-la. Sob o peso da dor, o rosto dela tinha uma aparência infeliz. Somente um sofrimento atroz poderia causar uma expressão como aquela. Sua mãe voltou a fechar os olhos.

— Mamãe!

Você saltou para a plataforma e repousou o rosto torturado de sua mãe no seu colo. Enganchou seu braço por baixo do dela, para que a cabeça não escorregasse dos seus joelhos. Como ela podia ter sido deixada sozinha naquele estado? A indignação tomando conta de sua consciência, como se alguém, sem mais nem menos, tivesse jogado sua mãe no galpão. Ainda que tivesse sido você quem se mudara e se afastara de sua mãe. Quando alguém fica profundamente chocado, não consegue saber o que fazer. *Devo chamar uma ambulância? Devo levá-la para dentro de casa? Onde está o Pai?* Esses pensamentos passavam por sua cabeça, mas você acabou baixando o olhar para Mamãe deitada em seu colo. Você nunca tinha visto o rosto dela contraído daquela forma, tão infeliz, com tanta dor. A mão de Mamãe, que antes pressionava a própria testa, caiu flácida no chão. Mamãe respirava com dificuldade, exausta. Os membros dela tombaram, como se ela não conseguisse mais fazer o esforço necessário para tentar evitar a dor.

— Mamãe! — Seu coração bateu forte.

Passou pela sua cabeça que ela poderia estar morrendo. Os olhos de Mamãe se abriram devagar e procuraram os seus. Ela devia estar surpresa por vê-la, mas seu olhar era vazio. Parecia fraca demais para reagir. Um instante depois ela chamou-a pelo nome, o rosto sem brilho. E murmurou algo muito baixo. Você se inclinou.

— Quando minha irmã morreu, não consegui chorar.

O rosto pálido de Mamãe estava tão encovado que você não conseguiu dizer nada.

O enterro de sua tia aconteceu na primavera. Você não foi. Nem ao menos a visitara, embora ela tivesse ficado doente por quase um ano. E o que você estava fazendo em vez de visitá-la? Quando você era pequena, sua tia foi sua segunda mãe. Durante as férias de verão você ficava na casa dela, situada do outro lado da montanha. Entre todos os seus irmãos, era com você que sua tia tinha um relacionamento mais próximo. Provavelmente por você ser parecida com Mamãe. Sua tia não se cansava de repetir: “Você e sua mãe foram feitas na mesma fôrma!” Como se estivesse recriando a própria infância ao lado da irmã, sua tia alimentava coelhos com você e fazia tranças em seu cabelo. Cozinhava uma panela de cevada com uma concha de arroz por cima e guardava o arroz para você. De noite você deitava em seu colo e ouvia as histórias que ela lhe contava. Você se lembrou de como sua tia costumava

deslizar um braço por baixo de sua cabeça de noite, fazendo as vezes de travesseiro. Embora ela tenha partido deste mundo, você ainda se lembra do perfume que ela usava naquela época das visitas. Sua tia passou a velhice cuidando dos netos, enquanto os pais deles tomavam conta de uma padaria. Ela caiu da escada enquanto carregava uma das crianças nas costas e foi levada às pressas ao hospital, onde ficou sabendo que um câncer tinha se alastrado pelo seu corpo a tal ponto que era tarde demais para fazer alguma coisa. Sua mãe deu a notícia a você, dizendo:

— Minha pobre irmã mais velha!

— Por que ainda não tinham descoberto?

— Porque ela nunca fez um checkup.

Quando visitava a irmã, Mamãe levava mingau e dava algumas colheradas na boca de sua tia. Você escutava em silêncio quando ela telefonava para dizer:

— Ontem fui ver sua tia. Fiz mingau de gergelim e ela estava com muito apetite.

Você foi a primeira pessoa para quem Mamãe ligou quando ficou sabendo que sua tia havia morrido.

— Minha irmã morreu.

Você não disse nada.

— Você não precisa vir, já que anda ocupada.

Mesmo que sua mãe não tivesse dito isso, você não poderia comparecer ao velório de sua tia, porque tinha um prazo a cumprir. Hyong-chol, que foi ao velório, contou-lhe que sentira medo de que Mamãe ficasse arrasada, mas que ela não tinha chorado e ainda dissera a ele que não queria acompanhar o enterro.

— Sério? — você perguntou.

Hyong-chol disse que também tinha achado estranho, mas que respeitara a vontade dela.

Naquele dia no galpão, no entanto, Mamãe, cujo rosto estava transfigurado pela dor, confessou a você que não conseguiu nem chorar quando a irmã morreu.

— Por que não? A senhora devia ter chorado, se tinha vontade — você disse, sentindo-se aliviada por ela estar voltando a ser a Mamãe que você conhecia, embora sua voz não revelasse qualquer emoção.

Sua mãe piscou devagar.

— Não consigo mais chorar.

Você não disse nada.

— Minha cabeça dói tanto que tenho a impressão de que vai explodir.

Com o sol poente aquecendo suas costas, você olhou para o rosto de Mamãe no seu colo como se fosse a primeira vez que o visse. Mamãe sentia dor de cabeça? Tão forte a ponto de não conseguir nem chorar? Os olhos escuros dela, que normalmente eram brilhantes e redondos como os de uma vaca prestes a parir, estavam escondidos sob rugas. Seus lábios pálidos e cheios estavam secos e rachados. Você ergueu o braço de Mamãe, caído sobre a plataforma, e ajeitou-o sobre o corpo dela. Observou as manchas escuras de sol que ela tinha nas costas da mão, resultado de uma vida inteira de trabalho. Você não podia mais dizer que conhecia Mamãe.

Quando seu tio estava vivo, visitava Mamãe todas as quartas-feiras. Ele tinha acabado de voltar para Chongup, após uma vida nômade ao redor do país. Não havia uma razão específica para a visita; ele simplesmente chegava de bicicleta, via Mamãe e ia embora. Às vezes, não entrava em casa, apenas gritava do portão:

— Irmã! Tudo bem? — Em seguida, antes que sua mãe tivesse tempo de chegar ao pátio, ele se despedia: — Estou indo agora! — No mesmo instante dava meia-volta com a bicicleta e partia.

Pelo que você sabia, Mamãe e o irmão não eram tão próximos. Em algum momento antes de você nascer, seu tio pedira emprestada ao seu pai uma quantia alta, mas nunca pagara. Sua mãe às vezes trazia o assunto à tona, ressentida. Dizia que, por causa de seu tio, ela sempre se sentia em dívida com o Pai e a irmã do Pai. Embora a dívida fosse do seu tio, era difícil para a sua mãe assimilar a ideia de que ele não a tinha liquidado. Depois de quatro ou cinco anos sem ouvir falar nele, sua mãe perguntava:

— O que seu tio andar­á fazendo?

Você não conseguia decifrar se ela estava preocupada ou ressentida com ele.

Um dia sua mãe ouviu alguém empurrar o portão e entrar, perguntando:

— Irmã, você está aí?

Mamãe, que estava dentro de casa comendo tangerinas com você, abriu a porta e saiu correndo. Tudo aconteceu muito depressa. Quem a deixara tão alvoroçada? Curiosa, você a seguiu. Mamãe parou na varanda, olhou para a frente e gritou “Irmão!” para a pessoa parada junto ao portão e correu até lá — sem se importar que estivesse descalça. Era seu tio. Sua mãe, que correr­a como o vento, batia no peito dele com os punhos cerrados e repetia: “Irmão! Irmão!” Você a observou da varanda. Era a primeira vez que a ouvia chamar alguém de “irmão”. Quando ela se referia ao próprio irmão, sempre dizia “seu tio”. Você não sabe por que se surpreendeu tanto ao ver sua mãe correr na direção do portão gritando “Irmão!” com um adorável tom nasal, uma vez que sempre soube que tinha um tio. Você se deu conta de que sua mãe tinha um irmão também! Às vezes você ria sozinha quando se lembrava de sua mãe naquele dia, sua mãe já envelhecida saltando da varanda e correndo pelo pátio na direção de seu tio e gritando “Irmão!” como uma criança — agindo como uma menina ainda mais nova do que você. Aquela mãe ficou na sua cabeça. Ela a fez pensar: até Mamãe... Você não sabia por que levou tanto tempo para perceber algo tão óbvio. Para você, Mamãe era sempre Mamãe. Jamais lhe ocorrera que ela tivesse um dia dado seus primeiros passos ou que uma vez tivesse tido 3, 12 ou 20 anos de idade. Mamãe era Mamãe. Já tinha nascido Mamãe. Até vê-la correndo daquele jeito na direção de seu tio, você ainda não tinha compreendido que ela era um ser humano que nutria exatamente o mesmo sentimento que você experimentava em relação aos seus próprios irmãos, e essa percepção levou à compreensão de que ela também tivera uma infância. Desde então, você às vezes pensava nela como uma criança, como uma menina, como uma jovem, como uma recém-casada, como uma mãe que tinha acabado de dar à luz você.

Você não podia deixar Mamãe e voltar para a cidade depois de vê-la naquele estado no galpão. O pai estava em Sokcho com algumas pessoas do Centro Regional de Artes Cênicas Coreanas Tradicionais. Supostamente estaria de volta em dois dias. Embora Mamãe tivesse se livrado da dor mais severa, não conseguia se libertar da dor de cabeça e não conseguia esboçar um sorriso, que dirá chorar. Mamãe não conseguia sequer entender a sua sugestão de que fosse para o hospital. Quando você a ajudava a entrar em casa, ela caminhava com cautela, tentando manter a dor sob controle. Um longo tempo se passara até que ela conseguisse falar. Mamãe disse que sempre tivera dor de cabeça, mas que as dores terríveis só apareciam “uma vez ou outra” e que ela conseguia suportá-las quando os piores momentos passavam.

Seus irmãos sabiam da dor de cabeça de Mamãe? O Pai sabia?

Você queria contar a eles e levá-la a um hospital grande tão logo voltasse para a cidade. Quando teve condições de se movimentar sozinha, Mamãe perguntou:

— Você não precisa voltar?

Em determinado momento, suas visitas haviam se tornado mais curtas; você aparecia por apenas algumas horas e voltava para a cidade. Pensou logo no encontro do dia seguinte, mas disse à sua mãe que passaria a noite. Você se lembra do sorriso que se abriu no rosto dela.

Você deixou o polvo vivo que tinha comprado no mercado de peixe de Pohang na cozinha, pois nem você nem sua mãe sabiam o que fazer com ele, e sentou-se à mesa na frente de Mamãe como nos velhos tempos, comendo em silêncio uma refeição simples que consistia de arroz e *banchan*, acompanhamentos como *kimchi*, tofu assado, anchovas *sautéés* e algas marinhas torradas. Quando Mamãe enrolou um pedaço de alga em um pouco de arroz como fazia na sua infância e levou-o à sua boca, você aceitou e comeu. Após o jantar, para fazer a digestão, você e Mamãe deram uma volta ao redor da casa. Não era mais a mesma casa em que você crescera, mas os quintais da frente, do lado e dos fundos continuavam interligados, como antes. Na prateleira do pátio dos fundos ainda havia muitos potes de cerâmica. Quando você era pequena, eles ficavam sempre cheios de molho de soja, pasta de pimenta vermelha, sal e pasta de feijão, mas agora estavam vazios. Enquanto vocês duas davam uma volta ao redor da casa, Mamãe às vezes à frente e outras atrás, ela de repente perguntou por que você tinha ido visitá-la.

— Fui a Pohang...

— Pohang é longe daqui.

— É.

— É mais longe vir aqui de Pohang do que de Seul.

— Sim, é.

— O que fez você vir de Pohang para cá, já que parece nunca ter tempo para uma visita?

Em vez de responder, você segurou a mão áspera de Mamãe, num gesto de desespero, como se estivesse se agarrando a um salva-vidas na escuridão, porque não sabia explicar suas emoções. Você disse a Mamãe que tinha ido bem cedo fazer uma palestra na biblioteca Braille, em Pohang.

— Biblioteca Braille? — perguntou Mamãe.

— Braille é o que os cegos leem com os dedos.

Mamãe assentiu com um gesto de cabeça. Enquanto caminhavam ao redor da casa, você contou a Mamãe sobre a viagem a Pohang. A Biblioteca Braille a tinha convidado várias vezes para uma visita, mas você nunca podia por estar envolvida com algum compromisso. No início da primavera, voltaram a telefonar. Você acabara de publicar seu último livro. O bibliotecário explicou que gostariam de publicar seu livro mais recente em braille. Braille. Você não sabia muita coisa sobre braille. Sabia apenas que era a linguagem dos cegos, como contou à sua mãe. Você escutou o bibliotecário com ar impassível, como se estivesse ouvindo alguém falar sobre um livro que ainda não lera. O bibliotecário disse que queriam sua permissão. Se ele não tivesse falado “permissão”, você talvez não tivesse concordado em ir à Biblioteca Braille. A palavra “permissão” a comoveu. Os cegos queriam ler seu livro, pediam permissão para recriá-lo em uma linguagem por meio da qual só eles podiam se comunicar... Você respondeu “Claro”, sentindo-se no mesmo instante impotente. O bibliotecário disse que o livro estaria pronto em novembro e que o Dia do Braille era também em novembro. Acrescentou que seria ótimo se você pudesse ir até lá naquele dia e participar de um lançamento do livro. Você se perguntou como as coisas tinham chegado àquele ponto, mas seria impossível voltar atrás depois do seu “claro”. É provável que o fato de ainda ser o início da primavera tenha ajudado, pois novembro parecia muito distante. No entanto, o tempo passou, a primavera e o verão vieram e foram embora e logo chegou novembro. E chegou o dia.

Quase nada neste mundo acontece de forma inesperada quando refletimos com atenção. Mesmo o que alguém poderia considerar incomum, se pensarmos bem, é apenas alguma coisa que tinha probabilidade de acontecer. Deparar-se repetidas vezes com acontecimentos incomuns significa pouca reflexão sobre eles. Sua viagem até a Biblioteca Braille e os fatos que ocorreram durante ela foram coisas que você poderia ter previsto se tivesse de fato refletido sobre a Biblioteca Braille. Mas você estivera ocupada demais naquela primavera, no verão e no outono. Mesmo no dia em que tomou o rumo da Biblioteca Braille, você não estava pensando nas pessoas que iria encontrar: estava preocupada em não se atrasar para o encontro às 10 horas. Por pouco não perdeu o voo das 8 horas, e, ao chegar a Pohang, tomou um táxi para a Biblioteca Braille e foi para a sala de espera. O diretor da Biblioteca sentou-se à sua frente com a ajuda de um voluntário. Cumprimentou-a com educação, disse “obrigado por ter vindo de tão longe” e estendeu a mão. Na tentativa de mascarar o nervosismo, você apertou a mão dele e disse “olá” em tom animado. A mão dele era macia. O diretor falou sobre seu livro até pouco antes do evento. Você sorriu e acenou com a cabeça para o cego que tinha lido seu livro, ainda que ele não pudesse vê-la sorrir nem acenar. Era o Dia do Braille, uma data comemorativa deles. Quando você entrou no auditório, havia quatrocentas pessoas, algumas ainda se acomodando com a ajuda de voluntários. Havia homens e mulheres de todas as idades, mas nenhuma criança. A cerimônia começou e, uma a uma, pessoas foram para a frente da plateia e fizeram breves discursos. Algumas receberam certificados de agradecimento. Falaram sobre seu livro e você se levantou para receber a versão em braille. Seu livro se transformou em quatro volumes em braille. Os livros que o diretor lhe entregou eram duas vezes mais grossos que o seu, porém mais leves. Você ouviu palmas enquanto voltava para o seu lugar com os livros nas mãos. A cerimônia prosseguiu. Enquanto eram distribuídas placas de felicitações aos leitores, você abriu um dos volumes. De súbito, teve a

sensação de que desmaiaria. Uma infinidade de pontos em papel branco. Era como se você tivesse caído em um buraco negro. Como se estivesse subindo escadas tão conhecidas que seria desnecessário registrá-las na mente e, enquanto pensava em outra coisa, errasse o passo e levasse um tombo. O braille proliferava no papel branco, cada letra um buraco feito por agulha, palavras que você não conseguia decifrar. Você disse para Mamãe que tinha folheado a primeira, a segunda, a terceira página, e depois fechou o livro. Como sua mãe estava atenta à história, você continuou.

No fim da cerimônia, foi para a frente da plateia e falou sobre seu trabalho. Quando largou o livro e olhou o público, sentiu um frio na espinha. Você não tinha ideia do tema a abordar, parada diante de quatrocentas pessoas que não podiam enxergar.

— Então você fez o quê? — perguntou sua mãe.

Você contou a ela que os cinquenta minutos que lhe concederam pareceram intermináveis. Você era o tipo de pessoa que olhava nos olhos dos outros quando falava. Às vezes contava toda a história, ou talvez apenas a metade, dependendo da sensação que captava dos olhos das pessoas. Alguns olhos a persuadiam a contar uma história que você nunca contara. Você se perguntava: “Será que Mamãe sabe que sou assim?” Diante de quatrocentas pessoas cegas, você não sabia para quem olhar ou como começar a falar. Alguns olhos estavam fechados, alguns semiabertos, outros escondidos atrás de óculos escuros, outros ainda pareciam olhar diretamente através de você e do seu nervosismo. Embora todos os olhos estivessem voltados na sua direção, você permaneceu em silêncio diante de olhos que não podiam vê-la. Perguntou-se qual o sentido de falar sobre seu livro diante daqueles olhos que não enxergavam. No entanto, não era apropriado falar sobre outra coisa, como fatos da vida. No máximo, eles deveriam contar as histórias de vida deles. Sentindo-se um pouco constrangida, a primeira coisa que você disse no microfone foi: “Que tipo de história devo lhes contar?” Todos explodiram numa gargalhada. Riram porque pensavam que você queria dizer que podia contar qualquer história? Ou para deixá-la à vontade? Um homem de quarenta e poucos anos respondeu com outra pergunta: “A senhora não veio para falar do seu trabalho?” Os olhos do homem estavam voltados para você, porém fechados. Concentrada nos olhos fechados do homem, você começou a falar do que a inspirou a escrever o livro, das experiências pelas quais tinha passado enquanto o escrevia, além das esperanças que depositava no livro a partir daquele dia. Estava surpresa. De todas as pessoas com as quais já se reunira, essas eram as que escutavam suas palavras com mais atenção. Elas demonstravam com o corpo que estavam ouvindo atentamente. Uma pessoa acenava com a cabeça, outra colocou um pé à frente e alguém ainda se inclinou. Embora você não conseguisse compreender uma palavra que fosse daquele sistema de escrita, elas tinham lido seu livro, faziam perguntas e partilhavam seus pensamentos. Você disse à Mamãe que elas revelavam sentimentos muito positivos com relação ao livro, mais do que qualquer outra pessoa até então. Mamãe, que ouvia em silêncio, comentou:

— Mas essas pessoas leram seu livro.

Um breve silêncio pairou entre você e Mamãe. Ela pediu que você continuasse. Você continuou.

Quando você parou de falar, um homem levantou a mão para fazer uma pergunta. Você

disse para ele prosseguir.

— Embora seja cego, ele disse que viajar era seu hobby, Mamãe.

Você ficou espantada. Para onde viajaria uma pessoa cega? Ele disse que lera uma história escrita por você tempos atrás, que se passava no Peru. O personagem do romance ia para Machu Picchu e havia uma passagem em que um trem andava de ré. Ele disse que, após ler esse trecho, quis andar de trem no Peru. Perguntou se você tinha andado no trem. Era uma história que você escrevera havia mais de dez anos. Você — que possuía uma memória tão ruim que muitas vezes abria a porta da geladeira, esquecia por que a tinha aberto e ficava ali por algum tempo tiritando com o frio que vinha do congelador até que desistia e fechava a porta — começou a falar sobre o Peru, para onde tinha viajado antes de escrever aquele livro. Lima; Cuzco, apelidada de Umbigo do Mundo; a estação de San Pedro, onde você tomou o trem para Machu Picchu no início da madrugada. Sobre o trem que começava andando para a frente e muitas vezes fazia movimentos bruscos para trás antes de seguir viagem para Machu Picchu. Você contou para Mamãe:

— Os nomes de lugares e montanhas que eu já tinha esquecido surgiram de repente.

Ao sentir a amizade que vinha de olhos que nunca tinham enxergado, de olhos que pareciam compreender e aceitar qualquer falha sua, você disse algo que jamais dissera sobre aquele livro. Mamãe perguntou:

— O que foi?

— Disse que, se tivesse que escrevê-lo de novo, não acreditava que o escrevesse daquele jeito.

— Isso é uma coisa tão importante assim para dizer? — perguntou Mamãe.

— Sim, porque eu estava rejeitando o que existe, Mamãe!

Ela olhou para você no escuro:

— Por que esconder essas palavras? Você precisa viver livre, dizer o que sente. — Soltou a mão que estava presa entre as suas e esfregou as suas costas. Quando você era criança ela costumava lavar seu rosto assim, com suas grandes e tranquilizadoras mãos. — Você escreve histórias muito boas — elogiou Mamãe.

— Eu?

Mamãe assentiu com um gesto de cabeça e repetiu:

— Sim, gostei da sua história.

Ela gostou da minha história? Você ficou comovida. Sabia que sua história não era tão boa assim. O fato é que você estava falando com sua mãe de modo diferente após a experiência na Biblioteca Braille. Depois que saiu de casa e foi para a cidade, você sempre falava com Mamãe como se estivesse zangada com ela. Você retrucava o que ela dizia perguntando: “O que a senhora sabe, Mamãe?” “Por que faria isso? Só porque é minha mãe?”, você repreendia. “Por que quer saber?”, refutava friamente. Depois de perceber que Mamãe não tinha mais poder para repreendê-la, se ela perguntasse “Por que você vai?”, você dava uma resposta lacônica: “Porque preciso.” Mesmo quando seu livro era publicado em outro país e você precisava pegar um avião, ou ia participar de um seminário no exterior, se ela perguntasse “Por que você vai?”, você respondia em tom formal: “Porque tenho negócios a tratar.” Mamãe pediu para você não viajar mais de avião. “Se houver um acidente, morrem

duzentas pessoas de uma só vez.” “Eu tenho trabalhos a fazer”, você se justificava. Se Mamãe perguntava “Por que tem tanto trabalho?”, você respondia de mau humor: “Certo, Mamãe.” Era difícil falar com ela sobre sua vida, que nada tinha a ver com a dela. No entanto, quando você contou como se sentira perdida ao ver a versão em braille de seu livro e do pânico cada vez maior que a invadira diante de quatrocentas pessoas cegas, ela ouviu com tanta atenção que parecia que sua dor de cabeça tinha ido embora. Quando tinha sido a última vez que você conversara com Mamãe sobre algo que lhe acontecera? Em determinado momento, você e Mamãe haviam começado a conversar só sobre coisas simples. Mesmo quando não era cara a cara, mas por telefone. Limitavam-se a perguntar se ela tinha se alimentado, se estava bem de saúde, como estava o Pai, a recomendar que tomasse cuidado para não pegar um resfriado, ou a informar que mandara dinheiro. Mamãe contava que tinha feito *kimchi* e mandado um pouco, que tivera sonhos estranhos, que mandara arroz ou pasta fermentada de feijão, que fizera infusão de agripalma para lhe enviar, e que você não devia desligar o telefone porque o portador prometeu ligar antes de entregar as encomendas.

Carregando uma sacola de papel com a versão em braille de seu livro, você se despediu das pessoas na Biblioteca Braille. Ainda tinha duas horas antes de pegar o voo de volta. Você se lembra de estar de pé no tablado e olhar pela janela, evitando encontrar os olhos dos cegos, e avistar o porto salpicado de barcos grandes e pequenos. Pensara: “Bem, já que há um porto, deve haver um mercado de peixe.” Pegou um táxi e pediu para ir ao mercado de peixe. Você gosta de visitar o mercado em um lugar onde nunca esteve quando tem tempo livre. Mesmo para um dia de semana, o mercado de peixe estava movimentado. Do lado de fora, você viu duas pessoas que cortavam em pedaços um peixe quase tão grande quanto um carro. Perguntou se era atum, a julgar pelo tamanho, mas o vendedor disse que era peixe-lua. Veio-lhe à cabeça a personagem de um livro cujo título você não lembrava. Ela era de uma cidade litorânea e, sempre que tinha algum problema, ia a um imenso aquário na cidade falar com o peixe-lua que nadava ali. A personagem queixava-se da mãe, que tinha se apoderado das economias de uma vida inteira da filha e fugido para outra cidade com um homem mais jovem, mas então, no final, ela dizia “Sinto falta de minha mãe, e só para você posso contar isso, peixe-lua!”. Você se perguntou se seria o mesmo peixe. Julgando o nome estranho para um peixe, perguntou:

— É esse mesmo o nome? Peixe-lua?

O vendedor respondeu:

— Também o chamam de peixe-roda!

Logo que ouviu o nome peixe-roda, a tensão que você sentia desde a biblioteca se dissipou. Por que você pensou em Mamãe enquanto perambulava entre as pilhas de frutos do mar que eram três vezes mais baratos do que em Seul: polvos vivos com cabeças maiores que as de um humano, abalones frescos, peixe-espada, cavalinha e siri? Foi o peixe-lua que a fez pensar em Mamãe pela primeira vez em um mercado de peixe? Isso a fez lembrar-se de quando limpava arraia perto do poço com Mamãe, nos preparativos dos rituais ancestrais do Ano-novo? Podia ver as mãos congeladas de Mamãe retirando o muco amarronzado que ficava grudado na carne. Você parou em uma loja em que havia, pendendo do teto, um polvo cozido

tão grande quanto o torso de uma criança e comprou um polvo vivo por 15 mil won. Comprou alguns abalones que, embora fossem de cativeiro, tinham sido alimentados com diferentes tipos de algas marinhas. Quando explicou que os levaria para Seul, o vendedor ofereceu-se para colocá-los em uma caixa de isopor com gelo por 2 mil won a mais. Ao sair do mercado de peixe, você percebeu que ainda faltava muito tempo para o voo. Com os livros em braille em uma das mãos e o isopor na outra, você tomou outro táxi e disse ao motorista que queria ir à praia. Levou apenas três minutos para chegar. Era novembro e a praia estava vazia, a não ser por dois casais. Era extensa. Enquanto caminhava na direção da água, você quase caiu duas vezes. Sentou-se na areia fina e fitou o mar. Pouco depois virou-se e olhou para as lojas e os prédios do outro lado da rua. As pessoas que moram aqui podem mergulhar no mar numa noite quente, depois voltar para casa e tomar um banho. Distraidamente, pegou um livro em braille da sacola de papel e abriu-o. Os pontos brancos nas páginas cintilaram com a claridade do sol.

Enquanto percorria com o dedo o indecifrável braille sob o sol, você se perguntou quem a ensinou a ler. Foi o segundo irmão mais velho. Vocês dois deitados de bruços na varanda da casa antiga. Mamãe sentada ao lado de vocês. Seu irmão, uma alma bondosa, era quem menos dava trabalho. Incapaz de desobedecer às ordens de Mamãe para ensinar você a ler, ele a mandava escrever números, vogais e consoantes repetidas vezes, com ar de tédio. Você tentava escrever com a mão esquerda, dominante. Sempre que fazia isso, seu irmão batia nas costas de sua mão com uma régua de bambu. Cumpria a ordem de Mamãe. Embora fosse mais natural para você privilegiar a mão e o pé esquerdos, Mamãe lhe dizia que haveria muitas coisas pelas quais choraria na vida se usasse a mão esquerda. Uma vez você pegou a concha de arroz na cozinha com a mão esquerda, Mamãe arrancou a concha de sua mão e a colocou na direita. Mesmo assim você usou a mão esquerda e ela bateu com a concha na sua mão, perguntando:

— Por que não me ouve?

A sua mão esquerda ficou inchada. Ainda assim, quando seu irmão não estava olhando, você rapidamente passava o lápis para a mão esquerda e desenhava dois círculos, um em cima do outro, para formar o 8. Depois devolvia o lápis para a mão direita. Seu irmão, que sabia que você tinha juntado dois círculos ao ver seu 8, pedia para que você estendesse as mãos e batia nelas com a régua. Enquanto você aprendia a ler, Mamãe a observava, acorada na varanda, cerzindo meias ou descascando alho. Quando aprendeu a escrever seu nome e o nome de Mamãe, e também, embora ainda titubeante, a ler livros, antes mesmo de entrar para a escola, o rosto de sua mãe se iluminou como uma flor de hortelã. Esse rosto se sobrepunha ao braille que você não conseguia ler.

Você se levantou e voltou depressa para a rua sem se preocupar em espanar a areia de suas roupas. Decidiu não pegar o avião para Seul e, em vez disso, foi de táxi para Taejon e tomou um trem para Chongup. Pensava o tempo inteiro que não via o rosto de Mamãe havia quase duas estações.

Você se lembra de uma sala de aula de muito tempo atrás.

Foi no dia em que cerca de sessenta crianças preencheram formulários para o ingresso no ensino médio. Se não preenchesse um formulário naquele dia, não ingressaria no curso secundário. Você era uma das crianças que não estavam preenchendo um formulário. Não entendia perfeitamente o motivo para não ingressar no curso secundário. Em vez disso, sentia-se culpada.

Na noite anterior, Mamãe tinha gritado com o Pai, que estava de cama, doente:

— Não temos nada. Como essa menina sobreviverá neste mundo se não a mandarmos à escola?

O Pai levantou-se e saiu de casa, e Mamãe pegou do chão uma mesa dobrável e atirou-a no quintal em sinal de frustração.

— De que adianta ter uma casa se você não pode sequer mandar os filhos à escola? Eu devia quebrar tudo!

Você queria que ela se acalmasse. Não se importava de não ir à escola. Mamãe não se contentou em atirar a mesa longe. Ela abriu e fechou a porta do porão com violência, arrancou as roupas que estavam no varal, amarrotou-as com as mãos e jogou-as no chão. Depois, aproximou-se de você, que estava se balançando ao lado do poço, tirou a toalha da cabeça e levou-a ao seu nariz.

— Assoe o nariz — pediu.

Você podia sentir o cheiro forte de suor na toalha de Mamãe. Não queria assoar o nariz, muito menos naquela toalha fedorenta. Mamãe, no entanto, insistia que você assoasse o nariz com toda a força. Quando você hesitou, ela disse que assim você não choraria. É provável que estivesse ali olhando para Mamãe com uma expressão de quem está à beira das lágrimas. Mandá-la assoar o nariz era sua maneira de dizer “não chore”. Incapaz de evitar, você assoou o nariz na toalha. Seu muco e o cheiro de suor se misturaram nela.

Mamãe foi à escola com aquela mesma toalha na cabeça no dia seguinte. Depois que ela falou com a professora, você foi chamada e recebeu o formulário. Você ergueu a cabeça, olhou para fora da sala de aula enquanto escrevia seu nome e viu Mamãe observá-la do corredor, através do vidro. Quando seus olhos se encontraram, ela tirou a toalha da cabeça e agitou-a, com um sorriso animado.

Na época em que a taxa para o ensino médio devia ser paga, o anel de ouro que estava sempre no dedo médio da mão direita de mamãe, a única joia dela, desapareceu. Restou apenas a marca no dedo, deixada pelos muitos anos de uso.

As dores de cabeça atacavam constantemente o corpo de Mamãe.

Durante aquela visita à casa de sua infância, você acordou com sede no meio da noite e viu seus livros ganharem uma forma ameaçadora na escuridão. Quando se preparava para morar no Japão por um ano, durante o período sabático de Yu-bin, você não soubera o que fazer com seus livros. Mandou a maioria deles, que a tinham acompanhado durante anos, para a casa de seus pais. Assim que recebeu seus livros, Mamãe esvaziou um quarto e os expôs ali.

Depois disso, você não teve oportunidade de pegá-los de volta. Quando visitava a casa de seus pais, você usava aquele quarto para trocar de roupa ou guardar as malas, e, se pernoitasse, era naquele quarto que Mamãe colocava suas cobertas e um colchonete.

Depois de beber um pouco de água e voltar para o seu quarto, você se perguntou como estaria o sono de Mamãe e abriu cuidadosamente a porta do quarto dela. Parecia vazio. Você chamou: “Mamãe!” Não houve resposta. Tateou à procura do interruptor e acendeu a luz. Mamãe não estava ali. Você acendeu a luz da sala e abriu a porta do banheiro, mas também não viu Mamãe. “Mamãe! Mamãe!”, você gritou enquanto empurrava a porta da frente e saía para o quintal. O vento matinal fustigou as suas roupas. Você acendeu a luz do quintal e olhou rapidamente para a plataforma de madeira no galpão. Mamãe estava deitada lá. Você desceu a escada correndo e aproximou-se. Mamãe estava franzindo a testa como fizera antes, dormindo, com a mão na cabeça. Estava descalça e os dedos de seus pés estavam contraídos, talvez pelo frio. O jantar simples e a conversa que tinham partilhado enquanto caminhavam juntas ao redor da casa se esfacelaram. Era uma manhã no início de novembro. Você trouxe uma manta e cobriu Mamãe. Trouxe meias e colocou-as nos pés dela. E sentou-se ao lado de Mamãe até ela acordar.

Ao pensar em outros modos de ganhar dinheiro que não fosse com a lavoura, Mamãe levou para o galpão uma fôrma de madeira para malte. Ela pegava todo o trigo que colhia no campo, triturava, misturava com água, colocava na fôrma e preparava o malte. Quando fermentava, a casa inteira cheirava a malte. Ninguém gostava daquele cheiro, mas Mamãe dizia que era o cheiro de dinheiro. Havia uma casa na aldeia em que era produzido tofu, e, quando ela levava para os proprietários o malte fermentado, eles o vendiam para a cervejaria e davam o dinheiro para Mamãe. Mamãe colocava aquele dinheiro em uma tigela branca, sobre a qual empilhava outras seis ou sete tigelas, antes de colocá-las em cima dos armários. A tigela era o banco de Mamãe. Ela guardava todo o seu dinheiro lá. Quando você levou para casa a fatura referente aos seus estudos, ela pegou dinheiro da tigela, contou-o e colocou-o na sua mão.

Mais tarde, naquela mesma manhã, quando você abriu os olhos de novo, descobriu que estava deitada na plataforma no galpão. Onde estava Mamãe? Ela não estava ali, mas você podia ouvir o som que vinha da cozinha de algo sendo cortado. Levantou-se e entrou. Mamãe começava a cortar um grande rabanete branco na tábua de corte. O modo como ela pegava a faca parecia perigoso. Não era a maneira como ela costumava cortar rabanete em fatias finas para a salada de repolho, com precisão, sem olhar para baixo. A mão de Mamãe que segurava a faca não estava firme, e a todo instante a faca escorregava do rabanete para a tábua. Parecia que ela ia cortar o dedão fora.

— Mamãe! Espere! — Você arrancou a faca da mão dela. — Eu faço isso, Mamãe.

Você aproximou-se da tábua. Mamãe interrompeu o que fazia e então afastou-se. No

cesto de aço dentro da pia estava o lânguido polvo morto. Havia uma panela de cozimento a vapor de aço inoxidável sobre o fogão. Mamãe colocaria uma camada de rabanete no fundo da panela e cozinaria o polvo no vapor. Você ia perguntar “Não é melhor aferventar o polvo, em vez de cozinhá-lo no vapor?”. Mas desistiu. Colocou fatias de rabanete no fundo da panela e ajustou uma grade de aço inoxidável dentro. Arrumou o polvo inteiro sobre a grade e tampou a panela. Era como ela sempre preparava frutos do mar.

Mamãe não estava acostumada com peixe. Nem ao menos sabia os nomes corretos. Para ela, cavalinha, lúcio, peixe-espada ou qualquer outro eram simplesmente peixes. No entanto, sabia a diferença entre tipos de feijão: feijão-azuki, soja, feijão-branco, feijão-preto. Quando tinha peixe na cozinha, Mamãe nunca fazia sashimi nem o preparava grelhado ou ensopado: sempre o salgava e cozinhava no vapor. Até com cavalinha e peixe-espada, ela fazia um molho à base de soja com pimenta vermelha em lascas, alho e pimenta-do-reino e preparava no vapor, em uma grade que colocava em cima da panela em que cozinhava o arroz. Mamãe nunca botou um sashimi na boca. Quando via as pessoas comendo peixe cru, as encarava com uma expressão de repugnância que significava: “O que estão fazendo?” Mamãe, que comia arraia no vapor desde os 17 anos, preferia também o polvo no vapor. Logo a cozinha foi tomada pelo cheiro de rabanete e polvo. Enquanto observava Mamãe preparar polvo na cozinha, você pensou em arraia.

As pessoas da região de Mamãe sempre colocavam arraia na mesa de seus rituais ancestrais. O ano de Mamãe era marcado pelos rituais ancestrais que ela devia cumprir: uma vez na primavera, duas vezes no verão e duas no inverno. Mamãe tinha que se sentar ao lado de um poço e limpar sete arraias todo ano, considerando também o Ano-novo e o Festival da Lua da Colheita. Em geral, a arraia que Mamãe comprava era tão grande quanto a tampa de um caldeirão. Quando ela ia ao mercado, comprava uma arraia marinha e a deixava ao lado do poço, significava que um ritual ancestral se aproximava. Era uma tarefa difícil limpar arraia para os rituais ancestrais de inverno, com um clima que num instante transformava água em gelo. Suas mãos eram pequenas e as de Mamãe eram grossas pelo excesso de trabalho. Depois que Mamãe, com as mãos vermelhas e congeladas, fazia um corte na pele da arraia, você tirava as membranas com seus dedos jovens. Teria sido mais fácil se elas saíssem em uma peça inteira, mas sempre caíam em seções. Mamãe fazia outro corte no peixe e todo o processo se repetia. Era uma cena típica de inverno: você e sua mãe, agachadas ao lado do poço coberto, que tinha uma camada fina de gelo por cima, tirando a pele da arraia. A limpeza da arraia se repetia todos os anos, como se alguém rebobinasse um filme. Certo inverno, Mamãe olhou para você, sentada diante dela com as mãos congeladas, perguntou “Quem se importaria se não tirássemos a pele da arraia?”, parou o que estava fazendo e, confiante, cortou o peixe em nacos. Era a primeira vez que a mesa de rituais ancestrais via uma arraia com pele.

— O que há de errado com esta arraia? — perguntou o Pai.

Mamãe respondeu:

— É a mesma arraia de sempre, só que com a pele.

A irmã do pai, por sua vez, resmungou:

— Você deveria demonstrar cuidado com a comida para os rituais ancestrais.

— Então tente você tirar a pele — retrucou Mamãe.

Durante aquele ano, toda vez que acontecia algo ruim, alguém trazia o assunto da arraia com pele à tona. Quando o caquizeiro não deu frutos, quando um de seus irmãos, que brincava de atirar bastões, machucou o olho com um bastão voador, quando o Pai foi hospitalizado, quando primos brigaram, a irmã do pai resmungou que tinha sido porque mamãe não se preocupou em tirar a pele da arraia para os rituais ancestrais.

Mamãe colocou o polvo cozido no vapor sobre uma tábua de corte e tentou fatiá-lo. A faca, no entanto, não parava de escorregar, da mesma forma que aconteceu quando ela tentou cortar os rabanetes.

— Eu faço isso, Mamãe.

Você arrancou de novo a faca da mão dela. Fatiou o polvo quente com cheiro de rabanete e mergulhou um pedaço em molho de pimenta vermelha e vinagre e ofereceu-o a Mamãe. Era o que ela sempre fazia com você. E, todas as vezes que você tentava segurá-lo no ar com seus próprios pauzinhos, Mamãe dizia: “Se comer com seus pauzinhos, o gosto não será tão bom. Abra a boca.”

Dessa vez, Mamãe tentou segurar o pedaço de polvo no ar com os próprios pauzinhos, e você retrucou:

— Se a senhora fizer isso, o gosto não será tão bom. Apenas abra a boca.

Você enfiou o pedaço de polvo na boca de Mamãe. E provou um também. O polvo estava quente, suculento e macio. Você se perguntou: “Polvo no café da manhã?” Mas você e Mamãe o comeram com as mãos, de pé na cozinha. Enquanto mastigava, você observou a mão de Mamãe quando ela tentou segurar um pedaço e o deixou cair. Então colocou um pedaço em sua boca para ajudá-la. Logo ela desistiu de tentar comer o polvo sozinha e esperou que você colocasse um pedaço em sua boca. A mão de sua mãe parecia fora de foco. Enquanto comia o polvo você disse:

— Mãe. — Era a primeira vez que você a chamava de mãe. — Mãe, vamos para Seul hoje.

Sua mãe respondeu:

— Vamos para o alto das montanhas.

— Montanhas?

— Sim, montanhas.

— Existe uma trilha daqui?

— Eu mesma criei uma.

— Vamos para Seul e lá vamos ao hospital.

— Mais tarde.

— Mais tarde quando?

— Quando acabar o exame de admissão de sua sobrinha.

Ela se referia à filha de Hyong-chol.

— A senhora pode ir ao hospital comigo em vez de ir com Hyong-chol.

— Estou bem. Tudo vai ficar bem. Tenho consultado um especialista em medicina chinesa, e estou fazendo fisioterapia também, porque eles disseram que há algo errado no meu pescoço.

Você não conseguiu persuadir Mamãe. Ela insistiu em ir mais tarde. Então perguntou qual era o menor país do mundo.

O menor país? Você encarou Mamãe, um estranho fazendo-lhe uma pergunta ao acaso: Qual é o menor país do mundo? Mamãe pediu que você lhe trouxesse contas de rosário de rosa se alguma vez fosse a esse país.

— Contas de rosário de rosa?

— Um rosário cujas contas são feitas de pau-rosa.

Mamãe a olhava distraidamente.

— A senhora precisa de um rosário?

— Não, só quero um rosário daquele país. — Mamãe parou e suspirou profundamente. — Se algum dia for lá, compre um para mim.

Você estava calada.

— Porque você pode ir a qualquer lugar.

Sua conversa com Mamãe parou por ali. Ela não disse mais nenhuma palavra na cozinha. Depois do café da manhã de polvo no vapor, você e sua mãe saíram de casa. Atravessaram alguns arrozais nas montanhas que margeavam os fundos da aldeia e pegaram uma trilha nas colinas. Embora as pessoas não usassem aquele caminho, ele estava desobstruído. As grossas camadas de folhas de carvalho no chão amorteciam seus passos. Às vezes os galhos que invadiam a trilha atingiam seu rosto. Mamãe, que caminhava à sua frente, afastava os galhos para você. Ela os largava depois de você passar. Um pássaro voou em disparada.

— A senhora vem sempre aqui?

— Venho.

— Com quem?

— Sozinha. Não tenho ninguém para vir comigo.

Mamãe andava por essa trilha sozinha? Você de fato não podia dizer que a conhecia. Era uma trilha escura para qualquer pessoa caminhar sozinha. Em alguns pontos os bambus eram tão grossos que não era possível ver o céu.

— Por que a senhora caminha aqui sozinha?

— Vim uma vez depois que sua tia morreu e agora venho sempre.

Pouco depois Mamãe parou no alto de uma elevação. Quando você se aproximou e olhou para onde ela olhava, gritou:

— Ah, esse caminho!

Era um caminho do qual você tinha se esquecido completamente. O atalho para a casa da mãe de Mamãe, que você costumava tomar quando era mais jovem. Mesmo depois de construírem a estrada grande, que atravessava a aldeia, as pessoas muitas vezes usavam o caminho pela montanha. Era o caminho que você tinha feito no dia em que sua avó estava ocupada preparando rituais ancestrais, uma galinha viva seguindo você amarrada a uma corda. Você tinha largado a corda e perdido a galinha. Procurara por ela em todos os cantos, mas não conseguira encontrá-la. Onde teria ido parar aquela galinha? A trilha teria mudado tanto assim? Você costumava ser capaz de caminhar por ela de olhos fechados, mas agora, se não fosse pela elevação, não teria sabido que se tratava da mesma trilha. Mamãe permaneceu parada, os olhos fixos no lugar onde uma vez existira a casa da mãe dela. Não morava mais

ninguém ali. Todas as pessoas daquela aldeia, que antes tinha cerca de cinquenta casas, tinham ido embora. Poucas casas vazias não tinham sido demolidas, mas era uma aldeia à qual as pessoas pararam de ir. Então Mamãe tinha ido ali sozinha para olhar a aldeia desabitada na qual havia nascido? Você lançou seus braços ao redor da cintura dela. E sugeriu mais uma vez que ela fosse com você para Seul. Mamãe não respondeu e, em vez disso, passou a falar sobre o cachorro. Você ficara curiosa ao perceber que o cachorro não estava na casinha, porém não tivera a oportunidade de perguntar por ele.

Um ano antes, quando você fora para casa no verão, havia um cão jindo coreano amarrado perto do galpão. Estava sufocado pelo calor, e a corrente era tão curta que parecia que o pobre cão, ofegante, incapaz de ir para algum lugar com sombra, cairia morto a qualquer momento. Você pediu que Mamãe soltasse a corrente. Ela respondeu que, se fizesse isso, as pessoas não conseguiriam passar por ali porque ficariam assustadas. Como era possível ela acorrentar um cachorro daquele jeito, ainda mais na zona rural... Por causa do cachorro você discutiu com Mamãe assim que chegou, antes mesmo de cumprimentá-la.

— Por que mantém o cachorro preso? Deixe que ele circule por aí.

— Ninguém, nem mesmo no campo, deixa os cachorros soltos. Todo mundo usa corrente para prendê-los, caso contrário eles se perdem — insistiu Mamãe.

Você rebateu:

— Então a senhora precisa arranjar uma corrente mais comprida; se usar uma curta assim, como o cachorro conseguirá sobreviver a esse calor? A senhora o trata assim porque ele não pode reclamar.

Mamãe argumentou que era a única corrente que havia na casa. Era a corrente que ela usara para prender o cachorro anterior.

— Então vá comprar uma!

Embora fosse a primeira vez que aparecia em muito tempo, você deu meia-volta com o carro e, antes mesmo de pôr os pés em casa, foi à cidade comprar uma corrente mais comprida, que permitiria ao cachorro movimentar-se por todo o pátio lateral. Foi quando percebeu que a casa do cachorro era pequena. Você saiu de novo, dizendo que compraria uma casa maior. Mamãe a impediu, argumentando que havia um carpinteiro na aldeia vizinha, a quem ela poderia pedir que construísse uma casa nova para o cachorro. Sua mãe não tinha condições de comprar uma casa para um animal. Explicou:

— Há pedaços de madeira por todo lado. A única coisa que se precisa fazer é martelar aqui e ali, e você quer pagar por isso? Você deve ter dinheiro sobrando.

Mais tarde, quando você partiu para a cidade, deu a ela dois cheques de 10 mil wons cada e a fez prometer que construiria uma casa maior para o cachorro. Mamãe prometeu. De volta a Seul, você ligou algumas vezes para se certificar de que ela mandaria construir a casa do cachorro. Embora pudesse ter mentido, todas as vezes ela se justificava.

— Farei isso, sim, farei logo.

Na quarta vez que você telefonou e ouviu a mesma resposta, sua raiva explodiu.

— Eu lhe dei dinheiro para isso e para o que mais precisasse. Gente do interior é terrível. A senhora não se sente mal pelo cachorro? Como é possível que ele viva nesse espaço

minúsculo, especialmente com esse calor? Havia fezes dentro da casa, que ele pisoteou e espalhou por todo lado e a senhora nem limpou. Como pode um cão tão grande viver num lugar tão pequeno? É melhor deixá-lo solto no quintal! A senhora não se sente mal pelo cachorro?

Silêncio. Você começou a se arrepender de ter dito que gente do interior era terrível.

A voz irritada de Mamãe chegou explosiva.

— Você só se preocupa com o cachorro e não com a própria mãe? Acha que sua mãe é o tipo de pessoa que maltrataria um cachorro? Não me diga o que fazer! Vou criá-lo do meu jeito.

Mamãe desligou primeiro.

Era você quem sempre desligava primeiro. Você diria “Mamãe, ligo depois” e não ligaria. Você não tinha tempo de sentar e escutar tudo o que sua mãe queria dizer. Mas ela desligara na sua cara. Era a primeira vez que Mamãe ficava tão irritada com você desde a sua saída de casa. Depois que você foi embora, Mamãe sempre repetia: “Desculpe-me.” Ela confessou que mandou você morar com Hyong-chol porque não tinha condições de cuidar bem de você. Mamãe tentava ao máximo prolongar o telefonema quando você ligava. Mas, mesmo que ela tivesse desligado primeiro, você ficou ainda mais chateada pelo modo como ela estava tratando o cachorro. Ficou confusa. Como Mamãe se tornara essa pessoa? Ela costumava tomar conta dos animais da casa. Era o tipo de pessoa que iria a Seul para uma estada mais prolongada e três dias depois insistia em voltar para casa porque precisava alimentar o cachorro. Como podia estar tão desnorreada? Você estava aborrecida com sua mãe por ter se tornado tão insensível.

Poucos dias mais tarde, Mamãe telefonou:

— Você não era assim antes, mas agora se tornou fria. Se sua mãe desliga desse jeito, você deve ligar de novo. Como pode ser tão teimosa?

Não é que você tivesse sido teimosa. Você não tivera tempo de pensar no assunto desde então. Lembrava que Mamãe tinha desligado, irritada, e dizia a si mesma “Preciso ligar para ela”, mas por um motivo ou outro acabava empurrando o telefonema para o fim da lista de prioridades.

— Todas as pessoas instruídas são assim? — retrucou Mamãe, e desligou.

Na época do Festival da Lua da Colheita você foi para a casa de seus pais e viu que havia uma casa de cachorro grande perto do galpão. No fundo da casinha, uma camada macia de palha.

Parada no alto da colina, sua mãe começou a falar.

— Em outubro, enquanto lavava arroz na pia para preparar o café da manhã, alguém começou a bater de leve nas minhas costas. Quando me virei, não havia ninguém. Isso aconteceu três dias seguidos: eu sentia alguém bater nas minhas costas, como se estivesse me chamando, mas, quando olhava, não havia ninguém. Deve ter sido no quarto dia. Assim que acordei, fui ao banheiro e o cachorro estava deitado na frente do vaso sanitário. Você ficou zangada comigo ano passado, disse que eu estava maltratando o cachorro, mas aquele tinha vagueado pelos trilhos da estrada de ferro, coberto de sarna. Fiquei com pena dele, por isso o

leve para casa, o prendi e alimentei. Se não prendemos, não sabemos aonde ele vai nem se alguém irá pegá-lo, e até comê-lo... Naquele dia, ele não se mexeu. Primeiro, pensei que estivesse dormindo. Mas não se mexeu nem quando o cutuquei. Estava morto. Ele havia se alimentado bem e abanado o rabo no dia anterior, mas estava morto, parecia em paz. Não sei como se soltou da corrente. No início, ele não passava de pele e osso. Depois engordou e seu pelo começou a ficar brilhante. E era muito inteligente! Costumava caçar toupeiras. — Mamãe fez uma pausa para suspirar. — Dizem que se você acolher uma pessoa ela a trairá e se acolher um cão ele a recompensará. Acho que o cachorro foi no meu lugar.

Dessa vez você suspirou. Mamãe prosseguiu:

— Na primavera passada, doei dinheiro para um monge que passou por aqui, e ele disse que neste ano um membro de nossa família partiria. Quando ouvi suas palavras, fiquei aflita. Durante um ano inteiro pensei nisso. Eu acho que a morte veio me buscar, mas, como todas as vezes eu estava lavando arroz para cozinhar, ela levou o cachorro no meu lugar.

— Mamãe, do que está falando? Como é possível que a senhora, que vai à igreja, acredite nisso?

Você pensou na casa de cachorro vazia ao lado do galpão. E na corrente solta no chão. Com um sentimento de tristeza, passou o braço ao redor da cintura de Mamãe.

— Cavei uma sepultura funda no pátio e o enterrei.

Sua mãe sempre contava histórias criativas. Na noite de um ritual ancestral, a irmã do Pai e outras tias chegavam a nossa casa com tigelas de arroz. Era uma época em que a comida era escassa, por isso todos contribuía. Depois dos rituais ancestrais, sua mãe enchia as tigelas dos parentes para que levassem comida para casa. Durante os rituais as tigelas de arroz permaneciam enfileiradas, próximas umas das outras. Mamãe dizia que pássaros entravam voando, pousavam no arroz e depois iam embora. Se alguém não acreditava, ela dizia:

— Eu vi! Havia seis pássaros! Os pássaros são nossos ancestrais, que vieram comer!

Os outros riam, mas você acreditava que podia ver as pegadas no arroz branco. Uma vez, Mamãe foi ao campo de manhã cedo, levando um lanche para comer mais tarde, mas já havia alguém lá, curvado, arrancando ervas daninhas. Quando ela perguntou quem ele era, ele respondeu que estava passando por ali e decidira parar e arrancar ervas daninhas, porque havia muitas. Mamãe e o estranho capinaram juntos. Ela ficou agradecida, por isso dividiu com ele o lanche que tinha levado. Conversaram sobre uma coisa e outra, capinaram o campo e cada um tomou um caminho quando anoiteceu. Ela voltou para casa e contou à irmã do Pai que capinara com um estranho, e a irmã do Pai enrijeceu o corpo e perguntou qual era a aparência dele. A cunhada disse para Mamãe:

— Esse era o dono daquela área. Morreu de insolação certo dia, enquanto capinava aquele campo.

Você perguntou:

— Mamãe, você não teve medo de passar o dia inteiro no campo com uma pessoa morta?

Ela respondeu, com ar indiferente:

— Não tive medo. Se eu tivesse de capinar sozinha aquele campo, teria levado dois ou três dias, por isso só posso ser grata a ele por ter me ajudado.

Após sua visita, você notou como a dor de cabeça de sua mãe parecia destruí-la aos poucos. Ela logo perdeu sua personalidade extrovertida e a vivacidade e começou a repousar com mais frequência. Não conseguia sequer se concentrar em jogos de carta com apostas de 100 wons, uma das poucas alegrias da vida dela. E os sentidos de sua mãe começaram a embotar. Certa vez, após colocar uma panela com panos de chão no fogão a gás para alvejar, ela caiu encolhida no chão da cozinha e não conseguiu se levantar. Toda a água evaporou, os panos começaram a queimar e a cozinha foi tomada pela fumaça, mas sua mãe não conseguia sair daquela situação difícil. A casa seria consumida pelas chamas caso um vizinho não tivesse entrado para averiguar o que estava acontecendo, após ter visto a coluna de fumaça se erguer no ar.

Sua irmã, que tinha três filhos, certa vez perguntou a você, com ar muito sério, sobre sua mãe e as constantes dores de cabeça dela:

— Você acha que Mamãe gostava do trabalho doméstico?

A voz de sua irmã era baixa, séria.

— Por que pergunta?

— Por algum motivo, acho que Mamãe não gostava.

Sua irmã, farmacêutica, abriu sua farmácia enquanto estava grávida do primeiro filho. Sua cunhada ficava com o bebê, mas morava longe da farmácia. O bebê morou com sua cunhada durante algum tempo. Sua irmã, que sempre gostara de crianças, tomava conta da farmácia, ainda que só pudesse ver o bebê apenas uma vez por semana. Era de partir o coração vê-la separada do filho. Não podia haver uma despedida mais dolorosa do que aquela. Sua irmã, porém, parecia ter mais problemas com a situação do que o bebê. Ele adaptou-se muito bem à vida longe da mãe, mas sua irmã o levava até a casa de sua cunhada no final de cada fim de semana chorando, as lágrimas encharcando suas mãos agarradas ao volante no caminho de volta, e nas segundas-feiras ela passava o dia na farmácia com os olhos inchados de tanto chorar. Era uma situação tão terrível que você até perguntou: “Realmente precisa fazer tudo isso para administrar uma farmácia?” Quando o marido de sua irmã estava prestes a ir aos Estados Unidos para um treinamento de dois anos, sua irmã fechou a farmácia, que continuara a administrar mesmo após ter o segundo filho. Ela disse acreditar que seria uma boa experiência para as crianças viverem na América, e você pensou: “Sim, mas, por favor, tenha calma e descanse um pouco.” Ela nunca tivera uma folga depois do casamento. Sua irmã teve o terceiro filho nos Estados Unidos e voltou. Agora precisava cozinhar para uma família de cinco pessoas. Sua irmã contou certa vez que eles comeram duzentas pescadas em um mês.

— Duzentas em um mês? Só comiam pescada? — você perguntou, e ela confirmou.

Isso foi antes de as coisas deles chegarem dos Estados Unidos, quando ela ainda não estava habituada à nova casa e ainda amamentava o recém-nascido, por isso não lhe sobrava tempo para ir ao mercado. A sogra dela mandou uma caixa de filhotes de pescada, salgados e levemente secos, e eles comeram tudo em dez dias. Sua irmã ria e contava:

— Eu fazia sopa de broto de feijão e pescada, depois sopa de abobrinha e pescada.

Quando ela perguntou à sogra onde poderia conseguir mais, descobriu que era possível encomendá-las on-line. Como a primeira caixa acabara tão depressa, encomendou duas.

— Quando as pescadas chegaram, lavei-as e contei. Havia duzentas. Eu estava lavando as pescadas para depois embrulhar quatro ou cinco em um plástico e colocá-las no freezer, porque assim seria mais fácil cozinhá-las, e de repente tive vontade de jogar tudo no chão — explicou sua irmã, tranquila. — E pensei em Mamãe. Perguntei a mim mesma como ela teria se sentido durante todos aqueles anos naquela cozinha antiquada, cozinhando para nossa família tão numerosa. Lembra quanto comíamos? Tínhamos duas mesas pequenas cheias de comida. Lembra-se de como era grande nossa panela de arroz? E ela precisava embrulhar todos os nossos almoços, inclusive os acompanhamentos que fazia com o que conseguia na zona rural... Como Mamãe conseguia dar conta disso todos os dias? E como o Pai era o mais velho, havia sempre um parente ou dois hospedados conosco. Não acredito em hipótese alguma que Mamãe pudesse gostar do trabalho doméstico.

Você foi pega desprevenida. Jamais pensara em Mamãe separada da cozinha. Mamãe era a cozinha e a cozinha era Mamãe. Nunca se perguntou se Mamãe gostava de ficar na cozinha.

Para ganhar dinheiro, sua mãe criava bicho-da-seda, fermentava malte e ajudava a fazer tofu. O melhor modo de ganhar dinheiro era não usá-lo. Mamãe poupava tudo. Às vezes vendia uma lâmpada velha, uma antiga pedra de passar ou um pote velho para pessoas de fora da cidade. Elas queriam as quinquilharias que Mamãe estava usando e, ainda que não fosse apegada a nenhuma dessas coisas, ela negociava o preço como se tivesse se tornado mascate. Primeiro, parecia que ela estava perdendo, mas logo começava a deixar as coisas ao seu modo. Após ouvir os interessados em silêncio, ela dizia:

— Então, basta pagar o preço.

— Quem compraria uma coisa inútil como esta por tanto dinheiro? — zombavam.

Mamãe retrucava:

— Então não deviam andar por aí atrás dessas coisas. — E tomava a lâmpada de volta.

— A senhora daria uma boa vendedora ambulante — resmungavam, pagando afinal o que Mamãe pedia.

Sua mãe jamais pagava o preço inteiro de um produto. A maioria das coisas ela mesma fazia, por isso suas mãos estavam sempre ocupadas. Mamãe costurava, tricotava e cultivava os campos sem descanso. Os campos de Mamãe nunca estavam vazios. Na primavera, plantava batata e alface nos campos arados e semeava margarida, malva, nirá, pimentas e milho. Sob a cerca ao redor da casa, cavava buracos para semear abobrinha, e no campo plantava feijões. Mamãe estava sempre cultivando gergelim, folhas de amora e pepino. Mamãe podia ser encontrada na cozinha, no campo ou nos arrozais. Ela colhia batata, inhame e abobrinha e tirava repolho e rabanete do solo. O trabalho de Mamãe mostrava que nada podia ser colhido se as sementes não fossem plantadas. Mamãe pagava apenas pelas coisas que não vinham de semente: patinhos ou pintos que corriam pelo quintal na primavera, porquinhos que viviam no chiqueiro.

Certo ano a cadela teve nove filhotes. Passado um mês, Mamãe separou dois e acomodou

seis em uma cesta. Como a cesta estava cheia, colocou um nos braços e disse:

— Venha comigo.

O ônibus que você pegou com Mamãe estava lotado de pessoas que iam à cidade vender coisas: sacos de pimenta seca, gergelim e feijão-preto. As cestas já ficavam muito pesadas apenas com alguns repolhos e rabanetes. Todos se posicionaram mais ou menos em fila no ponto de ônibus municipal, e as pessoas que passavam paravam para comprar uma coisa ou outra. Você colocou com cuidado o filhote quentinho que segurava no colo dentro da cesta com os outros cãezinhos irrequietos, acocorou-se ao lado de Mamãe e esperou que os filhotes fossem vendidos. Depois de um mês sob os cuidados de Mamãe, eles estavam gordinhos, saudáveis e dóceis, e não demonstravam nenhuma suspeita ou hostilidade com relação às pessoas. Balançavam os rabinhos para quem se aglomerava ao redor da cesta e lambiam suas mãos. Os filhotes de Mamãe foram vendidos mais depressa que os rabanetes, os repolhos ou os feijões. Quando vendeu o último, ela levantou-se e perguntou:

— O que você quer?

Você segurou a mão de Mamãe e olhou-a nos olhos. Poucas vezes sua mãe lhe fizera uma pergunta como essa.

— Perguntei o que você quer — repetiu ela.

— Um livro!

— Um livro?

— Sim, um livro!

Mamãe parecia não saber o que fazer. Baixou os olhos para você por um minuto e perguntou onde poderiam comprar livros. Você tomou a frente e levou Mamãe para a livraria na entrada do mercado, onde cinco ruas se encontravam. Mamãe não entrou na livraria.

— Escolha só um — recomendou. — Pergunte quanto custa e venha me dizer.

Até quando comprava galochas ela fazia você experimentar todas e sempre acabava pagando menos do que o proprietário da loja queria, mas com o livro ela apenas lhe mandou escolher um, como se não pretendesse pechinchar. A livraria de repente lhe pareceu uma grande pradaria. Você não tinha ideia de qual livro escolher. O motivo para querer um livro era que você lia livros que seus irmãos traziam da escola, mas eles sempre os levavam de volta antes que você os tivesse lido até o fim. Na biblioteca da escola havia apenas livros que eram diferentes dos que Hyong-chol levava para casa. Livros como *A Senhora Sa vai para o Sul* ou *Biografia de Shin Yun-bok*. O livro que você escolheu enquanto Mamãe esperava do lado de fora da livraria foi *Humano, demasiado humano*. Mamãe, prestes a pagar pela primeira vez na vida por um livro que não era um livro didático, olhou com atenção o que você escolheu.

— É um livro de que você precisa?

Você logo fez um gesto afirmativo com a cabeça, preocupada que ela pudesse mudar de ideia. Na verdade, você não sabia que livro era aquele. Dizia na capa que tinha sido escrito por Nietzsche, mas você não sabia quem ele era. Escolhera aquele apenas porque gostara de como o título soava. Mamãe deu-lhe o dinheiro para pagar o preço integral do livro. No ônibus, com o livro contra o peito no lugar do cachorrinho, você olhou pela janela. Viu uma velha encurvada olhando com ar desesperado para um transeunte, tentando vender-lhe uma tigela de

arroz cozido que restara em sua cesta.

Na trilha da montanha de onde você podia ver a antiga aldeia de seus avós, sua mãe contou-lhe que o pai dela, que viajava de cidade em cidade em busca de ouro e carvão, voltou para casa quando ela tinha 3 anos. Ele fora trabalhar no canteiro de obras de uma nova estação de trem e lá sofrera um acidente. Moradores da vizinhança que foram contar à Avó sobre o acidente olharam para Mamãe, correndo e brincando no quintal, e disseram: “Você está rindo mesmo após a morte de seu pai, criança tola.”

— A senhora se lembra disso embora tivesse só 3 anos?

— Lembro.

Sua mãe contou que às vezes ficava ressentida com a mãe dela, sua avó.

— Sei que ela precisava fazer tudo sozinha depois que ficou viúva, mas podia ter me mandado à escola. Meu irmão foi para uma escola dirigida por japoneses e minha irmã também, então por que só eu fiquei em casa? Vivi na escuridão, sem nenhuma luz, minha vida inteira...

Sua mãe finalmente concordou em acompanhá-la até Seul, contanto que você promettesse não contar para Hyong-chol. Mesmo depois que saíram de casa, ela continuou a pedir que você promettesse não contar.

Durante as suas idas de hospital em hospital na tentativa de descobrir a origem das dores de cabeça de Mamãe, um médico lhe disse uma coisa surpreendente: sua mãe tivera um derrame, muito tempo atrás. Um derrame? Você garantiu que isso nunca acontecera. O médico indicou um ponto na ressonância magnética do cérebro dela e disse que ali estava a evidência de um derrame.

— Como ela pode ter tido um derrame sem nunca saber?

O médico explicou que Mamãe devia ter sabido. Pelo modo como o sangue estava acumulado no local, ela devia ter sentido o choque. Ele afirmou que Mamãe sentia dor constante. Que o corpo dela sentia dor constante.

— O que o senhor quer dizer com dor constante? Mamãe sempre foi uma pessoa muito saudável.

— Não acredito que isso seja verdade — retrucou o médico.

Você sentiu como se um prego escondido em seu bolso tivesse saltado e pegado você de surpresa, golpeando as costas de sua mão. O médico drenou o sangue do cérebro de mamãe, mas as dores de cabeça dela não melhoraram. Em um minuto Mamãe estava conversando e no minuto seguinte segurava a cabeça com cuidado como se fosse um jarro de vidro que poderia se quebrar, voltava para casa e deitava-se na plataforma de madeira no galpão.

— Mamãe, a senhora gostava de ficar na cozinha?

Quando você fez essa pergunta certa vez, sua mãe não compreendeu o que você estava dizendo.

— A senhora gostava de ficar na cozinha? Gostava de cozinhar?

Mamãe olhou para você.

— Não gosto nem desgosto da cozinha. Eu cozinhava porque precisava. Precisava ficar na cozinha para que todos vocês pudessem comer e ir à escola. Como é possível alguém fazer só o que gosta? Há coisas que a gente precisa fazer quer goste, quer não. — Sua mãe olhava para você com uma expressão que dizia: “Que tipo de pergunta é essa?” E resmungou: — Se fizer apenas o que gosta, quem vai fazer o que você não gosta?

— Então, a senhora gostava ou não?

Mamãe olhou ao redor como se fosse contar-lhe um segredo, e sussurrou:

— Quebrei tampas de potes várias vezes.

— Quebrou tampas de potes?

— Eu não conseguia ver o fim daquilo. Pelo menos com a agricultura, se você semeia na primavera, colhe no outono. Se planta sementes de espinafre, colhe espinafre, onde planta milho, nasce milho... Mas não há começo nem fim no trabalho na cozinha. Você toma o café da manhã, em seguida já é hora do almoço, depois vem o jantar, e quando o sol volta a brilhar é mais uma vez hora do café da manhã... Talvez tivesse sido melhor se eu pudesse ter preparado acompanhamentos diferentes, mas, como havia sempre a mesma coisa plantada nos campos, eu fazia sempre os mesmos *banchan*. Se você faz a mesma coisa repetidas vezes, há momentos que fica cansada disso. Quando a cozinha me parecia uma prisão, eu saía para os fundos, escolhia a tampa de pote mais deformada que via e a atirava com força contra o muro. A irmã de seu pai não sabe que eu fazia isso. Se soubesse, diria que eu estava maluca, jogando tampas de potes por todo lado.

Sua mãe contou que conseguia uma nova tampa poucos dias depois para repor a que tinha quebrado.

— Por isso gastei algum dinheiro. Quando ia comprar uma tampa nova, pensava que era um desperdício e me sentia muito mal, mas não conseguia parar. O som da tampa quebrando era um remédio para mim. Sentia-me livre.

Sua mãe colocou um dedo na frente dos lábios e prosseguiu com um sussurro, para o caso de alguém escutar:

— Shh. É a primeira vez que conto isso para alguém! — Um sorriso malicioso pairou no rosto de mamãe. — Se não quiser cozinhar, você deve jogar um prato no chão. Ainda que pense “Ah, é um grande desperdício”, se sentirá muito leve. De todo modo, como você não é casada, é pouco provável que isso aconteça.

Sua mãe suspirou profundamente e continuou:

— No entanto, foi muito bom quando vocês começaram a crescer. Mesmo que eu estivesse ocupada demais e não tivesse tempo para recolocar a toalha na cabeça, ao ver vocês sentados ao redor da mesa, comendo, as colheres tilintando nas tigelas, eu tinha a impressão de que não havia nada mais que eu pudesse querer no mundo. Vocês eram muito dóceis. Comiam com felicidade sempre que eu fazia uma simples sopa de abobrinha e pasta de feijão, e seus rostos se iluminavam quando uma vez ou outra eu preparava um peixe no vapor... Vocês eram tão comilões que, quando estavam crescendo, eu às vezes sentia medo. Se deixasse uma panela cheia de batatas cozidas para o lanche depois da escola, a panela aparecia

vazia quando eu voltava para casa. E havia ocasiões em que eu podia ver o arroz desaparecer do pote no porão um pouco a cada dia, e algumas vezes o pote chegava até a ficar vazio. Quando eu ia até o porão pegar um pouco de arroz para o jantar e a colher raspava o fundo do pote, meu coração se apertava: “Como vou alimentar meus filhos amanhã?” Por isso, naquela época não era uma questão de eu gostar ou não do trabalho na cozinha. Se fizesse uma panela grande de arroz e uma menor de sopa, eu não pensava em quão cansada estava. Eu me sentia bem porque isso iria para a boca de meus filhinhos. Agora é provável que você não consiga imaginar essa situação, mas naquela época estávamos sempre preocupados com a possibilidade de ficar sem comida. Éramos todos assim. A coisa mais importante era comer e sobreviver.

Com um sorriso, sua mãe lhe contou que aqueles foram os dias mais felizes de sua vida.

As dores de cabeça de Mamãe roubavam o sorriso de seu rosto. Suas dores de cabeça apunhalavam a alma de Mamãe e pouco a pouco a corroíam, como ratos do campo com dentes afiados.

O homem que você foi ver para pedir ajuda na impressão dos panfletos usa roupas de algodão velhas. Quem quer que o olhe dirá que ele está usando um traje costurado com muito cuidado. Embora saiba que ele sempre veste roupas velhas de algodão, você não consegue deixar de prestar atenção nelas. Ele já ouviu falar de sua mãe e diz que fará o modelo do panfleto com base na sua descrição e que os imprimirá logo em uma gráfica que um colega usa. Como não há fotos recentes de Mamãe, você e seus parentes decidem usar o retrato de família que seu irmão postou na internet. O homem olha para o rosto de Mamãe na foto e diz:

— Sua mãe é muito bonita.

Sem mais nem menos, você comenta que as roupas dele são muito elegantes.

Ele sorri ao ouvir suas palavras.

— Foi minha mãe quem fez para mim.

— Mas ela não morreu?

— Fez quando estava viva.

Ele conta que desde criança não pode usar outra coisa senão algodão por causa de várias alergias. Se outro tecido tocasse sua pele, ele sentia coceira e ficava coberto de urticária. Cresceu usando apenas as roupas de algodão que sua mãe fazia. Na lembrança dele, a mãe estava sempre costurando. Ela fazia questão de costurar suas roupas, das cuecas às meias.

Ele diz que quando abriu o armário da mãe, depois que ela morreu, encontrou pilhas de roupas de algodão que durariam pelo resto de sua vida. A roupa que estava usando era uma das que tinha encontrado no armário. Como seria a mãe dele? Seu coração se aperta enquanto o ouve. Você pergunta ao homem que está se lembrando de sua adorada mãe:

— Acha que sua mãe era feliz?

Suas palavras eram educadas, mas sua expressão lhe diz que você insultou a mãe dele:

— Minha mãe era diferente das mulheres de hoje.

Sinto muito, Hyong-chol

Uma mulher pega um de seus panfletos e se detém por um instante para olhar a foto de Mamãe. Embaixo da torre do relógio onde Mamãe costumava esperar por ele.

Depois que ele encontrou um lugar na cidade, Mamãe chegava à estação de Seul parecendo uma refugiada de guerra. Caminhava pela plataforma com trouxas equilibradas na cabeça, e, as coisas que ela não conseguiria carregar presas à cintura, apoiava nos ombros e nas mãos. Era surpreendente que ela ainda conseguisse caminhar. Se pudesse, Mamãe viria visitá-lo com berinjelas e abóboras amarradas às pernas. Seus bolsos em geral transbordavam de pimentas frescas, castanhas ou alho descascado enrolado em jornal. Sempre que ia esperá-la, ele via uma pilha de embrulhos aos pés de Mamãe e se maravilhava com o fato de que uma mulher sozinha pudesse trazer tanta coisa. Entre os embrulhos, Mamãe olhava ao redor, com as faces coradas, à espera do filho.

A mulher aproxima-se dele com ar hesitante, aponta para a imagem de sua mãe no panfleto e diz:

— Com licença, acho que a vi na frente do centro comunitário Yongsan 2-dong.

No panfleto que sua irmã mais nova fez, a mãe mostra um sorriso animado e veste um *hanbok* azul-claro. A mulher continua:

— Ela não estava com essa roupa, mas os olhos eram os mesmos, e lembro-me deles porque pareciam sinceros e leais. — A mulher olha mais uma vez para os olhos da mãe dele no panfleto e acrescenta: — Ela tinha um corte no pé.

Ela explica que a mãe dele usava sandálias de plástico azuis, mas que uma das sandálias estava provocando um corte perto do dedão e que um pedaço de carne já tinha sido arrancado, criando um sulco, talvez porque ela tivesse caminhado muito. A mulher contou que moscas zumbiam ao redor e pousavam perto do ferimento coberto de pus, e que sua mãe não parava de enxotá-las com a mão, como se estivesse irritada. E, embora parecesse sentir dor, ela continuava a olhar para dentro do centro comunitário como se não sentisse nada. Fazia mais ou menos uma semana.

Uma semana?

Sem saber o que fazer com o que a mulher lhe contou, ele continua a distribuir os panfletos depois que ela se vai. A família inteira afixou panfletos e distribuiu-os em todos os lugares, da estação de Seul a Namyong-dong, de restaurantes e lojas de roupas a livrarias e cibercafés. Sempre que os panfletos eram arrancados porque estavam afixados em local proibido, eles os recolocavam no mesmo lugar. Também não se limitavam àquela área em torno da estação: distribuíam e afixavam os panfletos em Namdaemun, Chungnim-dong e até em Sodaemun. Eles não receberam nem ao menos um telefonema de alguém que tivesse visto o anúncio colocado no jornal, mas algumas pessoas telefonaram depois de ver os panfletos. Receberam uma dica de que alguém que se parecia com Mamãe estava em um restaurante e correram até lá, mas não era ela; era uma mulher que tinha mais ou menos a idade de Mamãe e que trabalhava no local. Certa vez, um homem ligou e disse que tinha convidado Mamãe para a casa dele e até soletrou com cuidado seu endereço pelo telefone. Cheia de expectativa, a família correu para lá, mas o endereço não existia. Alguém chegou a dizer que encontraria Mamãe se lhe pagassem uma recompensa de 5 milhões de won's adiantados. No entanto, mesmo esses telefonemas se tornaram raros depois de duas semanas. Os parentes, que tinham corrido de um lado para outro com o coração cheio de esperança, muitas vezes encontravam-se, sentados na base da torre do relógio da estação de Seul, desanimados. Quando as pessoas amassavam o panfleto assim que o recebiam e o atiravam no chão, era a irmã mais nova, a escritora, quem o recolhia, desamassava e entregava a outra pessoa.

A irmã dele, que foi à estação de Seul carregada de panfletos, está ao seu lado. Seus olhos secos olham de relance para ele. Ele repete as palavras da mulher e pergunta:

— Devemos ir até o centro comunitário Yongsan 2-dong dar uma olhada?

A irmã pergunta:

— Por que Mamãe estaria lá? — Com ar desesperançado, continua: — Podemos ir lá, mais tarde. — E, dirigindo-se às pessoas que passam apressadamente por eles, diz em voz bem alta: — É nossa mãe. Por favor, olhem antes de jogar fora. — E distribui os panfletos.

Ninguém reconhece a irmã dele, cuja foto às vezes aparece na seção cultural do jornal diário quando ela publica um livro novo. Deve ser mais eficaz combinar pedidos em voz alta com distribuição de panfletos, como faz sua irmã. As pessoas não jogam fora os panfletos que ela entrega logo que viram as costas, como fazem com os que ele distribui. Não há muitos lugares onde Mamãe possa estar, a não ser na casa dos outros irmãos. Essa é a raiz da agonia dele e de sua família. Se houvesse lugares para onde Mamãe pudesse ter ido, eles focariam as buscas nesses lugares, mas, como não há, precisam vasculhar a cidade inteira. Quando a irmã perguntou “Por que Mamãe estaria lá?”, ele não se deu conta de que seu primeiro emprego na cidade tinha sido no centro comunitário Yongsan 2-dong. Porque já fazia trinta anos.

O vento estava fresco, mas gotas de suor salpicavam seu rosto. Ele tem pouco mais de 50 anos e é diretor de marketing de uma construtora de prédios. Hoje, sábado, não é dia de trabalho, mas, se Mamãe não tivesse sumido, ele estaria em um apartamento-modelo em Songdo. Sua empresa tentava atrair compradores de última hora para unidades em um grande complexo de apartamentos que logo estaria pronto. Ele trabalhou dia e noite para alcançar 100 por cento de ocupação. Durante toda a primavera, encarregou-se da campanha publicitária e

trabalhou para selecionar uma dona de casa comum como modelo, em vez de partir para as modelos profissionais. Naquela época, ele nunca conseguia chegar em casa antes de meia-noite. Andava muito atarefado com a construção do apartamento-modelo e bebendo vinho e jantando com jornalistas. Aos domingos, muitas vezes acompanhava o diretor e outros executivos a quadras de golfe em Sokcho ou Hoengsong.

— Hyong-chol! Mamãe sumiu!

A urgência na voz do irmão mais novo numa tarde no meio do verão provocou uma fissura na sua rotina diária, estilhaçando-a como se ele tivesse pisado em gelo fino. Mesmo quando lhe disseram que o Pai e Mamãe estavam prestes a pegar o metrô para ir à casa de seu irmão, mas que o vagão partira levando apenas o Pai e deixando Mamãe na estação, e que não conseguiam localizá-la, não lhe ocorreu que isso levaria ao desaparecimento definitivo de Mamãe. Quando o irmão o aconselhou a chamar a polícia, Hyong-chol perguntou a si mesmo se o outro não estaria exagerando. Só depois de uma semana ele colocou anúncio no jornal e telefonou para prontos-socorros. Todas as noites eles se dividiam em grupos e visitavam abrigos de sem-teto, inutilmente. Mamãe, que tinha sido deixada para trás na estação de Seul, desaparecera como se fosse uma fantasia, um sonho. Não sobrara vestígio dela. Ele pensou em perguntar ao Pai se ela de fato fora para Seul. Dez dias se passaram desde seu desaparecimento, depois duas semanas, e, quando tinha transcorrido quase um mês, ele e a família continuavam a procurá-la desordenadamente, como se todos tivessem lesado uma parte de seus cérebros.

Ele entrega seus panfletos para a irmã:

— Vou verificar.

— Em Yongsan, você quer dizer?

— Sim.

— Você tem algum pressentimento?

— Foi o primeiro lugar em que morei quando vim para Seul.

Ele pede à irmã que verifique com frequência o telefone celular, diz que telefonará se descobrir algo. A essa altura, são palavras desnecessárias. Sua irmã, que costumava nunca atender ao telefone, agora o pega antes do terceiro toque. Ele caminha para a fila do táxi. Mamãe se preocupava com Chi-hon, irmã dele, que está com trinta e poucos anos, mas continua solteira. Às vezes, Mamãe ligava no início da manhã e reclamava:

— Hyong-chol! Vá até a casa de Chi-hon, pois ela não atende ao telefone. Não atende e também não liga... Há um mês não falo com ela.

Quando ele dizia para Mamãe que Chi-hon poderia estar isolada em casa, escrevendo, ou que talvez tivesse ido a algum lugar, Mamãe insistia em que ele fosse ao apartamento da irmã:

— Ela mora sozinha. Pode estar de cama, doente, ou talvez tenha caído no banheiro e não consiga se levantar...

Quando ele ouvia a lista de desgraças que poderiam acontecer a uma pessoa que mora sozinha, era levado a pensar que alguma dessas coisas poderia de fato ter acontecido. Antes do trabalho ou durante o almoço, passava no apartamento da irmã diante da insistência da mãe e via uma pilha de jornais na porta, indicando a ausência de Chi-hon. Ele recolhia os jornais e os tacava em uma lata de lixo. Quando não via jornais nem garrafas de leite diante da porta,

tocava a campainha, sabendo que ela estava ali dentro, e que enfiaria o rosto com os cabelos despenteados pela fresta da porta e resmungaria:

— O que houve agora?

Certa vez, quando ele estava tocando a campainha da irmã, chegou um homem, aparentemente para visitar Chi-hon. O homem até o cumprimentou, um tanto constrangido. Antes que Hyong-chol pudesse perguntar quem ele era, o homem disse:

— Você se parece tanto com Chi-hon que nem preciso perguntar quem é.

O homem disse que estava ali porque de repente deixara de ter notícias dela. Quando ele dizia à sua mãe que a irmã parecia ter viajado, ou que estava em casa e se encontrava bem, Mamãe suspirava e se queixava:

— Não teremos notícias nem se ela morrer. — Em seguida perguntava: — O que exatamente ela faz?

A irmã dele escrevia romances, e, para isso, desaparecia por 15 dias ou até um mês, às vezes. Quando ele perguntava a ela “Você precisa fazer isso quando escreve?”, ela resmungava “Da próxima vez, eu ligo para Mamãe”. Era isso. Embora Mamãe fosse assim, o abismo entre a família e a irmã continuava. Mamãe parou de pedir a ele que fosse ao apartamento de Chi-hon depois que ele ignorou seus pedidos algumas vezes. Ela apenas mencionou uma vez “Eu acho que você não tem tempo para me escutar.” Como os silêncios abruptos de sua irmã continuavam, ele imaginou que outro na família devia estar obedecendo às ordens de Mamãe. Depois que Mamãe sumiu, sua irmã murmurou para ele:

— Talvez eu esteja sendo punida...

Há um trânsito intenso entre a estação de Seul e a Universidade de Mulheres Sookmyung. Ele olha pela janela do carro para os altos prédios cinza. Inspecciona com cuidado as pessoas que passam. Para o caso de Mamãe estar em algum lugar no meio da multidão.

— O senhor disse centro comunitário Yongsan 2-dong, certo? — pergunta o motorista de táxi, fazendo a curva em frente à universidade em direção à escola secundária Yongsan, mas Hyong-chol não ouve. — Senhor?

— Sim?

— O senhor disse centro comunitário Yongsan 2-dong, certo?

— Certo.

Ele percorria essa rua todos os dias quando tinha 20 anos, mas a paisagem fora do carro lhe é estranha. Ele se pergunta se aquele é o caminho correto. Teria de fato sido mais surpreendente se a rua não tivesse mudado nem um pouco em trinta anos.

— Como é sábado, o centro comunitário provavelmente estará fechado.

— É, acho que sim.

O taxista está para dizer mais alguma coisa, mas Hyong-chol pega um panfleto do bolso e o empurra na direção do motorista.

— Se vir alguém assim, me avise, por favor.

O taxista olha o panfleto de relance.

— É sua mãe?

— É.

— Que coisa terrível...

No outono passado ele não fez nada, embora sua irmã tenha ligado para dizer que o comportamento de Mamãe estava estranho. Ele pensou que, na idade dela, era natural que Mamãe tivesse mazelas e doenças. Pesarosa, a irmã contou-lhe que Mamãe parecia ter desmaios causados pelas dores de cabeça, mas, quando ele telefonou para casa, Mamãe atendeu calorosamente.

— Hyong-chol!

Quando ele perguntou “Está acontecendo alguma coisa?”, Mamãe riu e respondeu:

— Quem dera que estivesse acontecendo alguma coisa! Não se preocupe conosco. O que estaria acontecendo com dois velhos como nós? Preocupem-se com vocês mesmos.

— Venham nos visitar em Seul.

— Sim, iremos. — E desligou.

A irmã, aborrecida com tamanha indiferença, foi ao escritório dele e enfiou em suas mãos um exame do cérebro de Mamãe. Ela repetiu as palavras do médico, que afirmara que um derrame ocorrera no cérebro de Mamãe sem ela perceber. Quando ele ouviu, impassível, a irmã se exaltou:

— Hyong-chol! Você é de fato Hyong-chol? — E olhou dentro dos seus olhos.

— Ela disse que não estava acontecendo nada, então por que tanta confusão?

— Você confia nela? Mamãe sempre diz isso. É o mantra dela. Você sabe qual é a verdade. Sabe que ela está dizendo isso apenas porque se sente culpada por ser um peso para você.

— Por que ela se sente culpada?

— Como posso saber? Por que você a faz sentir-se culpada?

— O que eu fiz?

— Mamãe diz isso há muito tempo. Você sabe. Vou lhe perguntar uma coisa: por que cargas-d’água Mamãe se sente culpada com relação a você?

Trinta anos atrás, depois de passar no exame do quinto nível do serviço público, o primeiro posto para o qual foi designado foi o centro comunitário Yongsan 2-dong. Mamãe quase não acreditou quando ele não conseguiu ingressar na universidade em Seul, depois do ensino médio. Para ela, era uma reação óbvia. Dos primeiros dias do ensino fundamental até o ensino médio, ele sempre fora o melhor aluno da classe. Até não ser aprovado para a faculdade, ele se classificava sempre em primeiro lugar, não importava o teste que fizesse. Conseguiu a melhor nota na prova de admissão ao ensino fundamental, o que lhe permitiu frequentar a escola sem pagar nada. Durante três anos inteiros, foi o melhor aluno da escola, por isso nunca precisou pagar um centavo. Entrou no ensino médio como o melhor da turma.

— Gostaria de pagar a escola de Hyong-chol pelo menos uma vez — Mamãe costumava dizer com orgulho.

Era difícil para ela entender que alguém que tinha sido o número um durante todo o ensino médio não passasse no exame de admissão à faculdade. Quando souberam que ele não apenas não passara em primeiro lugar, mas tinha sido reprovado, Mamãe pensou, espantada:

“Se ele não consegue passar, ninguém mais conseguirá.” Ele tinha planejado esforçar-se ao máximo na faculdade para permanecer entre os primeiros da turma. Não era de fato um plano — era sua única opção. O único modo de ele conseguir frequentar a faculdade era com uma bolsa de estudos. No entanto, como não fora aprovado, precisava encontrar outra saída. Não podia sequer dar-se ao luxo de pensar em repetir o teste no ano seguinte, e logo imaginou uma alternativa. Fez duas provas para o serviço público e passou em ambas. Saiu de casa, aceitando a primeira designação que recebeu. Poucos meses depois, soube que havia um curso noturno de direito em Seul e decidiu matricular-se. Deu-se conta de que precisava do diploma de conclusão do ensino médio. Se mandasse uma carta pedindo uma cópia do diploma e esperasse recebê-lo do interior pelo correio, só o teria em mãos depois de encerrado o prazo de inscrição. Escreveu, então, uma carta ao pai, pedindo que ele fosse ao terminal rodoviário com uma cópia do certificado e pedisse a alguém que o levasse para Seul. Pediu também que ligasse para ele no trabalho depois de fazer o que fora combinado. Se o pai pudesse informar qual o horário de chegada do ônibus, ele iria ao terminal apanhar o certificado com a pessoa que o tivesse levado. Esperou e esperou, mas não houve ligação. No meio da noite, enquanto pensava no que poderia fazer com relação à inscrição, cujo prazo se encerraria no dia seguinte, alguém bateu com força na porta do centro comunitário. Ele morava no centro comunitário naquela época. Os empregados precisavam fazer rodízio para o trabalho noturno, mas, como ele não tinha um lugar para ficar, decidiu que moraria na sala do turno da noite: ele ficava de plantão noturno todos os dias. A batida na porta continuou como se alguém quisesse quebrá-la, e, quando ele abriu, havia um jovem parado na escuridão.

— Esta é sua mãe?

Sua mãe estava parada atrás do jovem, tremendo no frio. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, a mãe falou:

— Hyong-chol! Sou eu! Mamãe!

O jovem consultou o relógio e explicou:

— Restam apenas sete minutos para o toque de recolher! — E, virando-se para a mãe de Hyong-chol, despediu-se: — Adeus! — Em seguida correu no meio da escuridão para chegar em casa antes do toque de recolher instituído pelo governo.

O pai estava fora. Quando a irmã leu para Mamãe a carta de Hyong-chol, Mamãe preocupou-se e foi logo à escola. Ela conseguiu uma cópia do certificado de conclusão e correu para pegar o trem. Era a primeira vez na vida que andava de trem. Aquele jovem tinha visto Mamãe na estação de Seul perguntando às pessoas como chegar a Yongsan-dong. Ao ouvir Mamãe dizer que havia algo que ela precisava fazer chegar às mãos do filho sem falta naquela noite, o jovem viu-se forçado a levá-la pessoalmente ao centro comunitário. A mãe de Hyong-chol usava sandálias de plástico azuis no meio do inverno. Durante a colheita do outono, ela machucara o pé perto do dedão com uma foice e, como o ferimento ainda não estava inteiramente curado, a sandália de plástico era o único calçado que ela conseguia usar. Sua mãe deixou a sandália do lado de fora da sala do turno da noite antes de entrar e disse:

— Não sei se é tarde demais! — E mostrou o certificado de conclusão.

As mãos de Mamãe estavam congeladas. Ao segurá-las, prometeu a si mesmo que faria aquelas mãos e aquela mulher felizes a qualquer custo. Mas uma reprimenda escapou de sua

boca e ele perguntou como ela tivera coragem de seguir um estranho só porque ele lhe dissera para fazer isso. Mamãe o repreendeu:

— Como consegue viver sem confiar nas pessoas? Há mais gente boa do que má! — E deu seu típico sorriso otimista.

Ele para na frente do centro comunitário fechado e observa o prédio. Mamãe não podia ter ido até ali. Se tivesse ideia de como chegar ao centro, podia ter ido à casa de um dos filhos. A mulher que disse ter visto sua mãe ali lembrou-se dela pelos olhos. Disse que sua mãe estava usando sandálias azuis de plástico. Sandálias azuis de plástico. Somente agora ele se lembra de que os calçados que Mamãe usava quando desapareceu eram sandálias beges de salto baixo. O Pai contara a ele. No entanto, a mulher que dissera que as sandálias de Mamãe tinham cortado seu pé porque ela caminhara muito afirmou com segurança que elas eram azuis. Ele espia dentro do centro comunitário, depois desce as ruas que levam à Escola Feminina Posong e à igreja Eunsong, olhando para todos os lados.

Aquela sala do turno da noite ainda existe no centro comunitário?

Aquela foi a sala do turno da noite na qual ele dormira ao lado de Mamãe tantos anos antes, partilhando um cobertor. Ao lado da mulher que pegou o trem para Seul sem nem um mapa na mão, para levar o certificado de conclusão do ensino médio ao filho. Aquela devia ter sido a última vez que ele tinha deitado ao lado de Mamãe daquele jeito. Com um vento gelado entrando em ondas pela parede voltada para a rua.

— Consigo dormir melhor quando estou perto da parede — disse sua mãe, e trocou de lado com ele.

— Venta muito — argumentou ele e levantou-se para empilhar sua bolsa e os livros contra a parede, para bloquear o vento. Ele também amontoou as roupas que tinha usado aquele dia junto à parede.

— Está bom assim — disse Mamãe, empurrando a mão do filho. — Vá deitar, você precisa levantar cedo para o trabalho amanhã.

— Como está sendo sua primeira visita a Seul? — perguntou ele, os olhos fixos no teto, deitado ao lado da mãe.

— Nada especial — respondeu mamãe, e riu. Virou-se para olhá-lo e começou a falar sobre tempos passados. — Você foi meu primeiro filho. Essa não é a única coisa que você me forçou a fazer pela primeira vez. Tudo o que você faz abre um novo mundo para mim. Você me forçou a fazer tudo pela primeira vez. Foi o primeiro que fez minha barriga crescer e o primeiro que eu amamenteei. Eu tinha a sua idade quando você nasceu. Quando vi pela primeira vez seu rostinho vermelho e suado, os olhos fechados... As pessoas dizem que quando têm o primeiro filho ficam surpresas e felizes, mas acho que fiquei triste. Eu tive de fato esse bebê? O que faço agora? Senti tanto medo que no início nem conseguia tocar em seus dedinhos encolhidos. Você apertava as mãozinhas minúsculas e as fechava com força. Se eu abrisse seus punhos fechados erguendo um dedinho de cada vez, você sorria... Eles eram tão pequenos que eu pensava: “Se eu continuar a mexer neles, podem até desaparecer.” Porque eu não sabia

nada. Casei-me aos 17 anos e, como aos 19 ainda não engravidara, sua tia dizia que eu provavelmente não podia ter filhos, então, quando eu descobri que estava grávida de você, a primeira coisa que pensei foi: “Agora não preciso mais ouvir isso dela...” E foi o que me deixou mais entusiasmada. Mais tarde, fiquei feliz de ver os dedinhos de seus pés e mãos crescerem a cada dia. Quando ficava cansada, ia para o quarto e abria um a um os dedos de sua mãozinha. Tocava seu pezinho. Ao fazer isso, me sentia revigorada. A primeira vez que coloquei sapatinhos em você, fiquei realmente muito feliz. Quando você deu seus primeiros passos vacilantes na minha direção, ri muito. Mesmo que alguém tivesse despejado uma montanha de ouro, prata e joias diante de mim, eu não teria rido tanto. E como acha que me senti quando mandei você para a escola? Quando prendi a etiqueta com seu nome e um lenço no seu peito, senti-me muito adulta. Como posso comparar a felicidade que experimentei observando suas pernas ficarem mais fortes? Todos os dias eu cantava “cresça, cresça, meu bebê”. E então um dia você estava maior que eu.

Ele olhou para Mamãe, enquanto as palavras saltavam de sua boca, como em uma confissão. Mamãe virou-se na cama para olhá-lo de frente e afagou seus cabelos.

— Embora eu tenha dito que esperava que você se tornasse logo alto e grande, senti medo quando você ficou maior que eu, mesmo sendo meu filho.

Ele pigarreou, virou-se e olhou o teto de novo, de modo a esconder seus olhos umedecidos.

— Diferentemente de outras crianças, você não precisava que eu lhe dissesse o que fazer. Fazia tudo sozinho. Você era bonito e se saía bem na escola. Sinto muito orgulho e, às vezes, fico espantada de você ter saído de mim... Veja, se não fosse por você, quando eu teria a oportunidade de vir a Seul?

Ele decidiu que ganharia muito dinheiro para que, quando Mamãe voltasse para aquela cidade, pudesse dormir em um lugar aquecido. Para que ela não precisasse dormir no frio. Algum tempo se passou. Mamãe chamou, em voz baixa:

— Hyong-chol.

Ele ouviu a voz distante da mãe, meio adormecido. Mamãe estendeu o braço e afagou sua cabeça. Sentou-se, admirou o rosto adormecido do filho e tocou sua testa.

— Desculpe.

Mamãe levou rapidamente a mão aos olhos para secar as lágrimas, mas elas caíram no rosto do filho.

Quando ele acordou, ao amanhecer, sua mãe varria o chão do centro comunitário. Tentou impedi-la, mas Mamãe retrucou:

— Não tem problema, eu não estava fazendo nada.

E, como se fosse ser castigada se não fizesse alguma coisa, lavou o chão e limpou com cuidado as mesas dos empregados. A respiração ofegante de Mamãe era perceptível, e a parte de cima do seu pé, inchado, empurrava as tiras da sandália azul. Enquanto esperavam que a loja na vizinhança na qual poderiam tomar sopa de broto de feijão na primeira refeição do dia abrisse, as mãos de Mamãe fizeram o centro comunitário brilhar.

A casa ainda existe. Os olhos dele se arregalam. Ele vasculha as ruas estreitas à procura de Mamãe. Agora, enquanto o sol se põe, ele descobre que está diante da casa onde alugara um quarto trinta anos antes. Estende os braços para tocar o portão, encantado. As ponteiras de aço afiadas e em forma de flecha no alto do portão da frente continuam lá, as mesmas de trinta anos atrás. As mulheres que um dia o amaram, mas que acabaram por abandoná-lo, às vezes penduravam no portão um saco plástico cheio de pãezinhos chineses quando ele não estava. Todas as outras casas próximas tinham virado prédios.

Ele lê o anúncio fixado no portão:

100 mil won por mês, com depósito de 10 milhões de won. Possibilidade de 150 mil won por mês com depósito de 5 milhões de won.

Oito pyong (27 m²), pia padrão, chuveiro dentro do banheiro.

Perto de Namsan, ótimo para a prática de exercícios. Distância de Kangnam: 20 minutos. Chongno: 10 minutos.

Contras: banheiro pequeno. Você não vai viver dentro dele. Difícil encontrar algo tão barato em Yongsan. Motivo para a mudança: comprei um carro e preciso de estacionamento. Favor enviar mensagem de texto ou e-mail. Aluguel direto para economizar taxas de corretagem.

Após ler inclusive o número de telefone celular e o endereço de e-mail, ele empurra o portão devagar. O portão se abre exatamente como trinta anos atrás. Ele olha para dentro. Uma casa em forma de U, a mesma de trinta anos atrás, a porta de cada cômodo voltada para o pátio. O quarto em que ele dormia está com um cadeado na porta.

— Tem alguém aí? — grita, e duas ou três portas se abrem.

Duas jovens de cabelos curtos e dois rapazes de mais ou menos 17 anos olham para ele. Ele entra no pátio.

— Viram essa pessoa?

Mostra o panfleto primeiro às jovens. Em seguida o entrega aos rapazes, que já começam a fechar a porta. Há duas outras jovens mais ou menos da mesma idade dentro do quarto deles. Os rapazes, ao pensarem que ele está olhando, fecham a porta com violência. O exterior parece o mesmo de antes, mas o interior se transformou em um apartamento conjugado. Os proprietários devem ter feito uma reforma, criando um espaço único, unindo cozinha e sala. Ele consegue ver uma pia no canto do quarto das jovens.

— Não — responderam as jovens, e devolveram o panfleto.

Estão com olhos sonolentos; talvez estivessem cochilando. Elas o observam dar meia-volta e dirigir-se ao portão. No instante em que põe o pé do lado de fora, a porta dos rapazes se abre e alguém grita:

— Espere! Acho que esta avó estava sentada na frente do portão dias atrás.

Quando ele se aproxima do quarto, o outro rapaz coloca a cabeça para fora e retruca:

— Não, já falei que não é ela. Essa senhora é mais jovem. Aquela era toda enrugada. Seus cabelos também não eram assim... e ela era mendiga.

— Mas os olhos eram os mesmos. Preste atenção nos olhos, os dela eram iguais a esses... Se a encontrarmos, você nos dá de fato 5 milhões de wons?

— Eu darei algum dinheiro, contanto que me digam exatamente o que aconteceu, mesmo que não a tenham encontrado. — Pediu aos rapazes para que fossem ali fora. As jovens, que tinham fechado a porta de seu quarto, abrem-na de novo e espiam.

— Aquela senhora era a do bar lá adiante, no final da rua. Ela ficava trancada porque tinha demência e podia fugir e se perder. O proprietário do bar veio aqui e a levou para casa.

— Não é aquela senhora; vi essa também. Ela tinha um machucado no pé, que estava coberto de pus. O tempo todo enxotava as moscas... Embora eu não tenha olhado muito de perto porque ela cheirava mal e estava suja.

— E depois? Viu para onde ela foi? — Hyong-chol insiste.

— Não. Logo entrei. Ela ficou tentando entrar, por isso bati o portão...

Ninguém mais vira Mamãe. O jovem acompanha-o até a saída e confirma:

— Eu a vi, de verdade!

Ele olha toda a extensão da rua, correndo na frente de Hyong-chol. Hyong-chol lhe dá um cheque de 100 mil wons quando vai embora. Os olhos do jovem faíscam. Hyong-chol pede que ele faça com que a senhora fique com ele se a vir de novo e que lhe telefone em seguida. Sem ouvir com muita atenção, o rapaz pergunta:

— Nesse caso você me dará 5 milhões de wons?

Hyong-chol assente com um gesto de cabeça. O jovem pede mais alguns panfletos. Afirmo que os fixará no posto de gasolina onde trabalha meio expediente. Diz que se Hyong-chol encontrar a mãe depois disso, ele deverá ser recompensado com os 5 milhões de wons, porque terá sido graças a ele. Hyong-chol confirma que a recompensa está garantida.

Elas desapareceram aos poucos — promessas que ele fizera a si mesmo por Mamãe, que trocara de lugar com ele na sala do turno da noite no centro comunitário para protegê-lo do vento frio, dizendo “Consigo dormir melhor quando estou perto da parede”. O compromisso que ele assumira de que Mamãe dormiria em um quarto aquecido quando voltasse para essa cidade.

Ele tira um cigarro do bolso e o coloca na boca. Não sabe exatamente quando isso aconteceu, mas em determinado momento suas emoções não eram mais só dele. Ocupa-se de sua vida, tendo quase esquecido Mamãe. *O que eu estava fazendo quando Mamãe foi deixada para trás na plataforma de uma estação de metrô desconhecida, depois de não conseguir pegar o trem com o Pai?* Ele ergue mais uma vez os olhos para o centro comunitário e vira-se. *O que eu estava fazendo?* Ele se envergonha. No dia anterior ao desaparecimento de Mamãe, ele saíra para beber com os colegas de trabalho, mas o programa não acabara bem. Seu colega Kim, que em geral era respeitoso e educado, fizera uma observação sutil a respeito dele após alguns drinques, declarando-o “inteligente”. No trabalho, Hyong-chol era encarregado da

venda dos apartamentos próximos a Songdo em Inchon, e Kim supervisionava a venda dos apartamentos perto de Yongin. A observação de Kim de que Hyong-chol era inteligente referia-se à ideia de distribuir ingressos para o show de um cantor popular entre o público de meia-idade como brinde para as pessoas que fossem ao apartamento-modelo. Não fora ideia dele, mas de sua irmã, a escritora. Quando Chi-hon estivera na casa do irmão, a esposa dele lhe dera um tapete de banheiro que fora o brinde da última campanha de venda de apartamentos, e a irmã dissera:

— Não sei por que as empresas acreditam que as donas de casas gostam desse tipo de coisa.

Ele andava pensando no que oferecer como brinde dessa vez, por isso perguntou:

— Então, o que você acha que seria memorável?

— Não tenho certeza, mas as pessoas logo se esquecem de coisas assim. Não seria melhor se fosse uma caneta ou coisa parecida? Pense bem. Acha que sua esposa ficaria feliz se lhe dessem apetrechos de cozinha como presente de aniversário? Se você recebe um tapetinho como promoção da venda de um apartamento, logo esquece. Mas acho que eu ficaria agradavelmente surpresa se ganhasse um livro ou um ingresso de cinema, e com certeza me lembraria do presente. Se eu tiver que fazer planos para usar o brinde, sempre me lembrarei de como o consegui. Sou a única pessoa que pensa assim?

Sua irmã deixou o tapetinho quando foi para casa.

Numa reunião na semana seguinte, alguém mencionou brindes promocionais. Todos gostaram da ideia dos brindes culturais. Coincidentemente, um cantor com muitos fãs de meia-idade estava em turnê, por isso Hyong-chol conseguiu uma boa quantidade de ingressos. Ele foi elogiado pelo chefe. Talvez fosse um cantor de quem o chefe gostasse. Uma pesquisa mostrou que os ingressos para shows melhoraram a imagem da companhia. É provável que isso não tivesse relação com os brindes, mas seus apartamentos em Songdo foram quase todos vendidos enquanto a taxa de ocupação dos apartamentos de Kim em Yongin estacionou em apenas 60 por cento. Assim, quando Kim fez o comentário de que ele era inteligente, Hyong-chol apenas riu, dizendo que tivera sorte, mas, após alguns drinques, Kim disse que se Hyong-chol usasse sua inteligência para outros fins, poderia ter se tornado promotor. Kim sabia que Hyong-chol cursara a escola de direito e estudara para o exame do Conselho dos Advogados. Ele foi adiante e comentou que não sabia qual esquema Hyong-chol usava para ser promovido tão depressa, quando ainda não era formado pela Universidade Yonsei nem pela Universidade Koryo, que produziam os mais poderosos executivos na empresa. No final, Hyong-chol jogou fora a bebida que Kim colocara em seu copo e foi embora. Na manhã seguinte, quando sua esposa disse que visitaria a filha do casal, Chin, em vez de ir à estação de Seul, ele planejara encontrar os pais. O Pai queria ir para a casa do seu irmão, que acabara de se mudar. Hyong-chol pretendia pegá-los e deixá-los na casa do irmão, mas quando chegou ao trabalho sentiu calafrios e dor de cabeça. O Pai dissera que conseguiria encontrar o caminho... Em vez de ir à estação de Seul, ele foi a uma sauna perto do trabalho. Enquanto transpirava na sauna, que visitava sempre depois que bebia demais, o Pai pegava o trem sem Mamãe.

Quando menino, Hyong-chol tomara a decisão de tornar-se promotor para que Mamãe voltasse para casa. Ela fora embora porque se decepcionara com o Pai. Em um dia de primavera, em que as flores se abriam ao redor da aldeia, ele tinha levado para casa uma mulher de pele clara, que cheirava a pó facial. Quando a mulher entrou pelo portão da frente, Mamãe saiu pelo dos fundos. A mulher, na tentativa de comprar o coração frio de Hyong-chol, todos os dias coroaava seu almoço com um ovo frito. Ele saía de casa feito um furacão carregando seu almoço, que a mulher enrolava cuidadosamente com um lenço, deixava-o em cima dos grandes potes de condimentos nos fundos da casa e ia para a escola. Seus irmãos, de olho nele, pegavam sorrateiramente os almoços que a mulher preparava. Em uma manhã úmida, a caminho da escola, ele encontrou os irmãos no riacho do cemitério. Cavou um buraco próximo a um frondoso salgueiro-chorão e fez os irmãos enterrarem seus almoços. Seu irmão tentou fugir, mas Hyong-chol o alcançou e bateu nele. As irmãs obedientemente enterraram a comida. Ele pensou que a mulher acabaria sem condições de preparar almoço para eles. Mas ela ia à cidade e comprava novos recipientes. Não eram recipientes de alumínio comum, mas uns que mantinham o arroz aquecido. Admirados, seus irmãos tocaram os novos recipientes com cautela. Quando a mulher lhes entregou o almoço, seu irmão e suas irmãs olharam para ele. Ele empurraria seu almoço varanda afora e iria sozinho para escola. Os irmãos esperariam até que ele tivesse sumido de vista, então iriam para a escola, carregando o almoço quente. Talvez por ter ouvido alguém dizer que Hyong-chol não estava levando os almoços feitos pela mulher e que também não os estava comendo, Mamãe foi à escola procurá-lo. Foi mais ou menos dez dias depois de a mulher ter ido morar com eles.

— Mamãe! — Lágrimas saltaram de seus olhos.

Mamãe conduziu-o até a colina atrás da escola. Ergueu as pernas das calças dele até as panturrilhas ficarem à mostra, pegou uma vara e começou a bater no menino.

— Por que não está comendo? Achou que eu ficaria feliz se você não comesse?

Mamãe batia com força. Ele ficara indignado porque seus irmãos não o ouviam e agora não conseguia entender por que Mamãe batia nele. Seu coração transbordava de ressentimento. Não sabia por que Mamãe estava tão zangada.

— Você vai levar seu almoço, não vai?

— Não.

— Seu...

Mamãe batia cada vez mais rápido. Ele não reclamou de dor nem uma vez, e logo Mamãe se cansou. Em vez de correr e fugir, ele permaneceu parado, em silêncio, e aguentou as varadas.

— Nem agora?

A vermelhidão se transformou em sangue nas suas panturrilhas.

— Nem agora! — gritou.

Por fim, Mamãe atirou a vara longe e esbravejou:

— Meu Deus, seu fedelho! Hyong-chol! — E irrompeu em soluços, abraçando-o.

Por fim parou de chorar e tentou persuadi-lo. Ele precisava comer, ela disse, sem se importar com quem preparava as refeições. Disse que sua tristeza seria menor se ele se

alimentasse bem. Tristeza. Era a primeira vez que ouvia Mamãe pronunciar essa palavra. Não compreendia por que sua alimentação adequada deixaria Mamãe menos triste. Como Mamãe saía de casa por causa daquela mulher, ele tinha a impressão de que ela ficaria triste se ele comesse a comida da outra mulher, mas Mamãe estava dizendo o oposto. Ela ficaria menos triste se ele comesse, mesmo que fosse a comida daquela mulher. Ele não entendia, mas, como não a queria triste, respondeu, mal-humorado:

— Vou comer.

— Esse é o meu menino. — Os olhos de mamãe, cheios de lágrimas, iluminaram-se quando ela sorriu.

— Então prometa que voltará para casa — insistiu ele.

Mamãe vacilou.

— Não quero voltar para casa.

— Por quê? Por quê?

— Nunca mais quero ver seu pai.

Lágrimas rolaram por seu rosto. Mamãe agia como se de fato jamais fosse voltar para casa. Talvez por isso ela tenha dito que ele devia comer, não importava quem preparasse a comida.

— Mamãe, farei qualquer coisa. Trabalharei nos campos e nos arrozais e varrerei o quintal e apanharei água. Moerei o arroz e acenderei o fogo. Enxotarei os ratos e matarei as galinhas para os rituais ancestrais. Volte, por favor!

Para rituais ancestrais ou dias santos, Mamãe implorava ao Pai ou a qualquer outro homem na casa que matasse uma galinha para ela. Mamãe, que ia para o campo após uma chuva forte e durante um dia inteiro endireitava pés de feijão caídos, que praticamente carregava o Pai nas costas para levá-lo de volta para casa quando ele bebia demais, que batia no traseiro do porco com um pedaço de pau para indicar o caminho de volta quando ele escapava do chiqueiro, não conseguia matar uma galinha. Quando Hyong-chol pegava um peixe no riacho, ela não conseguia tocar nele antes que estivesse morto. Quando os alunos recebiam a instrução de levar o rabo de um camundongo para mostrar que tinham capturado um camundongo em casa nos Dias de Caça ao Camundongo, as mães de outras crianças pegavam um camundongo, cortavam o rabo fora e o embrulhavam em papel para ser levado à escola. Mas Mamãe se encolhia só de ouvir falar no assunto. Mamãe, uma mulher de compleição robusta, não conseguia caçar um ratinho. Quando ia ao galpão pegar arroz e deparava com um camundongo, gritava e saía correndo. A Tia olhava com ar de reprovação e reclamava com Mamãe quando ela disparava do galpão com o rosto vermelho. Mesmo com a promessa do filho de matar galinhas e caçar ratos, Mamãe não disse que voltaria para casa.

— Eu me tornarei uma pessoa importante — prometeu Hyong-chol.

— O que vai ser?

— Promotor público!

Os olhos de Mamãe cintilavam.

— Se quiser ser promotor público, precisa se dedicar aos estudos. Muito mais do que acha que se dedica. Conheço um sujeito que queria ser promotor público, estudava dia e noite, mas nunca conseguiu passar e acabou ficando doido.

— Farei o que for preciso se a senhora voltar para casa...

Mamãe olhava com ternura dentro dos olhos ansiosos do filho. Sorria.

— Sim, sei que você fará. Você conseguiu dizer *Mamã* antes dos cem dias de vida. Embora ninguém o tenha ensinado a ler, você aprendeu assim que foi para a escola e era o primeiro da turma. — Suspirou. — Não sei por que saí daquela casa enquanto você estava lá... Por que não pensei nisso? Você estava lá.

Mamãe observou as panturrilhas do filho manchadas de sangue, deu meia-volta e se acocorou, dizendo-lhe para subir nas suas costas. Ele olhou para ela. Mamãe girou a cabeça.

— Suba, vamos para casa.

Foi assim que Mamãe, naquela tarde, voltou para casa, enxotou aquela mulher da cozinha e preparou a comida. No dia em que a mulher e o Pai foram morar em outra casa na cidade, Mamãe arregaçou as mangas, botou mãos à obra, pegou a panela de arroz pendurada sobre a lareira e mandou-a arrojado abaixo. Parecia que Mamãe tinha se tornado uma lutadora para manter a promessa que fizera ao filho e voltar para casa. Quando o Pai e a mulher, não conseguindo suportar os ataques de Mamãe, deixaram de vez a cidade, Mamãe chamou Hyong-chol para perto dela e sentou-o à sua frente, joelho contra joelho. Mamãe perguntou-lhe com voz tranquila, e ele uma vez mais temeu que ela partisse:

— Quanto você estudou hoje?

Quando Hyong-chol mostrou a prova em que obtivera a nota máxima, os olhos sombrios de Mamãe recobriram o brilho. Ela examinou a prova, na qual a professora fizera círculos vermelhos em todas as perguntas que ele acertara, e abraçou-o com força.

— Ah, meu menino!

Mamãe o mimava quando o Pai estava fora. Permitia que ele andasse na bicicleta do Pai. Cedia-lhe a esteira em que o Pai dormia e o cobria com o cobertor do Pai. Servia arroz para ele na tigela grande que só o Pai usava. Colocava a primeira tigela de sopa na sua frente. Quando seus irmãos começavam a comer ela os repreendia:

— Seu irmão ainda nem pegou a colher!

Quando o vendedor de frutas aparecia com uma caixa cheia de uvas, ela trocava meia tigela de sementes de gergelim que secavam no pátio por algumas uvas e guardava-as para ele, avisando aos outros filhos:

— São para seu irmão.

Cada vez que fazia isso, ela lembrava:

— Você precisa se tornar promotor público.

Ele achava que precisava se tornar promotor público para manter Mamãe em casa.

Naquele outono Mamãe colheu arroz, descascou-o e secou-o sozinha, sem o Pai. De manhã, bem cedo, ela ia para os campos, curvava-se, cortava arroz com uma foice, colhia os grãos e espalhava-os no chão ao sol para que secassem. Chegava em casa quando já estava escuro. Quando Hyong-chol tentava ajudar, Mamãe dizia “Vá estudar” e o empurrava na direção da escrivaninha. Em domingos quentes, depois que todo o arroz era colhido, ela levava os outros filhos para a plantação nas colinas e os fazia arrancar batatas-doces, mas o

empurrava para os livros. Eles voltavam quase ao anoitecer com um carrinho de mão cheio de batatas-doces. Um dia, seu irmão, que queria ficar em casa para estudar mas era forçado a acompanhar Mamãe, debruçou-se sobre o poço, tentando com uma escova remover a sujeira acumulada embaixo das unhas, e perguntou:

— Mamãe, Hyong-chol é muito importante?

— Sim! Ele é muito importante!

Mamãe deu um cascudo na cabeça do filho e não pensou mais na pergunta.

— Então a senhora não precisa de nós?

A face do irmão estava vermelha por causa do tempo frio e seco.

— Não! Não preciso de vocês.

— Então vamos morar com o Pai!

— O quê? — Mamãe estava pronta para dar outro cascudo na cabeça do filho, mas não o fez. — Vocês são muito importantes, também. Todos são importantes! Venham cá, meus filhos importantes!

Todos riram. Sentado no seu quarto, na frente da escrivaninha, ouvindo a família fora da casa, ao lado do poço, Hyong-chol também sorriu.

Não se sabe exatamente quando, mas Mamãe parou de trancar o portão à noite. E, algum tempo depois, ao servir arroz de manhã, passou a colocar um pouco na tigela do Pai e a deixá-la sob uma manta na parte mais aquecida da sala. Hyong-chol estudou com mais empenho ainda enquanto o Pai esteve fora. Mamãe não queria que ele ajudasse na lavoura. Mesmo quando gritava com os outros filhos porque tinham deixado que as pimentas se espalhassem pelo quintal na chuva, ela baixava a voz se imaginasse que ele estava estudando. O rosto de Mamãe estava sempre marcado por fadiga e preocupação, mas, quando ele estudava em voz alta, a pele ao redor dos olhos dela ficava mais luminosa, como se tivesse passado pó facial. Mamãe abria e fechava a porta do quarto dele com cuidado. Em silêncio, abria a porta, deslizava batatas-doces cozidas ou caquis para dentro do quarto e fechava a porta sem ser notada. Uma noite de inverno, enquanto a neve fustigava a varanda, o Pai atravessou o portão aberto, pigarreou, pegou os sapatos, bateu-os contra a parede para tirar a neve e abriu a porta. Fazia tanto frio que todos dormiam juntos. Com os olhos entreabertos, Hyong-chol observou o Pai tocar a cabeça de todos e olhar para eles. Viu Mamãe colocar na mesa a tigela de arroz que mantivera na parte mais quente da sala, depois trazer algas marinhas torradas com óleo de perila e colocá-las ao lado da tigela e, por fim, sem dizer uma palavra, deixar uma tigela de água da fervura do arroz ao lado da tigela de arroz, como se o Pai tivesse saído naquela manhã e voltado de noite, e não saído no verão e voltado no inverno.

Quando Hyong-chol se formou e passou no exame de seleção para a empresa onde trabalha agora, Mamãe não ficou feliz. Nem ao menos sorriu quando os vizinhos a cumprimentaram pelo emprego de Hyong-chol em um dos maiores conglomerados do país. Quando voltou para casa com o tradicional presente de roupas de baixo comprado com seu primeiro salário, ela mal olhou para ele e disparou:

— O que aconteceu com o que você pretendia ser?

Ele respondeu que daria duro na empresa, economizaria durante dois anos e voltaria a

estudar.

Agora, ele refletia sobre tudo aquilo. Mamãe, quando mais jovem, era uma presença que o incentivava a continuar construindo sua determinação como homem, como ser humano.

Foi quando Mamãe levou a irmã dele, que acabara de concluir o ensino médio, para morar com ele na cidade, que ela começou a pedir desculpas o tempo inteiro. Mamãe levou a filha para morar com o irmão quando ele tinha 24 anos. Isso foi antes de ele conseguir economizar dinheiro, antes de poder repetir o exame para o Conselho dos Advogados. Ela não conseguia encará-lo.

— Por ser menina, precisa estudar um pouco mais. De algum modo você precisa fazer com que ela vá à escola aqui. Não quero que viva como eu.

Encontraram-se na frente da torre do relógio na estação de Seul. Antes de tomar o caminho de volta para casa, ela sugeriu uma refeição de arroz e sopa. Mamãe insistia em tirar a carne de sua sopa e colocá-la na tigela dele. Embora ele dissesse que não conseguiria comer toda a carne e que ela devia comer um pouco, Mamãe continuava a transferir a carne da sua tigela para a dele. Ainda que a ideia de comer tivesse sido sua, ela não comeu um pedaço de carne sequer.

— Não está comendo? — perguntou ele.

— Estou comendo, vou comer — respondeu ela, mas continuou transferindo carne para a tigela dele.

— Mas você... o que vai fazer?

Mamãe largou a colher suja de sopa.

— É tudo culpa minha. Sinto muito, Hyong-chol.

Parada na estação de Seul para tomar o trem para casa, as mãos ásperas, com as unhas cortadas rentes enfiadas no fundo dos bolsos, Mamãe tinha os olhos marejados de lágrimas. Ele pensou então que os olhos dela pareciam os de uma vaca, inocentes e dóceis.

Ele telefona para a irmã, que está na estação de Seul. Está começando a escurecer. A irmã fica em silêncio quando ouve a sua voz. Parece que ela quer que ele fale primeiro. Eles relacionaram os números dos telefones celulares de todos no panfleto, mas sua irmã recebe a maioria das chamadas. Quase todas com informações falsas. Um sujeito disse: “A senhora está comigo agora.” Ele até deu uma explicação detalhada de onde estava. Sua irmã foi de táxi para a ponte de pedestres onde ele a mandara ir e encontrou um jovem bêbado, um homem, nem sequer uma mulher, roncando, tão alcoolizado que não teria percebido se alguém o tivesse recolhido como lixo.

— Ela não está aqui — diz ele à irmã.

Sua irmã solta um suspiro até então reprimido.

— Pretende continuar na estação? — pergunta ele.

— Mais um pouco... Ainda tenho alguns panfletos.

— Vou até aí. A gente pode comer algo.

— Não estou com fome.

— Então podemos beber.

— Beber?

Sua irmã fica em silêncio por um momento.

— Recebi um telefonema de um farmacêutico da Farmácia Sobu, em frente ao mercado Sobu, em Yokchon-dong, e ele disse que tinha visto um panfleto que seu filho levava para casa. Ele pensava ter visto alguém como Mamãe em Yokchon-dong dois dias atrás, mas disse que ela usava sandálias azuis de plástico. Que devia ter caminhado tanto que havia um corte na parte de cima do pé que tinha infeccionado até a unha do dedão e que ele colocara um remédio no local...

Sandálias azuis? Ele tirou o telefone celular do ouvido.

— Irmão!

Colocou o telefone de volta no ouvido.

— Vou até lá. Quer ir comigo?

— A Yokchon-dong? — pergunta ele. — Você quer dizer aquele mercado Sobu, perto de onde morávamos?

— Isso mesmo.

— Vamos.

Ele não quer ir para casa. Não tem nada especial para dizer quando encontrar a irmã. Quando ligou para ela, pensava apenas: “Não quero ir para casa.” Mas Yokchon-dong? Ergue a mão e faz sinal para um táxi. Ele não entende. Várias pessoas haviam ligado para dizer que tinham visto alguém como Mamãe usando sandálias azuis de plástico. Estranhamente, todas disseram tê-la visto em um bairro onde ele já tinha morado. Kaebong-dong, Taerim-dong, Oksu-dong, embaixo dos Apartamentos Naksan em Tongsung-dong, Suyu-dong, Singil-dong, Chongnung. Se ele aparecesse por lá, os informantes diriam que a tinham visto três dias antes ou, talvez, havia uma semana. Alguém disse inclusive que a tinha visto um mês antes de ela desaparecer. Toda vez que recebia uma pista, ele ia para aquele bairro, sozinho, com os irmãos ou com o pai. Embora todos dissessem que a tinham visto, ele não conseguia encontrar alguém parecido com ela, calçando sandálias azuis de plástico. Após ouvir suas histórias, o máximo que ele conseguia fazer era, por precaução, colar alguns panfletos nos postes do bairro, em uma árvore no parque ou em uma cabine telefônica. Quando passava pelos lugares onde tinha morado, parava e espiava dentro das casas em que outros moravam agora.

Não importava onde morasse, Mamãe jamais fora sozinha visitá-lo. Um membro da família sempre a esperava na estação de Seul ou no terminal rodoviário. Em Seul, Mamãe não ia a lugar algum se não houvesse uma pessoa para acompanhá-la até o próximo destino. Quando Mamãe ia para a casa do outro filho, ele ia buscá-la, e quando ia para a casa da filha,

era ela quem ia buscá-la. Ninguém jamais falou abertamente, mas em algum momento ficou implícito para ele e a família que Mamãe não podia circular sozinha nessa cidade. Assim, quando ela ia a Seul, alguém estava sempre ao seu lado. Ele deu-se conta, depois de colocar anúncio sobre Mamãe em um jornal e distribuir panfletos, de que vivera em 12 bairros na cidade. Agora ele endireita o corpo e olha para cima. Yokchon-dong foi o primeiro bairro onde ele conseguiu comprar uma casa em Seul.

— Teremos a Lua da Colheita em poucos dias... — Sua irmã esfrega nervosamente as unhas com a mão, já no táxi com destino a Yokchon-dong.

Ele está pensando a mesma coisa. Limpa a garganta e franze a testa. O feriado da Lua da Colheita se prolonga por vários dias. A mídia veicula todos os anos que naquele ano mais pessoas estão indo para o exterior durante o feriado do que em qualquer outro ano. Até dois anos antes, as pessoas criticavam quem viajava durante o feriado, porém agora todos alardeavam “Ancestrais, eu já volto” e iam para o aeroporto! Quando as pessoas começaram a realizar rituais ancestrais em condomínios onde tiravam férias no sistema de utilização partilhada, elas receavam que os espíritos ancestrais pudessem não encontrá-las, mas agora pegavam o avião sem problema. Naquela manhã, enquanto lia o jornal, sua esposa comentara, como se desse uma notícia:

— Dizem que mais de um milhão de pessoas irá para o exterior este ano.

— As pessoas certamente têm muito dinheiro — respondeu ele.

E ela resmungou:

— As pessoas que não podem viajar... bem... não são muito inteligentes.

O Pai apenas os observava.

A esposa prosseguiu:

— Como os colegas vão para o exterior durante a Lua Cheia da Colheita, as crianças disseram que gostariam de poder fazer o mesmo.

Quando ele lançou um olhar desconfiado para a esposa, sem querer ouvir mais aquela conversa, ela explicou:

— Você sabe, a garotada é sensível a esse tipo de coisa.

O Pai levantou-se da mesa e foi para o quarto.

— Está maluca? Isso é coisa que se fale nesse momento? — disparou.

E a esposa retrucou:

— Falei o que as crianças disseram, não falei que era isso que eu queria fazer. Não posso nem repetir o que as crianças disseram? Isso é muito frustrante. Devo passar a vida sem dizer nada? — Ela levantou-se da mesa e saiu.

— Não deveríamos realizar os rituais ancestrais? — pergunta Chi-hon.

— Desde quando você pensa nos rituais ancestrais? Você nunca veio ao menos passar o feriado em casa, e agora se preocupa com a Lua Cheia da Colheita?

— Eu estava errada. Não devia ter agido assim.

Ele observa a irmã enquanto ela para de esfregar as unhas e enfia as mãos nos bolsos do casaco. Ela ainda não se livrou desse hábito.

Na época em que moravam juntos em Seul, quando ele precisava dividir o quarto com o irmão e a irmã, ela ocupava o lugar mais próximo da parede, ele deitava no meio e o irmão ficava perto da outra parede. Quase todas as noites, ele sentia uma pancada na cabeça e acordava, e então percebia que a mão do irmão estava atravessada sobre seu rosto. Ele a tirava com cuidado e tentava voltar a dormir, mas aí era a mão da irmã que voava sobre seu peito. Era um hábito de quem estava acostumado a dormir em um quarto grande no interior e podia rolar na cama de um lado para o outro como bem entendesse. Uma noite, ele gritou quando levou um soco no olho. Seus irmãos acordaram.

— Ei! Você!

Sua irmã, entendendo com atraso o que acontecera, enfiou depressa as mãos nos bolsos da calça que usava para dormir e apertou-as nervosamente.

— Se pretende continuar assim, vá para casa!

No dia seguinte, sua irmã foi de fato para a casa de Mamãe e carregou todas as suas coisas. Mamãe levou-a de volta. Mandou que ela se ajoelhasse na frente do irmão e pedisse perdão. A irmã não se mexeu, obstinada.

— Peça perdão a ele — insistiu Mamãe, mas ela não se mexeu.

Sua irmã era dócil, mas, se enfiava uma coisa na cabeça, ninguém conseguia dissuadi-la. Certa vez, quando ele estava no ensino médio, forçara a irmã a lavar seus tênis, embora ela não quisesse. Em geral ela lavava seus tênis sem reclamar. Mas naquele dia ela ficou tão irritada que levou os tênis novos do irmão para o riacho e mandou-os correnteza abaixo. Ele correu toda a extensão do riacho para recuperar os tênis flutuantes. Depois de algum tempo isso passou a ser apenas uma lembrança partilhada pelos irmãos, mas na época ele voltou furioso para casa, com apenas um pé do tênis já verde pelo limo da água e pelas algas pegajosas, e denunciou a irmã. Nem quando Mamãe pegou o atizador de fogo e perguntou onde ela tinha aprendido a ser tão geniosa, a irmã pediu desculpas. Ao contrário, irritou-se com Mamãe.

— Eu disse que não queria lavar! Falei para ele que não queria! Não vou fazer nada que eu não queira!

No pequeno quarto, Mamãe insistiu com Chi-hon:

— Mande que pedisse perdão a ele. Falei que seu irmão era seu pai, aqui. Se você não corrigir o hábito de pegar suas coisas e ir embora porque seu irmão a repreendeu, isso continuará pelo resto da vida. Se alguma coisa não sair do seu jeito, mesmo depois de casada, você vai pegar suas coisas e ir embora?

Quanto mais Mamãe lhe pedia para se desculpar, mais as mãos da irmã se enterravam nos bolsos.

Entristecida, Mamãe suspirou:

— Agora essa filha não me escuta mais. Ela me ignora porque não tenho nada e não tenho instrução... — e ameaçou chorar.

Somente quando os lamentos cada vez mais intensos de Mamãe se transformaram em

lágrimas, sua irmã falou.

— Não é isso, Mamãe!

Para evitar que Mamãe continuasse a chorar, ela precisava dizer “Eu vou pedir perdão, vou pedir desculpas”. Então tirou as mãos dos bolsos e pediu que ele a perdoasse. Desde então, a irmã passou a dormir com as mãos nos bolsos. Sempre que ele levantava um pouco a voz, ela rapidamente enfiava as mãos nos bolsos.

Após o desaparecimento de Mamãe, cada vez que alguém apontava algum erro, ainda que banal, a irmã teimosa admitia, entristecida: “Sinto muito, eu não devia ter feito isso.”

— Quem lavará as janelas da casa? — pergunta Chi-hon ao irmão.

— Do que está falando?

— Se telefonássemos nessa época do ano Mamãe estaria sempre limpando as janelas.

— As janelas?

— Sim. E ela sempre dizia: “Como posso ter janelas sujas quando a família está para chegar para a Lua Cheia da Colheita?”

As muitas janelas da casa de campo desfilam de repente diante dos olhos dele. A casa, reformada poucos anos antes, tem janelas em todos os cômodos, em especial na sala de estar, diferentemente da casa antiga, onde havia uma só vidraça na porta.

— Quando sugeri que contratasse alguém para limpar as janelas, ela argumentou: “Quem virá até esse buraco no interior para fazer isso?”

A irmã suspira, estende o braço para fora da janela do táxi e esfrega o vidro.

— Quando éramos pequenos, ela tirava todas as portas da casa nessa época do ano... Lembra-se disso? — ela pergunta.

— Claro que me lembro.

— Lembra-se mesmo?

— Já respondi que sim!

— Mentiroso.

— Por que acha que estou mentindo? Eu me lembro. Ela costumava grudar folhas de bordo nas portas. Embora a Tia reclamasse muito.

— Então você se lembra, mesmo. Lembra-se de ir à casa da Tia pegar folhas de bordo?

— Sim, eu me lembro.

Antes de a nova casa ser construída, Mamãe escolhia um dia de sol pouco tempo antes da Lua Cheia da Colheita e retirava uma a uma as portas da casa. Esfregava as portas com água e as colocava para secar ao sol, depois fazia uma espécie de cola e, com um pincel, grudava papel de amoreira novo, quase translúcido, nas portas. Sempre que via as portas retiradas dos batentes, secando, apoiadas contra a parede da casa, ele pensava: “Ah, é quase Lua Cheia da Colheita.”

Por que ninguém ajudava Mamãe quando ela estava colando o papel novo, se havia tantos homens na família? É provável que sua irmã apenas brincasse ao redor, mergulhando um dedo no balde de cola aguada. Mamãe pegava o pincel e rapidamente o enfiava na cola como se, com extrema perícia, estivesse desenhando orquídeas para uma pintura tradicional no papel e, sozinha, colava o papel no alizar limpo da porta com movimentos precisos. Seus gestos eram despreocupados e alegres. Mamãe fazia o trabalho que ele não ousaria tentar agora, embora fosse muito mais velho do que ela era na época, e ela o fizesse com rapidez e desenvoltura. Mamãe, com um pincel grande na mão, mandava a filha, que brincava mexendo na cola, ou ele, que perguntava se podia ajudar, apanhar folhas de bordo. Embora houvesse muitas árvores no quintal da casa, pés de caqui, de ameixa, árvore-do-céu e jujubeiras, Mamãe pedia especificamente folhas de bordo, que eles não tinham em casa. Certa vez, para consegui-las, ele saiu de casa, passou por várias ruas e pelo riacho e desceu toda a estrada nova até chegar à casa da Tia. Enquanto ele apanhava as folhas de bordo, a Tia perguntou:

— O que fará com elas? Foi sua mãe quem o mandou aqui? Qual é o absurdo que sua mãe está fazendo? Se alguém olha uma porta com folhas de bordo no inverno, sente frio, mas sua mãe vai fazer isso de novo, mesmo que eu sempre aconselhe a parar!

Quando ele levou para casa dois punhados de folhas de bordo, Mamãe arrumou com capricho as mais bonitas ao lado da maçaneta de todas as portas e colou papel de amoreira por cima. As folhas decoravam o ponto onde mais camadas de papel eram coladas, para evitar que aquela área, onde as pessoas tocavam a porta para abrir e fechar, rasgasse. Na porta dele, Mamãe pôs três folhas a mais do que nas outras, espalhando as cinco folhas como se fossem flores, pressionando-as com cuidado com as palmas das mãos. Depois perguntou “Você gostou?”. Parecia uma criança abrindo cinco dedos. Não importava o que a Tia dissesse, elas pareciam bonitas aos olhos dele. Quando ele respondeu que eram lindas, um enorme sorriso iluminou o rosto de Mamãe. Para ela, que não gostava de começar o feriado com portas furadas ou lascadas, gastas por terem sido abertas e fechadas durante o verão inteiro, colar um novo papel sobre elas representava o começo do outono e o início da Lua Cheia da Colheita. Ela provavelmente também queria evitar que a família pegasse resfriados com o vento mais frio que soprava depois do verão. Seria esse o máximo de romantismo que Mamãe conseguia experimentar naquela época?

Ele enfia inconscientemente as mãos nos bolsos das calças, como faz a irmã. As folhas de bordo coladas perto das maçanetas das portas continuaram com a família naquela casa após o fim da Lua Cheia da Colheita. Atravessaram o inverno e a neve, até que novas folhas de bordo brotaram na primavera.

O sumiço de Mamãe desencadeou a lembrança de acontecimentos que ele julgava ter esquecido, como as portas com folhas de bordo.

Yokchon-dong não é a velha Yokchon-dong da qual ele se lembra. Quando comprou a primeira casa em Seul, foi em um bairro de muitas ruas e casas, mas agora tudo está apinhado

de prédios muito altos e lojas de roupas. Ele e sua irmã caminham para um lado e para outro duas vezes, na frente e atrás do prédio, sem encontrar o mercado Sobu, que naquela época ficava no coração de Yokchon-dong. Por fim, perguntam a um estudante que passa por eles onde fica o mercado e descobrem que fica na direção oposta de onde pensavam que ficasse. Um hipermercado agora ocupa o lugar da cabine telefônica pela qual ele costumava passar todos os dias. Ele não consegue encontrar o armarinho no qual sua esposa tinha aulas de tricô, para poder fazer suéteres para a filha recém-nascida.

— Acho que é lá, irmão!

O mercado Sobu, que na sua lembrança ficava ao lado de uma rua larga, está enterrado entre duas avenidas arborizadas e ele não consegue ver muito bem as placas.

— Ele disse que era em frente ao mercado Sobu... — A irmã corre na direção da entrada do mercado, vira-se e vê as lojas. — É lá!

Hyong-chol olha para onde a irmã aponta e vê a placa que diz Farmácia Sobu, impressada entre uma lanchonete e um cibercafé. O farmacêutico de óculos, aparentando cinquenta e poucos anos, ergue os olhos assim que ele e a irmã entram. Quando a irmã pergunta “Foi você que falou sobre o panfleto que seu filho lhe mostrou?”, o farmacêutico tira os óculos.

— Como foi que sua mãe desapareceu?

É a pergunta mais esquisita — e frequente — que as pessoas têm feito desde que Mamãe sumiu. Sempre feita com um misto de curiosidade e julgamento. No início, a família explicava em detalhes “Ela estava na estação de metrô de Seul...”, mas agora apenas respondiam “Simplesmente aconteceu” e adotavam expressões de tristeza. Era o único modo de conseguir driblar a pergunta de como ela sumiu.

— Ela sofre de demência?

A irmã não responde, por isso ele nega.

— Mas como podem estar assim, se querem encontrá-la? Já faz tempo que telefonei e vocês só aparecem agora? — pergunta o farmacêutico, como se a pudessem ter encontrado caso tivessem chegado cedo.

— Quando o senhor a viu? Acha que era minha mãe? — A irmã pega o panfleto e o mostra ao homem.

O farmacêutico diz que a viu há seis dias. Ele mora no terceiro andar do prédio, explica, e, ao descer de manhã cedo para abrir as vitrines da farmácia, viu uma senhora idosa dormindo ao lado das latas de lixo na frente da lanchonete vizinha. Conta que ela estava usando sandálias azuis de plástico. Diz que ela tinha caminhado tanto que havia um corte profundo no seu pé, a ponto de deixar o osso quase à mostra. O ferimento estava tão infeccionado que não havia praticamente nada a ser feito.

— Como farmacêutico, eu não poderia simplesmente deixá-la sozinha quando vi aquele ferimento. Pensei que ao menos o machucado precisava ser desinfetado, por isso entrei e peguei um antisséptico e chumaços de algodão, e ela acordou. Embora um desconhecido estivesse tocando seu pé, ela permaneceu parada, muito fraca. Com aquele tipo de corte é normal gritar com o tratamento, mas ela não esboçou qualquer reação, o que me surpreendeu. A infecção era tão severa que o pus não parava de sair. O cheiro era terrível, também. Não sei quantas vezes desinfecionei o ferimento. Depois passei um pouco de unguento e coloquei um

band-aid. Como isso não foi suficiente, envolvi seu pé com uma atadura. Imaginei que ela precisasse ser protegida de alguma forma, então entrei e telefonei para a delegacia de polícia, mas voltei para perguntar se ela conhecia alguém. Ela estava comendo um rolinho de sushi do lixo. Devia estar com fome. Falei que lhe daria algo para comer e pedi que jogasse aquilo fora, mas ela não me deu ouvidos, por isso arranquei da mão dela o rolinho e o atirei longe. Embora ela não o tivesse jogado fora quando pedi, no momento em que o peguei ela não fez nada. Pedi que entrasse na farmácia. Ela continuou sentada, como se não me entendesse. Ela é surda?

A irmã permanece em silêncio, por isso ele nega.

— Perguntei: “Onde a senhora mora? Conhece alguém que possa vir buscá-la? Se souber o número do telefone de alguém, posso ligar para a senhora.” Mas ela continuou calada, apenas piscava. Eu não podia fazer nada, então entrei e chamei a polícia, mas quando voltei para a rua ela tinha ido embora. Foi estranho. Entrei por alguns minutos apenas e ela aproveitou para escapar.

— Nossa mãe não estava usando sandálias azuis de plástico. — Chi-hon diz. — Estava com sandálias bege. Tem certeza de que eram de plástico azul?

— Tenho. Ela vestia uma blusa azul-clara e por cima um colete branco ou bege; estava tão sujo que não sei dizer. Sua saia podia ter sido branca, mas de tão suja tinha se tornado bege. Era de pregas. Suas panturrilhas sangravam. Estavam... bem, estavam devastadas por mordidas de mosquito.

Exceto pelas sandálias azuis de plástico, era assim que Mamãe estava vestida quando desapareceu.

— Aqui Mamãe está usando *hanbok*. Seus cabelos estão bem diferentes. Ela de fato se arrumou para essa foto, não está com a aparência que tinha quando desapareceu. O que o fez pensar que a senhora que viu era nossa mãe?

A irmã parecia esperar que não fosse Mamãe, talvez porque a mulher vista pelo farmacêutico tinha um ar patético.

— É a mesma mulher. Os olhos são os mesmos. Criei vacas quando era jovem, por isso já vi olhos como os dela, determinados e gentis. Eu a reconheceria mesmo que estivesse diferente, porque os olhos eram os mesmos.

A irmã desabou em uma cadeira.

— A polícia veio?

— Liguei de novo e informei que não precisavam vir. Como eu disse, ela já não estava mais aqui.

Ele e a irmã saíram da farmácia e se separaram, combinando um encontro em duas horas no playground de um dos novos conjuntos de apartamentos. Enquanto o vento fica mais forte, ele procura pelas ruas mal iluminadas ao redor dos novos edifícios que ocuparam o lugar das casas de quando morou ali, e sua irmã faz buscas perto do mercado Sobu, onde ainda existem algumas ruelas antigas. Por causa do relato do farmacêutico de que a mulher que poderia ser Mamãe estava comendo sushi recolhido do lixo próximo à lanchonete, ele olha com atenção todas as lixeiras próximas aos edifícios. Também procura perto dos recipientes para lixo reciclável. Ele se pergunta onde poderia estar a casa onde morou. Era a penúltima casa na rua

mais longa do bairro. A rua era tão longa que, quando ele voltava tarde do trabalho, costumava olhar para trás pelo menos duas vezes antes de chegar ao portão de casa.

Sua irmã está à sua espera no banco de madeira do playground. Vê seus ombros caídos e seus passos lentos e se levanta. Já é tarde da noite, por isso não há crianças no playground, apenas um punhado de idosos que saíram para uma caminhada.

Mamãe veio até aqui à procura daquela casa?

A primeira vez que Mamãe visitou aquela casa, desembarcou do trem com uma chaleira de níquel tão grande quanto uma panela de cozimento a vapor, cheia de mingau de feijão-azuqui. Ele não tinha carro, e, quando pegou a chaleira das mãos dela e perguntou “Por que carregar uma coisa tão pesada?”, Mamãe apenas sorriu. Assim que entraram na rua, ela apontou para uma casa e perguntou: “É essa?” Quando passaram por essa casa, ela apontou para a próxima e perguntou: “É essa?” Um sorriso espalhou-se pelo rosto de Mamãe quando ele parou diante da casa e anunciou: “É essa.” Enquanto abria devagar o portão, Mamãe parecia tão empolgada quanto uma jovem que tivesse saído de sua cidade natal pela primeira vez.

— Ótimo, tem quintal, também! Um pé de caqui, e o que é isso? Uma parreira! — Assim que botou o pé dentro da casa, Mamãe encheu uma tigela com o mingau da chaleira e espirrou-o pela casa inteira. — É para afastar o azar — explicou.

A nora, que também se tornara proprietária de uma casa na cidade pela primeira vez, abriu a porta de um dos três quartos e disse, empolgada:

— Esse é seu quarto, Mãe. Quando vier a Seul, pode ficar aqui com todo o conforto.

Mamãe espiou e exclamou, com uma expressão constrangida:

— Tenho meu próprio quarto!

Naquela noite, depois da meia-noite, ele escutou um ruído no jardim e olhou pela janela. Mamãe estava passeando pelo quintal. Ela tocou o portão, pousou uma das mãos na parreira e sentou-se nos degraus que levavam à porta de entrada. Ergueu o olhar para o céu noturno e parou ao pé do caquizeiro. Ele abriu a janela e gritou:

— Entre e venha dormir!

— Por que não está dormindo? — Mamãe perguntou e, como se o estivesse chamando pelo nome pela primeira vez, disse: — Hyong-chol, venha aqui fora.

Quando ele saiu, ela tirou um envelope do bolso e colocou-o na mão do filho.

— Agora, você só precisa de uma tabuleta com seu nome. Use esse dinheiro para comprá-la.

Ele olhou para Mamãe, o envelope cheio na mão dela:

— Sinto muito não ter podido ajudá-lo a comprar esta casa.

Mais tarde, ao amanhecer, quando voltava do banheiro, ele abriu em silêncio a porta do quarto de Mamãe. Ela e a filha estavam deitadas lado a lado, num sono profundo. Mamãe sorria em seu sono e o braço da irmã estava afastado do corpo, aberto livremente.

Depois, voltando do banheiro de manhã bem cedo, ele abriu a porta do quarto de Mamãe silenciosamente. Mamãe e Chi-hon estavam dormindo profundamente lado a lado. Mamãe parecia sorrir. Os braços de sua irmã, como sempre, estavam afastados do corpo, livres.

Desde a sua primeira noite em Seul na sala de plantão noturno do centro comunitário, na companhia do filho de 20 anos, não havia um lugar confortável na cidade para Mamãe ficar. Muitas vezes, ele e os irmãos foram encontrar-se com Mamãe, que vinha a Seul em um ônibus fretado para o casamento de algum parente. Ela trazia muita bagagem. Antes mesmo de a cerimônia acabar ela apressava o filho e seus irmãos e voltava para o quarto alugado onde estavam morando. Ela tirava logo a roupa que usara no casamento. Comida embrulhada em jornal, plástico ou folhas de abóbora caía de suas trouxas. Não levava nem um minuto para Mamãe trocar de roupa e vestir uma blusa larga e um par de calças com estampas florais, que trazia enroladas em um canto da bagagem. A comida que escapava dos jornais, plásticos e folhas de abóbora era transferida para pratos e travessas tirados dos armários da cozinha, e, logo que Mamãe desocupava as mãos, retirava as capas dos cobertores e as lavava. Fazia *kimchi* com o repolho salgado que trouxera, esfregava a panela que tinha ficado preta com o fogo de carvão, limpava o fogão portátil até ficar reluzente e costurava as capas nos cobertores depois que secavam ao sol no telhado, lavava arroz, fazia sopa de pasta de feijão e preparava a mesa para o jantar. Na mesa havia porções generosas de ensopadinho de carne, anchovas salteadas e *kimchi* de folha de gergelim que ela trazia de casa. Ele e os irmãos pegavam uma colher cheia de arroz, Mamãe colocava um pouco do ensopadinho de carne na colher de cada um. Eles insistiam que ela comesse, mas ela dizia “Não tenho fome”. Depois que terminavam, ela limpava tudo e enchia de água o balde embaixo da torneira. Então, saía para comprar uma melancia e a mantinha fria na bacia, e depressa trocava de roupa de novo, colocava seu único casaco, que só usava em casamentos, e pedia: “Levem-me de volta à estação.” Já seria tarde. “Passe a noite aqui e vá amanhã”, eles diziam. Mas ela respondia “Preciso ir. Tenho coisas para fazer amanhã”. A única coisa que ela tinha para fazer era trabalhar nos arrozais ou nos campos. Era o tipo de trabalho que podia muito bem esperar o dia seguinte, mas ela sempre voltava no trem daquela mesma noite. Embora na verdade fosse porque havia apenas um quarto, um quarto pequeno onde seus três filhos crescidos precisavam dormir amontoados e sem poder se mexer com liberdade, Mamãe apenas dizia “Preciso ir. Tenho coisas para fazer amanhã”.

Ele sempre renovava as promessas quando levava Mamãe, exausta, de volta à estação de Seul para esperar o trem noturno que a levaria de volta para casa de mãos vazias. *Ganharei muito dinheiro e me mudarei para um lugar com dois cômodos. Alugarei uma casa. Comprarei uma casa nesta cidade. Então poderei ter um quarto no qual essa mulher terá condições de dormir com conforto.* Ele comprava um bilhete que dava acesso à plataforma sempre que Mamãe tomava o trem noturno e a acompanhava até o embarque. Encontrava um assento para ela no trem e lhe entregava uma bolsa com um lanche que podia ser leite com banana ou tangerinas.

— Não durma, e lembre-se de saltar na estação Chongup.

Mamãe recomendava com tristeza, às vezes com rigor:

— Aqui na cidade, você é o pai de seus irmãos e também a mãe.

Enquanto ele ficava ali, esfregando uma mão na outra, com pouco mais de 20 anos de idade, ela levantava-se do seu assento, abria as mãos dele e endireitava seus ombros.

— O irmão mais velho precisa ser honrado. Precisa ser o modelo. Se o irmão mais velho seguir o caminho errado, seus irmãos pegarão esse caminho também.

Quando o trem estava para sair, os olhos dela se enchiam de lágrimas e ela dizia:

— Desculpe-me, Hyong-chol.

Já seria metade da noite quando sua mãe desembarcasse na estação Chongup. O primeiro ônibus para a cidade só partiria depois das 6 da manhã. Ela desceria do trem e andaria no escuro, na direção de casa.

— Eu queria que tivéssemos trazido mais folhetos para distribuir aqui — diz ele, ajeitando o casaco para proteger-se do frio.

— Voltarei amanhã e farei isso — garante-lhe Chi-hon, colocando as mãos nos bolsos.

Amanhã ele precisa acompanhar os assessores do CEO da empresa até o apartamento-modelo em Hongchon. Ele não teve como não se desculpar.

— Devo mandar minha esposa fazer isso?

— Deixe-a descansar. Ela está cuidando do Pai, também.

— Ou você pode chamar a mais jovem.

— Ou ele me ajudará.

— Ele?

— Yu-bin. Quando encontrarmos Mamãe, casarei com ele. Ela sempre quis que eu me casasse.

— Se é assim tão fácil para você tomar uma decisão, já devia ter tomado.

— Depois que Mamãe sumiu, percebi que há uma resposta para tudo. Eu poderia ter feito tudo o que ela queria que eu fizesse. Não teria problema. Não sei por que eu a irritava com coisas assim. Também não vou mais andar de avião.

Ele toca de leve no ombro da irmã e suspira. Mamãe não gostava quando a irmã pegava um avião e ia para o exterior. Na opinião de Mamãe, se fosse durante uma guerra, não haveria o que fazer, mas em outros casos não se poderia deixar a vida simplesmente na mão do destino, como se não se desse a mínima importância para ela. Quando a intromissão de Mamãe na questão de aviões se tornou ainda pior, sua irmã começou a embarcar em segredo. Fosse uma viagem de negócios ou de lazer, se ela precisasse pegar um avião, partia sem informar Mamãe.

— As rosas naquela casa eram tão bonitas... — sua irmã diz.

Ele olha para ela no escuro. Estava justamente pensando naquelas rosas. Na primeira primavera depois que ele comprou a casa, Mamãe visitou-o e sugeriu que fossem comprar rosas. Rosas? Quando a palavra rosas saiu da boca de sua mãe, ele precisou perguntar “Você quer dizer rosas?”, como se a tivesse entendido mal.

— Rosas vermelhas. Por quê? Não há um lugar onde a gente possa comprá-las?

— Sim, há.

Ele levou Mamãe a um horto que vendia mudas ao longo das ruas em Kupabal, e ela comentou:

— Acho que esta é a flor mais bonita.

Mamãe comprou muito mais roseiras do que ele tinha imaginado. Mais tarde, cavou buracos perto do muro e plantou-as. Ele nunca vira Mamãe plantar algo que fosse para apreciar e não para colher e comer, como feijão e batata, ou pés de repolho, rabanete ou pimentas. Observando-a curvada, perguntou se ela não estava plantando as rosas perto demais do muro. Mamãe olhou para cima e respondeu: “É para que as pessoas do lado de fora possam apreciá-las também.” Toda primavera, as rosas desabrochavam por completo. As pessoas que passavam pela rua durante a estação das rosas paravam junto do muro para sentir o perfume delas, exatamente como Mamãe desejara. Depois da chuva, pétalas das rosas vermelhas se espalhavam por todos os lados, caindo ao pé do muro.

No bar do hipermercado em Yokchon-dong, sua irmã, que tomara dois chopes em vez de jantar, tira um caderno da bolsa, abre em uma página e o empurra para ele. O rosto dela está vermelho por ter bebido com o estômago vazio. Ele inclina o caderno na direção da luz e lê. Contradizendo sua personalidade criativa e emocional, sua letra era compacta.

Eu quero ler para crianças que não conseguem enxergar.

Eu quero aprender chinês.

Se eu ganhar muito dinheiro, quero ter um pequeno teatro.

Eu quero ir ao Polo Sul.

Eu quero fazer uma peregrinação a Santiago.

Abaixo havia mais trinta frases que começavam com “eu”.

— O que é isso?

— Na véspera do último Ano-novo, anotei o que queria fazer de minha vida além de escrever. Por diversão. As coisas que queria fazer nos próximos dez anos. Mas não planejei fazer nada com Mamãe. Não percebi isso enquanto escrevia. Mas agora que leio depois de Mamãe sumir...

Ele está bêbado. Sai do elevador e toca a campainha. Ninguém responde. Vacilante, tira as chaves do bolso e abre a porta. Depois de separar-se da irmã, ele foi a mais dois bares. Sempre que a imagem da mulher que usava sandálias azuis de plástico — a mulher que poderia ser Mamãe, a mulher que tinha caminhado tanto que as sandálias cortaram seu pé deixando os ossos praticamente à mostra — dançava diante de seus olhos, ele bebia mais um drinque.

A luz está acesa na sala de visitas, que está envolta em silêncio. A estátua de Maria que mamãe trouxe o observa. Cambaleando, vai para o quarto, mas antes para e abre devagar a porta do quarto de sua filha, onde agora está o Pai. Ele o vê dormindo de lado numa esteira no chão, perto da cama da filha. Entra e estende sobre o pai a cobertura que fora jogada longe e sai, fechando a porta com cuidado. Na cozinha, serve-se da água de uma garrafa que está sobre a mesa e olha ao redor enquanto bebe. Nada mudou. O zumbido do refrigerador é o mesmo, assim como a pia cheia de pratos deixados pela esposa, que sempre adia a tarefa de lavar a louça. Ele abaixa a cabeça, envergonhado, depois entra no quarto e observa a esposa adormecida. Um colar cintila no pescoço dela. Ele pega a manta que cobre a esposa e a arranca

de cima dela. Ela senta-se na cama, esfregando os olhos.

— Quando você chegou? — Ela suspira diante da grosseria dele, que contém uma reprimenda silenciosa: Como você consegue dormir? Depois que Mamãe desapareceu, ele começou a jogar seus problemas em cima de todo mundo. Ficava mais irritado ao chegar em casa. Quando o irmão telefonou para saber como estava indo a busca, ele respondeu a algumas perguntas, mas depois explodiu:

— Não tem nada para me dizer? Que diabo você está fazendo?

Quando o Pai avisou que iria embora, uma vez que não havia o que fazer em Seul, ele gritou:

— E o que o senhor vai fazer no interior?

De manhã, Hyong-chol nem ao menos olha o café preparado pela esposa.

— Andou bebendo? — Sua esposa arranca as cobertas da mão dele e as alisa sobre a cama.

— Como você consegue dormir?

Sua esposa endireita a camisola.

— Perguntei como você consegue dormir.

— O que quer que eu faça? — grita ela em resposta.

— A culpa é sua! — As palavras saem enroladas. Até ele sabe que isso é um exagero.

— Por que a culpa é minha?

— Você devia ter ido buscá-los!

— Eu disse que iria levar comida para Chin.

— Por que precisava ir bem naquela hora? Meus pais estavam vindo do interior para festejarmos o aniversário deles!

— O Pai disse que conseguia encontrar o caminho! Não somos os únicos parentes na cidade. E eles queriam ir à casa do seu irmão naquele dia. E suas irmãs estão aqui, também. Seus pais não precisam ficar sempre na nossa casa e não existe uma regra que diga que sou eu que devo buscá-los! Eu não visitava Chin há duas semanas e ela não tinha nada para comer; como poderia não ir vê-la? Estou cansada também, cansada de tomar conta de Chin e de tudo mais. Ela está estudando para a prova... Você pelo menos sabe quanto essa prova é importante para ela?

— Por quanto tempo você continuará levando comida para uma filha crescida, que nem sequer nos procura quando a avó desaparece?

— De que adiantaria ela vir? Falei para não vir. Procuramos por toda parte. O que podemos fazer, quando nem mesmo a polícia consegue encontrá-la? Devemos ir de porta em porta nesta cidade, tocando a campainha e perguntando se Mamãe está lá? O que Chin pode fazer quando nem mesmo os adultos conseguem fazer alguma coisa? Um estudante precisa ir à escola. Devemos todos simplesmente parar de fazer o que fazemos porque Mamãe não está aqui?

— Ela está desaparecida, e não simplesmente “não está aqui”...

— Então o que quer que eu faça? Faça você mesmo alguma coisa!

— O quê? — Furioso, ele pega um taco de golfe de um canto e está prestes a atirá-lo com força do outro lado da sala.

— Hyong-chol!

O Pai está parado no vão da porta. Hyong-chol larga o taco de golfe. O Pai viera a Seul comemorar seu aniversário por ser mais conveniente para os filhos. Se tivessem comemorado o aniversário dele conforme o planejado, Mamãe teria dito “Estamos comemorando meu aniversário, também”, sentada à mesa no tradicional restaurante coreano onde sua esposa fizera reserva. No entanto, com Mamãe desaparecida, o aniversário do pai passou sem comemoração e a Tia ocupou-se dos rituais ancestrais alguns dias mais tarde.

Ele acompanha o Pai.

— É tudo culpa minha — o Pai diz, virando-se para a porta do quarto da neta.

Hyong-chol está calado.

— Não brigue. Sei o que está sentindo, mas brigar não ajuda em nada. Sua mãe me conheceu e teve uma vida muito dura. Mas é uma pessoa bondosa. Por isso tenho certeza de que pelo menos está viva. Se estiver viva, teremos alguma notícia.

Hyong-chol continua calado.

— Quero ir para casa agora.

O Pai olha para ele durante algum tempo, depois entra no quarto. Olhando para a porta fechada, Hyong-chol morde o lábio. O calor incendeia seu peito. Ele esfrega o peito com as mãos. Está prestes a esfregar o rosto com as mãos, como de hábito, mas para. Ele pode sentir o toque gentil de Mamãe. Ela detestava quando ele esfregava as mãos ou curvava as costas. Se ele fizesse isso na frente da mãe, ela imediatamente endireitava suas mãos e seus ombros. Se ameaçasse abaixar a cabeça, Mamãe batia nas suas costas e dizia que um homem precisa ser honrado. Ele nunca se tornou promotor público. Mamãe sempre dizia que esse era o sonho dele, mas ele não percebera que esse tinha sido o sonho dela também. Apenas pensava nisso como um desejo de juventude que não pôde ser alcançado e nunca lhe ocorreria que ele tinha acabado com as aspirações de Mamãe, também. Ele percebe que Mamãe passou a vida inteira acreditando que era ela quem o impedia de realizar seu sonho. *Desculpe-me, Mamãe, não cumpri minha promessa.* Seu coração se enche do desejo de nada mais fazer além de cuidar de Mamãe quando ela for encontrada. Ele sabe, no entanto, que já perdeu a oportunidade.

Cai de joelhos no chão da sala de estar.

Já cheguei

Uma jovem está diante do portão azul trancado e olha para dentro.

— Quem é você?

Quando você pigarreia atrás dela, a jovem se vira. Tem a testa lisa, os cabelos estão em um perfeito rabo de cavalo, e seus olhos brilham de alegria.

— Olá! — cumprimenta ela.

Você apenas olha, ela sorri.

— Esta é a casa da Tia Park So-nyo, certo?

Na placa da casa há tanto tempo vazia só há o seu nome gravado. Park So-nyo. Há muito tempo você não ouve alguém chamar sua esposa de Tia em vez de Avó.

— Por que pergunta?

— Ela não está?

Você não responde.

— Ela realmente desapareceu?

Você olha para a jovem.

— Quem é você?

— Bem, eu sou Hong Tae-hee, da Casa da Esperança, em Namsan-dong.

Hong Tae-hee? Casa da Esperança?

— É um orfanato. Fiquei preocupada porque ela não aparece há muito tempo, e agora vi isto. — A jovem mostra o anúncio de jornal que seu filho preparou. — Vim até aqui duas vezes para saber o que aconteceu, mas o portão estava sempre trancado. Pensei que voltaria de mãos abanando hoje, também... Só queria saber o que aconteceu. Fiquei de ler um livro para ela...

Você levanta a pedra na frente do portão, tira a chave do esconderijo e destranca o portão. Abre com um empurrão o portão da casa há tanto tempo vazia e olha para dentro, esperançoso. Mas tudo está em silêncio.

Você convida Hong Tae-hee para entrar. Ficou de ler um livro para ela? Para sua esposa? Você nunca ouviu sua esposa mencionar Casa da Esperança ou Hong Tae-hee. Hong Tae-hee chama o nome de sua esposa assim que transpõe o portão, como se não pudesse acreditar que ela está mesmo desaparecida. Quando não há resposta, a expressão de Tae-hee passa a ser de

cautela.

— Ela saiu de casa?

— Não, desapareceu.

— O quê?

— Desapareceu em Seul.

— Verdade? — Os olhos de Tae-hee se arregalam. Ela conta que havia mais de dez anos que a senhora Park So-nyo ia à Casa da Esperança, dava banho nas crianças, lavava roupa e cuidava do jardim.

Sua esposa?

Tae-hee diz que sua esposa é respeitadíssima e que doa 450 mil won por mês para a Casa da Esperança. Explica que ela sempre doou esse valor.

Quatrocentos e cinquenta mil won por mês?

Todo mês, seus filhos em Seul se cotizavam e mandavam 600 mil won a sua esposa. Eles pareciam acreditar que duas pessoas conseguiam sobreviver com essa quantia na região rural. E não era um valor pequeno. No início, sua esposa dividia o dinheiro com você, mas em algum momento ela disse que ficaria com o valor integral. Você se perguntou de onde viera essa ideia repentina, mas sua esposa lhe pediu que não perguntasse como ela usava o dinheiro. Disse que tinha o direito de usá-lo, uma vez que todos os filhos já estavam criados. Parecia que ela tinha pensado nisso por um longo tempo. Caso contrário, não teria dito: “Sinto-me no direito de usar o dinheiro.” Não era o tipo de coisa que ela diria. Parecia fala de uma novela de televisão. Você imaginou que sua esposa teria ensaiado a frase sozinha durante alguns dias, em voz alta.

Em um Dia das Mães, em maio, nenhum dos filhos telefonou. Sua esposa foi até a papelaria no centro da cidade e comprou dois botões de cravo, cada um deles amarrado a uma fita que dizia: *Obrigado por ter me dado a vida e me criado*. Ela encontrou-o parado na nova estrada e insistiu que você voltasse para casa. “E se alguém nos vir?” Ao chegar em casa, ela convenceu-o a entrar e trancar a porta, e logo alfinetou um cravo na lapela do seu casaco.

— O que as pessoas diriam se andássemos por aí sem uma flor em nossas roupas, quando todos sabem quantos filhos temos? Por isso comprei esses cravos. — Sua esposa prendeu uma flor na própria roupa também. A flor insistia em cair, por isso fixou-a mais duas vezes. Você arrancou a flor assim que saiu da casa, mas sua esposa circulou o dia inteiro com a dela presa ao peito.

No dia seguinte ela caiu de cama, doente. Virou-se de um lado para outro durante algumas noites, mas de repente se ergueu e pediu que você transferisse os 3 majigi de terra para o nome dela. Quando você perguntou o motivo, ela respondeu que era porque a vida lhe parecia sem sentido. Ela sentia-se inútil depois que todos os filhos haviam seguido os próprios caminhos. Você explicou que toda a terra era dela, também, e que se apenas 3 majigi fossem transferidos para Park So-nyo ela sairia perdendo, porque ficaria claro que o restante era seu. Parecendo desapontada, ela respondeu “Talvez isso seja mesmo verdade”.

No entanto, ela estava decidida quando afirmou que queria todo o dinheiro que os filhos mandavam. Você não gostava de contrariá-la quando ela estava assim. Acreditava que começaria uma grande briga se o fizesse. Por isso concordou, com uma condição: ela poderia

ficar com todo o dinheiro, mas não poderia procurá-lo para pedir mais. Sua esposa disse que assim estava ótimo. Não parecia que ela compraria roupas ou alguma coisa em particular com o dinheiro, mas, quando você consultou os extratos da conta, 450 mil wons estavam sendo retirados todos os meses, sempre no mesmo dia e de uma só vez. Se o depósito atrasava, ela telefonava para Chi-hon, encarregada de recolher o dinheiro dos irmãos e fazer a transferência, para lembrá-la de efetuar a remessa. Isso também não era característico de sua esposa. Você não perguntava o que ela fazia com o dinheiro, porque prometera não perguntar, mas imaginou que ela retirava os 450 mil wons todos os meses para colocá-los em uma caderneta de poupança e assim ter um objetivo na vida de novo. Você chegou a procurar comprovantes de uma caderneta de poupança, mas nunca encontrou. Se Hong Tae-hee estiver falando a verdade, sua esposa tem feito uma doação de 450 mil wons por mês à Casa da Esperança de Namsandong. Você tem a sensação de que levou uma bordoadada de sua esposa.

Hong Tae-hee conta que as crianças estão mais ansiosas pela volta de sua esposa do que ela. Fala de um menino de nome Kyun, diz que sua esposa se tornou praticamente mãe do menino, e que ele, em especial, ficou muito triste por sua esposa ter deixado de ir ao orfanato de uma hora para outra. Explica que ele foi abandonado no orfanato antes dos seis meses de vida sem ao menos ter um nome, mas que sua esposa passara a chamá-lo de Kyun.

— Você disse Kyun?

— Sim, Kyun.

Ela diz que Kyun vai para o ensino médio no próximo ano. Que sua esposa prometeu comprar para ele uma pasta para livros e uniforme quando isso acontecesse. Kyun. Você sente um aperto no coração. Continua a ouvir em silêncio a história que Hong Tae-hee conta. Não consegue acreditar que não sabia que sua esposa frequentava o orfanato havia mais de uma década. Pergunta a si mesmo se sua esposa desaparecida poderia ser a mesma mulher de quem Hong Tae-hee está falando. Quando ela foi à Casa da Esperança? Por que não lhe disse nada? Você olha para a foto de sua esposa estampada no anúncio do jornal de Hong Tae-hee e vai para o quarto. Pega um álbum de fotografia enterrado no fundo de uma gaveta e arranca uma foto de sua esposa. Sua filha e sua esposa estão de pé no píer na praia, segurando as roupas, que balançam descontroladamente com o vento. Você mostra a foto para Tae-hee.

— É essa a pessoa de quem está falando?

— Oh, é a Titia! — Tae-hee exclama, feliz, como se sua esposa estivesse de pé na frente dela. Parece que sua esposa, a testa franzida por causa do sol, olha para você.

— Você disse que ia ler para ela? O que quer dizer com isso?

— Ela fazia todo o trabalho difícil na Casa da Esperança. Gostava em especial de dar banho nas crianças. Era tão eficiente que, depois de sua visita, o orfanato brilhava de tão limpo. Quando eu perguntava o que poderia fazer para retribuir, ela respondia que nada, mas um dia trouxe um livro e me pediu que lesse para ela durante uma hora por dia. Disse que era um livro do qual gostava, mas que não conseguia mais ler por causa da visão ruim.

Você fica em silêncio.

— É este o livro.

Você olha o livro que Hong Tae-hee tira da bolsa. O livro de sua filha.

— A autora é dessa região. Ouvi dizer que fez os ensinamentos fundamental e médio aqui.

Imagino que seja por isso que Titia goste da autora. O último livro que li para ela era dessa autora também.

Você pega o livro de sua filha, *Amar por inteiro*. Então sua esposa tinha querido ler o romance da filha. Sua esposa nunca lhe contara isso. Você jamais pensara em ler para ela o livro de sua filha. Alguém mais na família sabe que sua esposa não consegue ler? Você se lembra de como sua esposa parecera ofendida, como se você a tivesse insultado, quando descobriu que ela não sabia ler. Sua esposa acreditava que tudo o que você fazia era porque a tratava com superioridade, porque ela era analfabeta... abandonar a casa quando era mais jovem, gritar com ela às vezes, responder às suas perguntas com grosseria: “Por que quer saber?” Não era por isso que você agia assim, mas, quanto mais você negava, mais ela acreditava que era. Você se pergunta se, inconscientemente, a olhava com superioridade, como ela insistia em afirmar. Não tinha ideia de que uma pessoa estranha estava lendo o romance de sua filha para ela. Como sua esposa deve ter se esforçado para esconder dessa jovem o fato de que não sabia ler. Querendo tão desesperadamente ler o romance da filha, sua esposa não podia dizer a essa jovem quem era a autora, mas culpava sua visão fraca e pedia que o lesse em voz alta. Seus olhos ardem. Como sua esposa conseguira se controlar e não elogiar a filha para essa jovem?

— Que pessoa ruim.

— Como? — Hong Tae-hee olha para você, seus olhos redondos surpresos.

Se ela queria tanto ler o livro, devia ter me pedido e eu o leria para ela. Você esfrega o rosto seco e áspero com as mãos. Se sua esposa lhe pedisse para ler o romance para ela, você leria? Antes de ela desaparecer, você passava dias sem pensar nela. Quando pensava, era para pedir que fizesse alguma coisa, para censurá-la ou ignorá-la. O hábito pode ser algo assustador. Você falava educadamente com outras pessoas, mas suas palavras se tornavam ásperas quando dirigidas a sua esposa. Às vezes até a xingava. Agia como se tivesse sido decretado que não podia tratá-la com delicadeza. Era o que você fazia.

— Já cheguei — você murmura para a casa vazia, depois que Tae-hee vai embora.

Tudo o que você sempre quis foi ir embora desta casa — quando era jovem, depois de casado, e até depois de ter filhos. Sentia-se isolado ao perceber que passaria a vida inteira nessa casa, nessa cidade tediosa fincada no sul do país, no mesmo lugar em que nasceu. Quando conseguiu, você saiu de casa sem uma palavra e vagueou pelo país. E, na época dos rituais ancestrais, voltou para casa, como se seguisse ordens genéticas. Depois foi embora de novo e só se viu obrigado a voltar quando adoeceu. Um dia, após se recuperar de uma doença, você aprendeu a andar de motocicleta. Mais uma vez partiu, com uma mulher que não era sua esposa na garupa. Houve ocasiões em que você pensou que jamais voltaria. Queria inventar uma vida diferente, esquecer dessa casa e seguir sozinho. Não conseguia, no entanto, ficar mais de três estações fora.

Quando as coisas estranhas longe de casa se tornaram comuns, o que sua esposa criava e cultivava assomara diante de seus olhos. Cachorrinhos, galinhas, batatas que continuavam a

brotar depois de desenterradas... e seus filhos.

Antes de se perder de sua esposa na estação de metrô de Seul, para você ela não passava da mãe de seus filhos. Era como uma árvore sólida, até você deparar com uma situação em que talvez nem voltasse a vê-la. Uma árvore que não desapareceria a não ser que fosse cortada pela raiz ou arrancada. Depois que a mãe de seus filhos sumiu, você percebeu que quem tinha sumido era sua esposa. Sua esposa, de quem você se esquecera durante cinquenta anos, estava presente em seu coração. Só depois de sumir ela voltou para você de modo tangível, como se fosse possível estender o braço e tocá-la.

Só agora você vê com clareza a condição em que sua esposa estava nos últimos dois ou três anos. Ela mergulhara em uma total insensibilidade. Não se lembrava de nada. Às vezes parava em uma rua muito conhecida, em sua própria cidade, mas não conseguia encontrar o caminho de casa. Olhava para uma panela ou um jarro que tinha usado por cinquenta anos e seus olhos perguntavam: “Para que serve isso?” Ela tornou-se negligente com o cuidado da casa, e deixava fios de cabelo espalhados pelos cantos, sem varrê-los. Havia ocasiões em que não conseguia acompanhar o enredo de um seriado de televisão ao qual assistia todos os dias. Esquecia-se da canção que cantara durante décadas, a que começava com “Se você me perguntar o que é o amor...” Às vezes, sua esposa parecia não se lembrar de quem você era. Talvez nem de quem ela mesma era.

Mas não era assim o tempo inteiro.

Sua esposa era capaz de se lembrar de alguns detalhes mínimos, como se tivesse recuperado algo da água evaporada para sempre. Um dia, ela mencionou a ocasião em que você embrulhou uma quantia de dinheiro em jornal e passou o pacote pelo batente da porta antes de sair de casa. Contou que, embora não tivesse comentado na época, ela ficara grata por você ter deixado algum dinheiro escondido para ela. Disse que não sabia como teria sobrevivido se não tivesse descoberto o dinheiro embrulhado em jornal. Em outra ocasião, sua esposa lembrou-o de que precisavam tirar uma nova foto de família, porque a mais recente não incluía o bebê de sua filha mais nova, que nascera na América.

Somente agora você percebe, com pesar, que fingira não ver a confusão de sua esposa.

Quando as dores de cabeça de sua esposa a deixaram inconsciente, você pensou que ela estivesse dormindo. Você gostaria que ela não se deitasse com um pano enrolado na cabeça e dormisse onde bem entendesse. Quando ela ficava confusa, sem condições até de abrir a porta, você lhe dizia para prestar atenção por onde andava. Por jamais ter pensado que um dia precisaria tomar conta de sua esposa, você não conseguia compreender a noção de tempo dela, que se tornara confusa. Uma vez ela preparou a lavagem, despejou-a no cocho do chiqueiro vazio e sentou-se ao lado, repetindo o nome da porca que você criara quando jovem e dizendo:

“Dessa vez tenho três porquinhos, não apenas um...”, e você pensou que ela estivesse brincando. Muito tempo atrás, aquela porca tinha tido três porquinhos na palha do chiqueiro. Sua esposa vendera os porquinhos para comprar uma bicicleta para Hyong-chol.

— Você está aí? Já cheguei! — você grita na direção da casa vazia e faz uma pausa para escutar.

Espera que sua esposa responda com a saudação “Já chegou!”, mas a casa vazia está em silêncio. Sempre que você chegava e gritava “Já cheguei!”, invariavelmente sua esposa botava a cara para fora de algum lugar da casa.

Sua esposa não parava de perturbá-lo. “Por que não consegue parar de beber? Você poderia viver sem mim, mas não consegue viver sem álcool. Nossos filhos dizem que estão preocupados porque você não larga o vício.” Ela continuava a reclamar mesmo quando cuidava dele, oferecendo-lhe um copo de chá preparado com uvas-passas japonesas. “Se chegar em casa bêbado mais uma vez, vou largar você. O médico não falou com você no hospital? Não lhe disse que bebida era a pior coisa para a sua saúde? Se quiser parar de ver esse mundo maravilhoso, continue a beber!”

Era assim, desesperada, que sua esposa ficava quando você saía para almoçar e beber com amigos, como se seu mundo virasse de cabeça para baixo. Não sabia que um dia sentiria falta das reclamações de sua esposa, que antes entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

Agora, no entanto, você não consegue ouvir nada, embora tenha saído do trem e entrado em uma loja próxima para tomar uma sopa de morcela e um drinque, imaginando que ouviria a reclamação de sempre quando chegasse em casa.

Você olha para a casinha de cachorro ao lado do portão do quintal lateral. Sua esposa ficou muito solitária quando o cachorro morreu, então você foi à cidade e trouxe outro para ela. O cachorro teria feito algum tipo de ruído, mas a casa está no mais completo silêncio. Você não vê a corrente; sua irmã deve ter levado o cachorro, por ter se cansado de vir alimentá-lo. Você não fecha o portão. Ao contrário, deixa-o escancarado e entra no quintal para sentar-se na varanda. Quando sua esposa viajava para Seul sozinha, muitas vezes você sentava-se assim, isolado, na varanda. Sua esposa telefonava de Seul para perguntar: “Você comeu?” e você respondia “Quando você volta?”.

— Por quê? Está com saudade?

— Não, não se preocupe comigo — você dizia. — Dessa vez fique o tempo que quiser.

O que quer que você dissesse, ao ouvi-lo perguntar “Quando você volta?”, sua esposa retornava, sem se importar com o motivo que a tinha levado a Seul. Se você a repreendesse com um “Por que voltou tão cedo? Eu lhe disse para ficar o tempo que quisesse!”, sua esposa retrucava “Acha que vim por sua causa? Vim para alimentar o cachorro”, e olhava para você.

Você voltava para casa pelas coisas que sua esposa cultivava, embora retornar significasse abrir mão de tudo o que tinha conseguido em diferentes lugares. Quando você passava pelo portão, sua esposa estava cavando a terra para colher batatas-doces ou preparando fermento com uma toalha manchada enrolada na cabeça, controlando Hyong-chol

na escrivania. Sua irmã gostava de dizer que sua tendência nômade tinha origem no seu hábito da juventude de não dormir em casa para escapar da convocação para o serviço militar. Certa vez você até fora à delegacia de polícia porque estava cansado de se esconder. Seu tio, detetive e apenas cinco anos mais velho que você, mandou-o embora. Ele disse: “Ainda que nossa família esteja arruinada, o filho mais velho do filho mais velho precisa sobreviver.” Afirmou que, apesar do declínio da família, você precisava continuar vivo para manter o cemitério da família e supervisionar os rituais ancestrais. Mas essa não era uma razão suficiente para seu tio enfiar seu dedo indicador no cortador de palha e arrancar fora uma falange. Porque não era você, mas sua esposa, quem cuidava do cemitério da família e se ocupava dos rituais ancestrais a cada temporada. Era por isso? Você se tornou um errante porque precisava sair de casa e dormir do lado de fora, no sereno? Talvez fosse por isso. O hábito de dormir na rua pode ter sido o motivo para você se afastar de casa. Quando dormia em casa, você se angustiava com a ideia de que alguém entraria correndo por aquele portão para atacá-lo. Certa vez, você chegou a correr para fora da casa no meio da noite, como se estivesse sendo perseguido.

Você voltou para casa numa noite de inverno e de repente seus filhos tinham crescido. Todos dormiam embolados no mesmo quarto porque fazia muito frio do lado de fora. Sua esposa pegou a tigela de arroz que deixara na parte mais aquecida do quarto e colocou na sua frente uma pequena bandeja coberta com um pano. Houve uma tempestade de neve naquela noite. Sua esposa assou algas marinhas no braseiro. O cheiro de noz do óleo de perila acordou seus filhos, um a um, e eles se comprimiram ao seu redor. Você enrolou um pouco de arroz com alga marinha e colocou na boca de cada filho. Primeiro na boca do filho mais velho, depois na do abaixo dele e na da filha mais velha. Antes mesmo de chegar a vez da filha mais nova ou do bebê, Hyong-chol já estava à espera de mais. O preparo do rolinho de arroz com alga era mais lento do que a velocidade com que seus filhos comiam. Você estava assustado com o apetite das crianças. Perguntava a si mesmo o que fazer com todas elas. Foi quando decidiu que precisava esquecer o mundo exterior, que não podia deixar aquela casa de novo.

— Já cheguei!

Você abre a porta do quarto. Está vazio. Algumas toalhas estão dobradas com cuidado em um canto, onde sua esposa as deixara antes de partirem juntos para Seul. A água com a qual você tomou seus comprimidos na manhã da partida tinha evaporado do copo que você deixou no chão. O relógio na parede mostra que são 15 horas e sombras de bambus entram pela porta do quarto, que dá para o quintal.

— Eu disse que já cheguei — você murmura para si mesmo no quarto vazio, os ombros caídos.

O que passava pela sua cabeça? Quando você se desentendeu com seu filho, que discordou com veemência da sua ideia de viajar sozinho, e pegou o trem matinal de volta para casa, um cantinho de seu coração alimentava a esperança de que, quando entrasse e gritasse “Você está aí? Já cheguei!”, sua esposa o saudaria como nos velhos tempos com um “Você chegou!”, talvez enquanto limpasse os quartos, organizasse os legumes no galpão ou lavasse

arroz na cozinha. Pensara que de algum modo isso podia acontecer. A casa, no entanto, está vazia. Parece deserta, depois de ficar desabitada por tanto tempo.

Você endireita o corpo e abre todas as portas da casa vazia. “Você está aí?” Repete a mesma pergunta em cada porta. Abre as portas do seu quarto, do quarto de hóspedes, da cozinha e da área do boiler. É a primeira vez que procura pela esposa tão desesperadamente. Ela teria procurado por você desse jeito cada vez que você saía de casa? Você pisca os olhos secos, abre a janela da cozinha e, com os olhos fixos no galpão, murmura: “Você está aí?” Só a plataforma continua lá, abandonada.

Às vezes você parava nesse mesmo lugar e observava sua esposa atarefada fazendo algo no galpão, e ela o olhava de longe, ainda que não a chamasse. E ela gritava: “O quê? Precisa de alguma coisa?” Se você perguntasse “Onde estão minhas meias? Preciso ir à cidade”, ela rapidamente arrancava as luvas de borracha e entrava em casa para separá-las.

Você olha para o galpão vazio e murmura:

— Ei... estou com fome. Quero comer alguma coisa.

Quando você dizia que estava com fome, sua esposa parava imediatamente o que estava fazendo sem hesitar, aproximava-se, dizia “Eu colhi arália nas colinas. Você quer panqueca de arália?”, mesmo que tivesse passado horas cortando fora as pontas de pimentas, dobrando folhas de gergelim ou salgando repolho. Por que você não sabia na época que levava uma vida tranquila e de sorte? Como podia aceitar com tanta naturalidade o que sua esposa fazia por você sem jamais preparar ao menos uma sopa de algas marinhas para ela? Uma vez sua esposa voltou da cidade e comentou: “Sabe o dono daquele seu açougue preferido no mercado? Eu estava passando por lá hoje e a esposa dele me chamou, eu entrei, ela me convidou para tomar um prato de sopa de algas marinhas, e então perguntei se era alguma ocasião especial. Ela respondeu que era o dia de seu aniversário, e que o marido tinha feito a sopa para ela naquela manhã.” Você apenas ouviu, e ela disse: “A sopa não estava particularmente saborosa, mas, pela primeira vez, senti inveja da esposa do açougueiro.”

Onde você está...? Se sua esposa conseguisse ao menos voltar, você faria para ela não apenas sopa de algas marinhas, mas também panquecas. *Você está me castigando...?* Lágrimas se acumulam em seus olhos.

Você saía de casa sempre que queria e voltava quando lhe desse vontade e nem uma vez pensou que seria sua esposa a primeira a ir embora.

Só depois que sua esposa desapareceu você se recordou da primeira vez que a viu. Foi quando ficou decidido que vocês se casariam, antes de se conhecerem. A guerra tinha acabado graças a um acordo de cessar-fogo entre o comando das Nações Unidas e o comando comunista em Panmunjom, porém o mundo estava mais intranquilo do que durante a guerra. Ao longo desse período, soldados norte-coreanos famintos saíam de noite de seus esconderijos nas colinas e saqueavam as aldeias. Quando a noite caía, as pessoas com filhas em idade de casar ficavam preocupadas em escondê-las. Um boato de que soldados das colinas sequestravam as jovens espalhou-se por todas as aldeias. Algumas famílias cavavam buracos

perto dos trilhos da estrada de ferro e escondiam lá suas filhas. Outras passavam a noite juntas, reunidas em uma só casa. Alguns pais casavam rapidamente as filhas. Sua esposa morou em Chinmoe desde que nasceu e até se casar com você. Você tinha 20 anos quando sua irmã lhe comunicou que você se casaria com uma jovem de Chinmoe em um mês. Afirmou que se tratava de uma jovem cujo horóscopo combinava perfeitamente com o seu. Chinmoe. Era uma aldeia nas montanhas, distante 10 *ri*, cerca de 40 quilômetros, da sua aldeia. Naquela época, as pessoas se casavam sem que jamais tivessem visto o rosto uma da outra. A cerimônia seria realizada em outubro no pátio da casa da noiva, algum tempo depois que as espigas de arroz fossem colhidas. Assim que a data da cerimônia foi definida, as pessoas o provocavam se você sorrisse, dizendo que devia estar feliz porque se casaria. Você não gostava nem desgostava da ideia. Sua irmã se ocupava de todo o serviço na sua casa, por isso todos diziam que você precisava se apressar e casar logo. Fazia sentido, mas ocorreu a você que não poderia viver com uma mulher a quem jamais tivesse visto.

Você nunca quis passar a vida inteira trabalhando a terra na aldeia. Numa época em que havia tão pouca gente disponível que até as crianças eram chamadas para trabalhar no campo, você circulava pela cidade com amigos. Tinha planos de ir embora e instalar uma cervejaria em outra cidade com dois deles. Estava preocupado não com o casamento, mas em descobrir como conseguir dinheiro para abrir uma cervejaria, então o que o fez tomar a direção de Chinmoe?

A casa de sua noiva era um chalé cercado nos fundos por um bambuzal, com caquis vermelhos pendendo dos galhos. Ela vestia uma blusa de algodão e estava sentada na varanda do chalé, bordando uma fênix em um tecido preso a um bastidor. Uma luminosidade brilhante atingia o telhado e o quintal, porém a expressão da jovem era sombria. Ela erguia os olhos para o céu vez ou outra e esticava o pescoço. Observou alguns gansos que voavam enfileirados, até desaparecerem. A jovem levantou-se e saiu da casa. Você seguiu-a até as lavouras de algodão. Sua futura sogra estava acocorada no campo, colhendo algodão. A jovem chamou a mãe de longe:

— Mamãe!

— O quê? — respondeu sua futura sogra sem olhar para trás, e continuou a colher algodão.

Flocos do algodão branco dançavam entre elas, ao sabor do vento. A jovem insistiu:

— Mamãe!

— O quê? — indagou sua futura sogra ainda sem olhar.

— Preciso me casar?

Você prendeu a respiração.

— O quê?

— Não posso simplesmente morar com a senhora?

Flores de algodão flutuavam ao sabor da brisa.

— Não.

— Por que não? — A jovem tinha a voz chorosa.

— Quer ser arrastada daqui pelo povo da montanha?

Sua noiva, em silêncio por um momento, caiu no campo de algodão, o rosto crispado, as

pernas esticadas, e se desfez em lágrimas. Naquele momento, ela não era a mulher recatada e bem-vestida que você vira bordando na varanda do chalé. Chorava com tanta tristeza que, só de vê-la, você teve vontade de chorar também. Então sua futura sogra atravessou o campo de algodão e aproximou-se da filha.

— Veja bem, você está assim porque ainda é jovem. Eu deixaria você ficar comigo mais alguns anos se não houvesse a guerra, mas o que podemos fazer quando o mundo é tão assustador? Casar não é ruim. É algo que você não pode evitar. Você nasceu no meio das montanhas. Não consegui mandá-la para a escola e, se não casar, o que poderá fazer? Quando comparei seu horóscopo com o do noivo, a resposta foi que vocês dois terão muita sorte. Você não perderá nenhum filho, terá uma prole grande e eles se desenvolverão e terão sucesso. O que mais poderia desejar? Já que você veio ao mundo como um ser humano, precisa viver feliz com seu parceiro. Precisa gerar seus bebês, amamentá-los e criá-los. Pare de chorar, pare de chorar. Farei cobertores especiais para vocês com algodão penteado.

A jovem continuou a soluçar alto e sua futura sogra bateu de leve nas costas da filha.

— Vamos, pare de chorar...

Sua noiva não parou e sua futura sogra debulhou-se em lágrimas também.

Se por coincidência você não tivesse visto as duas mulheres chorando nos braços uma da outra no meio da plantação de algodão, talvez tivesse saído de casa antes de outubro. Quando você pensou naquela jovem, bordando na varanda do chalé, a jovem que gritou “Mamãe!” no meio dos algodoads e se desfez em lágrimas, quando pensou que ela poderia ser levada para as montanhas por um soldado, você não conseguiu simplesmente dar as costas e ir embora.

Ao voltar para a casa vazia depois que sua esposa sumiu, você dormiu durante três dias. Não conseguia dormir na casa de Hyong-chol: de noite, ficava deitado com os olhos fechados. Sua audição se tornou tão sensível que seus olhos se abriam no instante em que alguém saía do quarto para ir ao banheiro. Na hora das refeições, sentava-se à mesa em consideração aos outros, mesmo que não tivesse fome, mas na sua casa vazia você não comeu nada e dormiu como os mortos.

Você pensou que não amava muito a sua esposa, já que se casara depois de vê-la apenas uma vez, mas todas as vezes que você saiu de casa, após algum tempo, ela reaparecia em seus pensamentos. As mãos de sua esposa conseguiam nutrir qualquer vida. Sua família não tinha muita sorte com animais. Antes de sua esposa passar a fazer parte da família, todos os cachorros que você tinha morriam antes de lhe dar um filhote. Comiam veneno para rato, caíam no vaso sanitário. Uma ocasião, sem ninguém perceber que o cachorro tinha se enfiado dentro do aquecedor de chão, o fogo foi aceso e, só depois de sentir o mau cheiro, você ergueu a tampa do aquecedor e puxou o cão morto. Sua irmã disse que a família não devia mais ter cachorros, mas sua esposa conseguiu com os vizinhos um cãozinho recém-nascido e levou-o para casa protegendo seus olhinhos com uma das mãos. Sua esposa acreditava que os cachorros, por serem inteligentes, voltariam para suas mães se seus olhos não fossem cobertos

ao serem levados embora. Sua esposa alimentou o cãozinho na varanda e ele cresceu e teve cinco ou seis ninhadas. Às vezes havia até 18 filhotes se contorcendo na varanda. Na primavera, sua esposa botava a galinha a chocar ovos e criava trinta ou quarenta pintinhos sem que nenhum morresse, a não ser uns poucos que eram levados por algum larápio. Quando sua esposa espalhava sementes na horta, as verduras se desenvolviam com muito viço, mais depressa do que conseguia arrancar as folhas tenras para comer. Ela plantava e colhia batatas, depois cenouras e mais tarde batatas-doces. Se plantasse mudas de berinjela, berinjelas roxas nasciam por todo lado durante o verão inteiro e até no outono. Qualquer coisa que tocasse, crescia em profusão. Sua esposa não tinha tempo de tirar a toalha encharcada de suor da cabeça. Assim que as ervas daninhas apareciam nos campos, as mãos dela as arrancavam, e ela picava em pedaços bem pequenos as sobras de comida e os despejava nas tigelas dos filhotes. Apanhava rãs e as fervia e triturava para alimentar as galinhas, cujos excrementos coletava e enterrava na horta muitas e muitas vezes. Tudo o que as mãos de sua esposa tocavam se tornava fértil, florescia, crescia e dava frutos. Seu talento era tanto que até sua irmã, que a criticava muito, a chamava para semear o campo e lhe pedia que plantasse mudas de pimenteira.

No terceiro dia após sua volta para casa, você acordou no meio da noite e ficou deitado, imóvel, com os olhos fixos no teto. O que é aquilo? Vê uma caixa com um símbolo yin-yang empoleirada no alto do guarda-roupa e rapidamente se levanta. Lembranças de sua esposa, que acordou um dia no início da madrugada, irrequieta, chamando seu nome, invadem-no. Você não respondeu, embora estivesse acordado, porque não podia ser incomodado.

— Você deve estar dormindo. — Sua esposa suspirou profundamente. — Por favor, não viva mais tempo que eu.

Você permaneceu calado.

— Tenho a sua mortalha preparada. Está naquela caixa yin- yang em cima do guarda-roupa. A minha está lá, também. Se eu partir antes, não entre em pânico, primeiro desça a caixa. Exagerei um pouco. Usei o melhor cânhamo que encontrei. Onde comprei disseram que eles mesmos plantavam o cânhamo e faziam o tecido. Você ficará espantado quando a vir, é muito bonita.

Sua esposa sussurrava, como se estivesse lançando um feitiço, embora não soubesse que você estava ouvindo.

— Quando tia Tamyang morreu algum tempo atrás, o marido dela se desmanchou em lágrimas. Ele contou que antes de a Tia morrer ela o fez prometer que não lhe compraria uma mortalha cara para ela. Disse que tinha passado a ferro seu *hanbok* do casamento e pediu ao marido para usá-lo quando a despachasse para o outro mundo. Disse também que lamentava ir primeiro, sem ao menos ver a filha deles casada, e que ele não devia gastar dinheiro com ela. Tio Tamyang estava apoiado em mim quando contou essa história, e chorou tanto que minhas roupas ficaram completamente encharcadas. Ele disse que só o que fazia era forçá-la a trabalhar muito. Que foi um erro ela morrer, agora que tinham um pouco mais de conforto, e que ela o fez prometer que não compraria uma roupa bonita para ela nem na sua morte. Eu não

quero fazer isso. Quero partir usando roupas bonitas. Quer vê-las?

Como você não se mexeu, sua esposa mais uma vez suspirou profundamente.

— Você devia ir antes de mim. Acho que é melhor. Dizem que embora haja uma ordem para as pessoas virem ao mundo, não há uma na hora de partir, mas devíamos seguir na mesma ordem em que viemos. Como você é três anos mais velho que eu, devia partir três anos antes de mim. Se a ideia não lhe agrada, pode ir só três dias antes. Posso muito bem viver aqui, e, se eu realmente não conseguir viver sozinha, posso ir para a casa de Hyong-chol e ser útil, descascar alho e fazer limpeza, mas o que você faria? Você não sabe fazer nada. Alguém o serviu durante a vida inteira. Posso ver com clareza a situação. Ninguém gosta de ver um velho malcheiroso, quieto, ocupando espaço. Agora somos um fardo para os filhos, que não sabem o que fazer conosco. As pessoas afirmam que se pode perceber de fora qual casa tem um morador velho. Dizem que ela fede. Mas uma mulher consegue de algum modo tomar conta de si e viver, enquanto um homem se torna patético quando mora sozinho. Ainda que você queira viver mais, pelo menos não viva mais do que eu. Eu lhe darei um bom enterro e o seguirei... Tenho condições de fazer isso.

Você sobe em uma cadeira para tirar a caixa de cima do guarda-roupa. Na verdade, há duas caixas. Pelo tamanho, parece que a caixa da frente é a sua e a de trás, a de sua esposa. São muito maiores do que pareciam quando você as olhou da cama. Ela disse que jamais tinha visto tecido tão lindo em toda a sua vida, que tinha ido longe para consegui-lo. Você abre a caixa e há tecidos de cânhamo, roupas de luto, enroladas em algodão ofuscante de tão branco. Você desfaz cada um dos laços. Cânhamo para cobrir o colchão, cânhamo para cobrir a cobertura, cânhamo para enrolar nos pés, cânhamo para enrolar nas mãos, está tudo ali dentro, em ordem. *Você disse que me enterraria primeiro e então se foi...* Você pisca e olha as bolsinhas que envolveriam os dedos dos pés e das mãos de sua esposa e os seus, após a morte dos dois.

Duas meninas entram correndo pelo portão lateral e vêm na sua direção, gritando: “Vovô!” Filhas de Tae-sop, que mora perto do riacho. Elas logo se afastam de você e olham ao redor da casa. Devem estar à procura de sua esposa. Tae-sop, que gerencia um restaurante chinês em Taejon, deixava as duas crianças sob os cuidados da mãe dele, que de tão idosa mal conseguia cuidar de si mesma, e nunca aparecia. Talvez ele não esteja se saindo muito bem. Sua esposa sempre estalava a língua em sinal de reprovação quando via as crianças, dizendo: “Ainda que Tae-sop seja assim, que tipo de gente é a esposa dele para fazer uma coisa dessas?” Os vizinhos cochichavam que a esposa de Tae-sop e o cozinheiro do restaurante tinham fugido juntos. Sua esposa era quem garantia que as crianças se alimentassem, não a avó. Certa vez, sua esposa viu que elas não tinham comido e as trouxe para casa para dar-lhes o café da manhã, e na manhã seguinte as meninas apareceram, o sono ainda estampado nos olhos. Sua esposa colocou mais duas colheres na mesa e sentou-as, e desde então as meninas voltavam sempre na hora das refeições. Às vezes chegavam antes que a comida ficasse pronta e entravam na sala, deitavam-se de bruços e brincavam, e, quando a mesa estava servida, corriam e tomavam seus lugares. As crianças enchiam a boca como se nunca mais fossem ver

comida na vida. Você ficava espantado, mas sua esposa as apoiava como se fossem suas netas secretas e dizia:

— Elas devem estar com fome para fazer isso. Não é como antes, quando as coisas eram difíceis para nós... É ótimo ter as meninas por perto, não ficamos tão sozinhos.

Depois que as meninas começaram a aparecer para as refeições, sua esposa preparava, mesmo de manhã, um prato de berinjela cozida com cavalinha feita no vapor. Quando seus filhos chegavam de Seul com frutas ou bolo, ela guardava a comida até as meninas espiarem por uma fresta da porta por volta das 16 horas. Logo elas criaram a expectativa de fazer lanches além das três refeições, e sua esposa entendeu que seria normal oferecê-los também. Você não sabe como sua esposa conseguiu alimentar as crianças no dia em que Pyong-sik, o proprietário da loja local, precisou levá-la para casa porque a encontrou sentada no ponto de ônibus, sem saber qual condução pegar para voltar. Ou quando ela saiu para ir ao jardim colher algumas lágrimas-de-nossa-senhora, mas foi encontrada sentada no campo além da via férrea por Ok-chol, que passava por ali. O que as crianças comiam durante a sua ausência? Você não pensou nas meninas enquanto estava em Seul.

— Onde está a vovó, vô? — a menina mais velha pergunta, só percebendo que sua esposa não está depois de procurar ao lado do poço, no galpão, e também no quintal dos fundos, e de abrir até as portas dos quartos.

É a mais velha que faz as perguntas, porém a mais nova coloca-se bem ao seu lado, esperando que você responda. Você quer perguntar a mesma coisa. De fato, onde ela está? Ainda está neste mundo, ao menos? Pede que as crianças esperem e pega um pouco de arroz do pote, lava-o e põe na panela elétrica de fazer arroz. As meninas correm ao redor, abrindo uma a uma as portas dos quartos. Como se sua esposa fosse sair de um deles. Você faz uma pausa, sem saber quanta água colocar, porque nunca fez arroz antes, então despeja mais meia xícara de água e pressiona o botão.

Naquele dia, no vagão de metrô que saiu da estação de Seul, quantos minutos se passaram até você perceber que sua esposa não estava no vagão que já se movimentava? Deduziu que sua esposa estava atrás de você. Quando o metrô parou na estação de Namyong e em seguida partiu, você sentiu um terror súbito. Antes que pudesse examinar a origem daquela sensação, alguma coisa — desespero pela ideia de ter cometido um erro grave e não poder voltar atrás — dilacerou seu coração. Seus batimentos eram tão rápidos que era possível ouvi-los. Você teve medo de olhar para trás. No momento em que precisou confirmar que tinha deixado sua esposa na estação de Seul, que tinha embarcado no trem e seguido viagem até a estação seguinte, no momento em que se virou, batendo sem querer no ombro da pessoa ao seu lado, você percebeu que sua vida tinha sofrido um dano irremediável. Não levou nem um minuto para perceber que sua vida saíra dos trilhos por causa do seu passo apressado, por causa do seu hábito de sempre caminhar na frente da esposa durante todos aqueles anos de casamento, porque você sempre caminhou na frente dela, primeiro jovem, depois velha, por cinquenta anos. Se tivesse se virado para conferir se ela o seguia de perto quando você entrou no vagão, as coisas teriam sido diferentes? Os comentários que sua esposa fazia havia anos... Sua esposa, que sempre ficava para trás quando iam juntos a algum lugar porque tinha o passo lento, que o seguia com a testa coberta de suor e resmungando: “Ande um pouco mais devagar,

acompanhe meu ritmo... por que tanta pressa?” Se você por fim parava para esperá-la, ela sorria constrangida e comentava: “Caminho muito devagar, não é?”

Ela dizia:

— Desculpe, mas o que os outros diriam se nos vissem? Se vissem duas pessoas que vivem juntas, mas uma está sempre bem à frente e a outra bem atrás? Diriam: “Esses dois devem se odiar tanto que não conseguem sequer caminhar lado a lado.” Não é bom aparecer assim diante das outras pessoas. Não tentarei segurar sua mão nem nada, quero apenas andar mais devagar. O que fará se me perder de vista?

Ela devia saber o que aconteceria. O que sua esposa lhe dizia com mais frequência, desde que a conhecesse, quando tinha 20 anos, e pelos cinquenta anos seguintes, era que caminhasse mais devagar. Como é possível que você não tenha reduzido o passo, quando sua esposa lhe pediu a vida inteira que caminhasse mais devagar? Você até parava e esperava por ela, mas nunca caminhou ao seu lado, conversando com ela, como ela queria, nem uma vez sequer.

Desde que sua esposa sumiu, você tem a sensação de que seu coração vai explodir cada vez que pensa nas suas passadas rápidas.

Você caminhou na frente de sua esposa a vida inteira. Às vezes, virava uma esquina sem nem olhar para trás. Quando sua esposa o chamava de longe, você resmungava e perguntava por que ela seguia tão devagar. E cinquenta anos se passaram. Quando você a esperava, ela parava ao seu lado, as faces vermelhas, e dizia com um sorriso: “Ainda assim, gostaria que você caminhasse um pouco mais devagar.” Você supunha que viveria assim o resto de seus dias. No entanto, desde aquele dia em que você pegou o vagão do metrô na estação de Seul, aquele dia em que ela estava poucos passos atrás, sua esposa ainda não voltou para o seu lado.

Você levanta a perna, a que foi operada de artrite, e a apoia no parapeito da varanda, observando as meninas devorarem o arroz malcozido, acompanhado apenas de *kimchi*. Após a cirurgia, você não teve mais dor nem problemas circulatórios, mas tornou-se impossível dobrar a perna esquerda.

— Quer que eu coloque uma compressa quente?

Você quase consegue ouvir sua esposa fazer a pergunta. Suas mãos manchadas de sol, as mãos que levariam ao fogo uma panela com água e molhariam uma toalha na água quente e a colocariam sobre o seu joelho mesmo que você não respondesse. Sempre que via as mãos disformes de sua esposa pressionando a toalha contra seu joelho, você torcia para que ela vivesse pelo menos um dia mais que você. Torcia para que, quando você morresse, as mãos de sua esposa fechassem seus olhos pela última vez, limpassem seu corpo gradativamente mais frio na frente dos filhos, e o enrolassem na mortalha.

— Onde você está? — Você, cuja esposa desapareceu, cuja esposa foi deixada para trás, grita, a perna esticada na varanda da casa vazia, as meninas não mais ali porque já acabaram de comer. Grita, na tentativa de não sucumbir aos soluços que têm subido a sua garganta desde que sua esposa se perdeu. Você não podia gritar nem chorar na frente dos filhos, filhas ou noras, mas agora, por causa da raiva ou do que quer que seja, as lágrimas descem, incontroláveis, pelo seu rosto. Lágrimas que não vieram quando os vizinhos enterraram seus

pais, que morreram com a diferença de dois dias durante o surto de cólera que atingiu a aldeia. Você não tinha nem 10 anos e não conseguia chorar, mesmo que quisesse. Após o enterro de seus pais, você desceu a montanha a pé, tremendo, com frio e medo. Lágrimas que não escorreram pelo seu rosto no período da guerra. Sua família tinha uma vaca. Durante o dia, quando soldados sul-coreanos estavam baseados na aldeia, você arava os campos com essa vaca. Naquela época, soldados norte-coreanos desciam da montanha, invadiam a aldeia sob a cobertura da noite e levavam gente e gado. Quando o sol se punha, você caminhava até a cidade com a vaca, amarrava-a perto do posto policial e dormia, apoiado na barriga do animal. De madrugada, levava a vaca de volta para a aldeia e arava os campos. Uma noite, você não foi para o posto policial porque pensou que os soldados norte-coreanos tinham deixado a área, mas eles entraram na aldeia como um enxame e tentaram carregar a vaca. Você não a soltou, embora eles o tenham chutado e espancado. Você correu atrás da vaca, empurrando para o lado sua irmã, que tentava impedi-lo de prosseguir, e, mesmo quando o agrediram com o cano de um fuzil, você não chorou. Você, que não verteu uma lágrima quando foi atirado em um arrozal coberto de água com outros aldeões após ter sido acusado de reacionário porque seu tio era detetive, você, que não chorou quando uma lança de bambu atravessou seu pescoço, está soluçando alto. Você percebe como foi egoísta ao desejar que sua esposa sobrevivesse a você. Foi seu egoísmo que o fez ignorar que sua esposa tinha uma doença séria. Em algum lugar do seu coração, você sabia que sua esposa, que muitas vezes parecia estar dormindo profundamente quando você voltava para casa tarde da noite, mantinha os olhos fechados porque sua dor de cabeça era forte demais. Você só não pensava muito sobre isso. A certo ponto, você sabia que sua esposa saía da casa para alimentar o cachorro, mas acabava tomando o caminho do poço, ou que saía de casa para ir a algum lugar, mas parava junto ao portão sem se lembrar do destino, até que desistia e voltava para dentro. Você só observava quando sua esposa se arrastava para o quarto, mal conseguindo encontrar o travesseiro e deitar-se, o rosto visivelmente crispado. Era sempre você quem sentia dor, e sua esposa quem o tratava. Às vezes, quando sua esposa dizia que sentia dor no estômago, você era capaz de responder: “Minhas costas estão doendo.” Quando você adoecia, sua esposa colocava a mão na sua testa, massageava sua barriga, ia à farmácia comprar remédio e preparava seu mingau de feijão-da-china, mas quando ela não se sentia bem, você apenas a mandava tomar algum remédio.

Você se dá conta de que nunca ofereceu à esposa nem um copo de água morna quando ela passara dias sem conseguir segurar a comida no estômago por causa de uma indisposição severa.

Isso foi no período em que você vagueou pelo país, envolvido com percussão. Duas semanas mais tarde, voltou para casa, e sua esposa estava dando à luz sua filha. Sua irmã, que fizera o parto, disse que tinha sido um parto fácil, mas que sua esposa estava com diarreia. O caso era tão sério que não havia nenhuma cor no seu rosto, e os ossos da face estavam salientes, embora ela tivesse acabado de ter um bebê. Sua saúde não melhorou. Você tinha a impressão de que ela não ficaria boa a menos que fizesse algo. Você deu à sua irmã dinheiro para comprar um medicamento chinês.

Seu choro entremeado por soluços fica mais alto quando você se senta na varanda da casa vazia.

Agora você percebe que foi a única vez que pagou por um remédio para sua esposa. Sua irmã comprou três pacotes do remédio chinês, ferveu-o e deu-o à cunhada. Depois disso, quando sua esposa tinha problemas de estômago, dizia:

— Se naquela época eu tivesse conseguido mais dois pacotes do remédio chinês, teria ficado curada.

Seus parentes gostavam de sua esposa. Quando eles os visitavam, você se limitava a dizer “olá” quando chegavam e “adeus” quando iam embora, mas seus numerosos parentes vinham por causa de sua esposa. As pessoas diziam que a comida de sua esposa transbordava de amor. Ainda que tudo o que ela fizesse fosse ir à horta pegar verduras para a sopa de pasta de feijão e uma couve para algum prato salgado muito simples, todos comiam com entusiasmo. Elogiavam a sopa de pasta de feijão e a couve salgada. Seus sobrinhos e sobrinhas vinham passar as férias escolares com vocês e depois reclamavam que tinham engordado tanto que não conseguiam abotoar seus uniformes. Todos diziam que o arroz de sua esposa engordava as pessoas. Quando você e seus vizinhos iam plantar arroz em seus arrozais e sua esposa levava arroz e peixe ensopado com batatas frescas para o almoço, todos faziam uma pausa e se empanturravam de comida. Até quem apenas passava por perto parava para comer. Os aldeões disputavam para ver quem o ajudaria no campo. Diziam que, quando comiam o almoço de sua esposa, ficavam tão satisfeitos que conseguiam fazer o dobro do volume de trabalho antes de sentirem fome de novo. Se acontecesse de um vendedor ambulante de melão ou roupas espiar pelo portão durante um almoço de família, sua esposa era o tipo de pessoa que seria capaz de acolhê-lo e servir-lhe uma refeição. Sua esposa, que comia sem problema na companhia de estranhos, se dava bem com todo mundo, menos com a cunhada, sua irmã.

Quando sua esposa estava sofrendo com problemas no estômago, ela reclamava como se o problema tivesse acontecido no dia anterior.

— Teria sido bom tomar mais dois pacotes do remédio chinês naquela época... Até você dizia que eu precisava de mais duas porções porque acabara de ter um bebê e precisava ficar boa, mas sua irmã perguntou, com aquela cara de malvada, “Por que você quer mais remédio? Isso já é suficiente”. E não providenciou mais. Se eu tivesse tomado mais duas porções, não precisaria passar por isso.

Entretanto, você nem se lembrava mais do assunto. E, ainda que sua esposa repetisse sempre a mesma história, você nunca lhe comprava remédio quando ela tinha diarreia.

— Eu devia ter tomado mais remédio. Agora nada funciona.

Todas as vezes que sua esposa tinha diarreia, parava de comer. Você não entendia como alguém podia passar dias sem comer. Ignorava isso quando era mais jovem e só com o passar do tempo começou a perguntar se ela queria comer alguma coisa. Quando você perguntava, sua esposa respondia com ar de infelicidade:

— Os animais não comem quando estão doentes. Vacas, porcos... quando estão doentes param de comer. Até as galinhas. O cachorro para de comer quando adoece. Nem olha para a comida, mesmo que eu lhe dê alguma coisa boa; ele cava um buraco na frente de sua casa e

fica ali. Alguns dias mais tarde, ele se levanta. E só então se alimenta. As pessoas fazem o mesmo. Meu estômago não está bem e, ainda que a comida esteja ótima, é como veneno quando chega dentro de mim.

Se a diarreia não parasse, ela ralava caqui seco e comia uma colherada. Recusava-se a ir ao hospital. “Como caqui seco pode ser considerado remédio? Vá ao hospital, consulte-se com um médico e compre remédio na farmácia”, você exclamava, mas ela não lhe dava ouvidos. Por fim, se você insistia, ela retrucava “Eu já não disse que não vou ao hospital?”, e não permitia que você voltasse ao assunto.

Certo ano você saiu de casa no verão, voltou no inverno, e descobriu um caroço no seio esquerdo de sua esposa. Você comentou que aquilo não era normal, mas ela não tomou nenhuma providência. Somente quando o mamilo rachou e começou a purgar você levou-a ao hospital na cidade, ela com a toalha ainda enrolada na cabeça. Não conseguiram descobrir de imediato qual era o problema. Os médicos a examinaram e disseram que em dez dias chegariam os resultados. Sua esposa suspirou. O que aconteceu durante esses dez dias? O que você estava fazendo de tão importante que não voltou para saber o resultado? Por que adiou a descoberta do que havia de errado? Por fim, quando um abscesso tomou conta do mamilo de sua esposa, você a levou de volta ao hospital. O médico disse que sua esposa tinha câncer de mama.

“Câncer?” Sua esposa disse que não era possível. Que não tinha tempo para ficar na cama, doente. Que tinha muita coisa a fazer. O médico explicou que sua esposa não se encaixava no perfil de quem corria um alto risco de câncer de mama. Não teve filhos tarde, amamentou os cinco filhos, não menstruou muito jovem, já que isso acontecera no ano em que se casara com você, e não gostava de carne... Na verdade, não tinha dinheiro para comprar carne. Mas células cancerosas estavam crescendo no seio esquerdo de sua esposa. Se você tivesse voltado logo para pegar o resultado, talvez os médicos não tivessem precisado extirpar o seio. Após a cirurgia, o tórax ainda envolto em ataduras, sua esposa plantou batatas na lavoura. Enquanto enterrava as batatas germinadas na terra, que era de outro dono porque você a tinha vendido para pagar a cirurgia, ela declarou “Nunca mais volto ao hospital”. Ela não apenas se recusava a ir ao hospital, como também não permitia que você se aproximasse dela.

Mais ou menos na época em que vocês deviam ir a Seul para os aniversários, sua esposa teve problemas de estômago. Você ficou preocupado, sem saber se ela poderia ir a Seul, já que estava muito fraca, mas ela pediu que você fosse à cidade comprar banana, que ela tinha ouvido dizer que era um excelente remédio. Antes de irem a Seul, ela comia uma mistura de dois caquis secos e meia banana em substituição a três refeições consecutivas. Embora nunca fizesse repouso por mais de uma semana após os partos, ela ficou de cama durante dez dias por causa do problema de estômago. E sua esposa começou a esquecer a data de rituais ancestrais. Quando fazia *kimchi*, ela às vezes parava, com o olhar vazio. Se você perguntava o que havia de errado, ela respondia com um murmúrio fraco “Não sei se coloquei alho...”. Ela pegava uma panela fervente de pasta de feijão fermentado com as mãos nuas e as queimava. Você simplesmente pensava: “Ela não é mais uma jovem.” Você simplesmente pensava: “Até eu passo meus dias sem pensar em tambores tradicionais, de que eu tanto gostava. Nessa idade, nossos corpos não podem mais ser os mesmos.” Você simplesmente pensava: “Chega

uma hora em que as coisas se quebram.” Você aceitava que as doenças seriam companhias constantes nessa idade, e pensava que sua esposa estaria nesse estágio, também.

— Você está em casa?

Seus olhos se abrem de repente quando ouve a voz de sua irmã. Por um instante, pensa que é a voz de sua esposa, embora saiba muito bem que apenas sua irmã viria à sua casa de manhã tão cedo.

— Vou entrar — avisa e abre a porta do seu quarto.

Sua irmã segura uma bandeja com uma tigela de arroz e acompanhamentos, cobertos por uma toalha branca. Repousa a bandeja no lado oposto do quarto e olha na sua direção. Ela morava aqui com você até quarenta anos atrás, quando construiu uma casa junto da estrada nova, e desde então acordava de madrugada, fumava um cigarro, ajeitava o cabelo, prendia-o com um grampo e vinha para a sua casa. Sua irmã caminhava ao redor da casa sob a luz da madrugada e ia embora. Sua esposa sempre ouvia os passos da cunhada, andando em silêncio ao redor da casa, do pátio da frente até o pátio lateral e depois o dos fundos. Era o som dos passos de sua irmã que acordava sua esposa. Sua esposa resmungava, virava para o lado, reclamava “Ela está de volta” e saía da cama. Sua irmã apenas dava uma volta ao redor da casa e ia embora... Talvez apenas quisesse confirmar que a casa permanecia intacta de um dia para outro. Quando era jovem, ela perdeu dois irmãos mais velhos ao mesmo tempo, os pais com dois dias de diferença entre um e outro, e, durante a guerra, quase perdeu você. Depois que se casou, o marido veio morar na sua aldeia, em vez de sua irmã ir morar na aldeia da família dele. A ferida de perder o marido em um incêndio na casa estava profundamente enraizada em sua irmã e tinha se transformado em uma enorme árvore, que nada conseguia derrubar.

— Você nem se preocupou em dormir na esteira?

Os olhos de sua irmã, que costumavam ser firmes e determinados quando era uma viúva jovem e sem filhos, agora pareciam cansados. Seus cabelos, escovados com cuidado e presos por um grampo, estão completamente brancos. Ela tem oito anos a mais do que você, mas sua postura é mais ereta. Senta-se ao seu lado, pega um cigarro e o coloca entre os lábios.

— Você não parou de fumar?

Sem responder, sua irmã pega um isqueiro com o nome de um bar da cidade gravado e acende o cigarro.

— O cachorro está na minha casa. Pode trazê-lo de volta, se quiser.

— Deixe-o lá por enquanto. Acho que preciso voltar a Seul.

— Para quê?

Você não responde.

— Por que veio sozinho? Você precisava tê-la encontrado e voltado com ela!

— Pensei que ela poderia estar esperando aqui.

— Se estivesse, eu lhe telefonaria no mesmo instante, não acha?

Você não responde.

— Como pode estar assim? Você é um ser humano inútil! Como pode um marido perder a esposa? Como pode voltar para casa, quando aquela pobre mulher está em algum lugar que

não se sabe qual é?

Você olha para sua irmã de cabelos brancos. Nunca ouviu-a falar sobre sua esposa nesses termos. Sua irmã sempre tinha algo a reprovar em sua esposa. Reclamava porque não tinha engravidado nos dois primeiros anos de casamento, e, quando Hyong-chol nasceu, sua irmã mostrou indiferença dizendo: “Não é como se ela tivesse feito algo que ninguém fez.” Ela morou com sua família durante os anos em que sua esposa precisava triturar grãos no pilão de madeira para cada refeição e ela nunca assumiu o pilão. Mas sempre ajudava a tomar conta de sua esposa depois que ela dava à luz.

— Eu queria dizer algumas coisas a ela antes de morrer, mas como fazer isso se ela não está aqui? — observa sua irmã.

— Queria dizer o quê?

— Não é só uma coisa ou duas...

— Queria lembrar como você foi perversa com ela?

— Ela disse que fui perversa com ela?

Você só olha para a irmã e nem ao menos sorri. *Então está dizendo que não foi?* Todo mundo sabia que sua irmã agia mais como sogra de sua esposa do que como cunhada. Era o que todos pensavam. Sua irmã detestava ouvir isso. Dizia que precisava ser assim, já que não havia pessoa mais velha na família. Deve ter sido esse o caso.

Sua irmã tira rapidamente outro cigarro da cigareira e o enfia na boca. Você o acende para ela. O desaparecimento de sua esposa deve ter forçado sua irmã a voltar a fumar. De todo modo, você não consegue pensar na sua irmã sem um cigarro na boca. A primeira coisa que ela faz quando acorda é tatear ao seu redor à procura de um cigarro, e o dia inteiro fica atrás de cigarros antes de fazer qualquer coisa, antes de ir a algum lugar, antes de comer, antes de deitar. Você achava que ela fumava demais, mas nunca lhe disse para parar de fumar. Na verdade, não podia lhe dizer isso. Quando você a viu logo após o marido morrer no incêndio, ela estava com os olhos fixos na casa que tinha queimado por completo, fumando. Estava sentada, fumando um cigarro após outro, sem chorar nem rir. Ela fumava em vez de comer ou dormir. Três meses após o incêndio, era possível sentir de longe o cheiro de cigarro nela, o fumo impregnado em seus dedos.

— Não viverei muito, agora — dizia sua irmã desde o dia em que completara 50 anos. — Levando a vida que levei durante todos esses anos, considerarei meu quinhão especialmente duro e triste. O que me resta? Não tenho filhos, não tenho nada. Quando nossos irmãos morreram, pensei que eu devia ter morrido no lugar deles, mas, depois que nossos pais se foram, eu precisava olhar por você e Kyun, embora estivesse em choque. Parecia que estávamos sozinhos no mundo. E como meu marido morreu no incêndio antes de eu ter chegado a me apegar a ele... você não é apenas meu irmão, é também meu filho e meu amor...

Isso era verdade.

Se não fosse, quando você ficou de cama, semiparalisado em decorrência de um derrame cerebral na meia-idade, como ela poderia ter percorrido os campos para colher orvalho ao longo de um ano, atravessando a primavera, o verão, o outono, por ter ouvido dizer que você ficaria curado se bebesse todos os dias uma tigela de orvalho da madrugada? Para conseguir uma tigela de orvalho antes de o sol nascer, sua irmã acordava no meio da noite e esperava o

dia raiar. Naquela época, sua esposa parara de reclamar de sua irmã e começara a tratá-la com respeito, como se ela fosse sua sogra. Sua esposa, em tom respeitoso, dizia:

— Não acho que eu conseguiria fazer tanto por você!

— Antes de eu morrer, gostaria de dizer a ela que fico triste por três coisas — continua sua irmã.

— Que coisas são essas?

— Fico triste por Kyun... e pela vez que gritei com ela por cortar o pé de damasco... e por não ter comprado o remédio que ela precisava quando teve problemas de estômago...

Kyun. Você não responde.

Sua irmã levanta-se e aponta para a bandeja coberta com a toalha branca.

— Trouxe um pouco de comida, coma quando tiver fome. Quer agora?

— Não, ainda não estou com fome. Acabei de acordar. — Você levanta-se, também.

Segue sua irmã enquanto ela contorna a casa. Sem as mãos zelosas de sua esposa, a casa está coberta de pó. Sua irmã limpa o pó das tampas dos jarros quando passa pelo quintal dos fundos.

— Acha que Kyun foi para o céu? — pergunta ela de repente.

— Por que está falando nele?

— Kyun deve estar à procura dela também. Eu o vejo em meus sonhos. Imagino como ele seria se tivesse vivido.

— O que quer dizer com “como ele seria”? Seria velho como você e eu...

Quando, aos 17 anos, sua esposa se casou com você, de 20, seu irmão mais novo, Kyun, estava na sexta série. Era uma criança inteligente; destacava-se entre os colegas. Era esperto, sociável, simpático, e tirava boas notas. Quando as pessoas passavam por Kyun, espichavam o pescoço para olhá-lo melhor, imaginando qual família felizarda o teria como filho. Mas ele não tinha condições financeiras de ir para o ensino médio, e pediu que você e sua irmã o deixassem ir. Você quase pode ouvi-lo agora. *Por favor, me mande para a escola, irmão. Por favor, me mande para a escola, irmã.* Ele se esgoelava todos os dias, pedindo aos dois que o mandassem para a escola. Embora alguns anos já tivessem se passado desde a guerra, vocês eram incredivelmente pobres — o que era uma pena. Às vezes, você pensa naquela época como se fosse um sonho. Sobreviveu por milagre após ter sido golpeado no pescoço por uma lança de bambu, mas ficou desesperado por ser o filho mais velho entre os parentes próximos, responsável por alimentar uma família sem ninguém mais velho. Devia ser por isso que você queria tanto sair dessa casa, porque tudo era muito difícil. Era difícil encontrar comida, quanto mais ter condições de mandar o irmão à escola. Quando você e sua irmã não lhe deram ouvidos, Kyun implorou para a sua esposa:

— Cunhada, por favor, me mande para a escola. Por favor, me deixe completar o ensino médio. Serei grato à senhora pelo resto da vida.

Sua esposa considerou:

— Já que ele quer tanto, você não devia dar um jeito de mandá-lo para a escola?

— Eu também não pude frequentar a escola! Ao menos ele conseguiu acabar o curso primário — você retrucou.

Você não pôde ir à escola por causa de seu pai. Seu pai, que praticava a medicina chinesa, não o deixava ir aonde houvesse muita gente, fosse escola ou não, depois que perdeu dois filhos mais velhos durante uma epidemia. Seu pai, sentado joelho a joelho com você, ensinou-o sozinho os caracteres chineses.

— Vamos mandá-lo para a escola — insistiu sua esposa.

— Como?

— Podemos vender o jardim.

Quando sua irmã ouviu a sugestão, exclamou “Você será a ruína desta família!” e mandou sua esposa de volta para sua cidade natal. Dez dias depois, você rumou para a casa dos sogros, bêbado. Tropeçou ao longo do caminho que descia a montanha e, ao chegar ao chalé, parou na frente da janela do quarto que dava para o quintal, rodeado de bambus. Não foi até lá pensando em levar sua esposa de volta. Foi o vinho de arroz que o fez tomar aquela direção, o *makkoli* que lhe serviram depois de ajudar um vizinho a arar seus campos. Embora não tenha sido você quem a mandou de volta para a casa de sua infância, você não conseguiria entrar na casa dos sogros como se nada tivesse acontecido, por isso parou onde estava, apoiado no muro. Ouviu que sua sogra e sua esposa conversavam. Sua sogra levantou a voz e disse:

— Não volte para aquela maldita casa! Vá lá apenas para empacotar suas coisas e depois se afaste daquela família.

Sua esposa, fungando, insistiu:

— Ainda que eu morra, voltarei para aquela casa! Por que devo sair de lá, se a casa é minha também?

Você continuou apoiado no muro até que a luz da madrugada começou a se infiltrar na floresta de bambu. Agarrou o braço de sua esposa quando ela saiu para preparar o café da manhã. Por ter chorado a noite inteira, seus grandes olhos pretos e sinceros estavam tão inchados que não passavam agora de pequenas fendas. Você tomou a mão de sua esposa e atravessou com ela a floresta de bambu a caminho de casa. Quando chegaram do outro lado, soltou a mão de sua esposa e caminhou à frente dela. O orvalho molhava suas calças. Ela o seguiu, com a respiração ofegante e pedindo:

— Caminhe um pouquinho mais devagar!

Ao chegar em casa, Kyun correu para a sua esposa:

— Cunhada! Cunhada, prometo que desisto da escola, assim a senhora não me abandona de novo!

Os olhos de Kyun se encheram de lágrimas. Ele tinha desistido de seu sonho. Desse dia em diante, Kyun, sem conseguir voltar para a escola, dispôs-se a ajudar a cunhada e fazer o serviço da casa. Quando trabalhavam no campo, na encosta da colina, e ele não conseguia vê-la atrás dos altos pés de milho, gritava “Cunhada!”. Quando sua esposa respondia: “Estou aqui”, ele gritava de novo “Cunhada!”. Kyun chamava e sua esposa respondia, e Kyun voltava a chamar e ela respondia mais uma vez. Era assim que os dois acabavam o trabalho no pedaço de terra na montanha, chamando e respondendo. Kyun era uma companhia de confiança para sua esposa nos períodos em que você perambulava longe de casa. Quando ele ficou mais forte, passou a arar os campos com a vaca na primavera e a colher arroz nos arrozais no outono, antes de qualquer outra pessoa. No final do outono, ia para a horta de repolhos de manhã cedo

e colhia toda a plantação. Era a época em que as pessoas estendiam esteiras de palha nos arrozais para debulhar os grãos. As mulheres usavam escovadores e, com a ajuda de galhos, retiravam a pele do arroz. Todas as aldeãs iam para os campos da família que estava debulhando grãos naquele dia e colocavam seus escovadores em ação. E debulhavam o cereal até o pôr do sol. Um ano, Kyun foi trabalhar na cervejaria da cidade. Quando recebeu o pagamento, comprou um escovador e levou-o para casa como presente para a cunhada.

— Que escovador é esse? — perguntou sua esposa.

Kyun sorriu.

— Seu escovador é o mais velho da aldeia... parece que não se aguenta mais.

Sua esposa tinha dito a você que seu escovador era tão velho que ela precisava fazer mais esforço do que as outras mulheres para separar os grãos, e que ela gostaria de ter um novo. As palavras dela tinham entrado por um ouvido e saído pelo outro. Você pensou: “O escovador dela está ótimo, por que comprar um novo?” Segurando o escovador novo que Kyun lhe comprara, sua esposa estava furiosa com ele, ou talvez com você.

— Para que comprar um escovador novo, quando não temos condições nem de mandar você para a escola?

Kyun respondeu que aquilo não era nada, e ficou com o rosto vermelho.

Kyun dava-se muito bem com a cunhada, e talvez a considerasse como mãe. Depois do escovador, comprou várias outras coisas para a casa toda vez que tinha dinheiro. Sempre eram coisas de que sua esposa precisava. Foi Kyun quem comprou para ela uma bacia de níquel. Explicou, um pouco constrangido, “Esse era o que as outras mulheres usavam, e a cunhada era a única que usava um recipiente de borracha”. Sua esposa fazia vários tipos de *kimchi* na bacia de níquel e a usava para levar almoço para o campo. Depois de usá-la, ela a polia e guardava em cima do guarda-louça. Usou-a até o níquel gastar e a bacia tornar-se branca.

Você levanta-se de repente e entra na cozinha. Abre a porta dos fundos e ergue os olhos para a prateleira feita de vigas no quarto da bagunça. Mesas dobráveis estão empilhadas no alto. No fundo está a bacia níquelada que tem décadas.

Você não estava em casa no dia em que sua esposa deu à luz seu segundo filho. Kyun estava com ela. Você soube mais tarde o que aconteceu. Era inverno e fazia frio, mas não havia lenha. Pela sua esposa, que ficou em um quarto frio após o parto, Kyun derrubou um velho pé de damasco do quintal. Ele empurrava as toras para a fornalha que havia sob o quarto de sua esposa e a acendia. Sua irmã entrou no quarto de sua esposa furiosa e a xingou, perguntando como ela podia fazer uma coisa daquelas quando todo mundo dizia que os parentes começariam a morrer se alguém cortasse uma árvore da família. Kyun então gritou:

— Fui eu que cortei! Por que a está acusando?

Sua irmã segurou Kyun pelo pescoço.

— Ela mandou você cortar a árvore? Idiota! Menino insuportável!

Kyun, recusando-se a se subjugar, tomou o partido da cunhada e retrucou:

— Quer que ela morra congelada num quarto frio como esse depois de ter um bebê?

Logo depois, Kyun saiu de casa para ganhar dinheiro. Ele ficou fora por quatro anos. Quando retornou, sem nenhum tostão, sua esposa o recebeu calorosamente. Mas Kyun tinha

mudado muito enquanto estivera fora. Embora tivesse se tornado um rapaz alto, em seus olhos não havia mais entusiasmo e ele parecia triste. Quando sua esposa perguntou o que ele fizera e aonde fora, ele não respondeu. Nem sorriu para ela. Você pensou apenas que o mundo exterior tinha sido cruel com ele.

Foi no lugar onde antes existia a árvore de damasco. Talvez vinte dias tivessem se passado desde que Kyun voltara para casa. Um dia, sua esposa, com o rosto muito pálido, correu para a loja da cidade onde você jogava uma partida do tradicional jogo de tabuleiro coreano *yut*. Ela insistia que havia algo errado com Kyun, e que você precisava voltar para casa imediatamente, mas você continuou imerso em seu jogo e mandou que ela o deixasse em paz. Sua esposa ficou parada por um instante, atordoada, depois bateu na esteira de palha sobre a qual acontecia a partida de *yut* e gritou:

— Ele está morrendo! Você precisa vir comigo!

Sua esposa agia de modo tão estranho que você voltou depressa para casa, com um peso no estômago.

— Rápido! Rápido! — gritou sua esposa, tomando a dianteira. Era a primeira vez que ela ia à sua frente, e correndo.

Kyun estava deitado no lugar onde costumava ficar o pé de damasco, contorcendo-se. Espumava pela boca e tinha a língua para fora.

— O que há com ele? — Você olhou para sua esposa, mas ela já estava tomada pela tristeza.

Tendo sido quem encontrou Kyun naquele estado, ela foi chamada ao posto de polícia várias vezes. Antes que determinassem a causa da morte, um boato de que envenenara o cunhado com pesticida espalhou-se pela aldeia vizinha. Com os olhos vermelhos, sua irmã gritou para a cunhada:

— Você matou meu irmão!

Sua esposa manteve-se tranquila enquanto era investigada pelos detetives.

— Se acham que o matei, me prendam.

Uma vez, o detetive precisou levar sua esposa para casa porque ela se recusou a deixar o posto de polícia e pediu para ser trancada em uma cela. Ela quase arrancava os cabelos e batia no peito, destroçada pela dor. Abriu a porta com violência, correu para o poço e bebeu água fria com sofreguidão. Enquanto isso, você estava praticamente catatônico. Enquanto sua esposa estava sendo investigada, você vagueava pelas colinas e pelos campos, enlouquecido, gritando o nome do menino morto: “Kyun! Kyun!” A queimação no seu peito se espalhou e você não conseguia suportar o calor que tomava conta de seu corpo. *Kyun!* Houve uma época em que os mortos não falavam e os que eram deixados para trás ficavam malucos assim.

Agora você percebe como foi covarde. Passou a vida inteira jogando seus desgostos em cima de sua esposa. Kyun era o seu irmão, mas era ela quem precisava ser consolada. Como você se recusava a falar sobre isso, ela havia ficado isolada.

Embora sua esposa estivesse transtornada de tanta dor, foi ela quem contratou alguém para enterrar Kyun. Passaram-se anos, mas você nunca perguntou onde ele foi enterrado.

— Não quer saber onde ele está enterrado? — perguntava ela às vezes.

Você não dizia uma palavra. Não queria saber.

— Não fique magoado com ele por ter partido assim... Você é irmão dele e ele não tem pais, por isso precisa visitá-lo... Seria bom se pudéssemos transferir seu corpo para um bom local no cemitério ancestral.

Você gritava:

— Por que preciso saber onde aquele idiota está enterrado?

Certa vez, quando vocês dois caminhavam ao longo de uma estrada, sua esposa parou e disse:

— O lugar onde Kyun foi enterrado fica aqui perto, não quer ir lá?

Você fingiu não ter ouvido. Por que precisava machucá-la desse jeito? Até dois anos antes, no aniversário de morte de Kyun, sua esposa preparava comida e a levava até a sepultura. Quando descia da colina, ela cheirava a *soju*, uma bebida alcoólica típica feita de arroz, e tinha os olhos vermelhos.

Sua esposa mudou depois do que aconteceu com Kyun. Uma pessoa antes feliz, ela parou de sorrir. Quando por acaso sorria, o sorriso logo desaparecia. Ela costumava adormecer logo que se deitava, cansada do trabalho no campo, mas agora havia noites em que não conseguia dormir. Sua esposa nunca mais teve uma noite de sono profundo até a filha mais jovem virar farmacêutica e receitar-lhe pílulas para dormir. Pobre esposa, que nem ao menos conseguia dormir. Talvez sua esposa desaparecida ainda tivesse pílulas para dormir acumuladas no cérebro, não dissolvidas. A casa velha foi reformada duas vezes depois da morte de Kyun. Cada vez que você reformava a casa, jogava fora as coisas velhas que tinham ficado empilhadas em um canto qualquer. Mas sua esposa tomava conta pessoalmente da bacia niquelada, preocupada que alguém mexesse nela. Talvez por recear que, caso a misturassem aos outros itens, não fosse mais possível encontrá-la. A bacia niquelada era a primeira coisa que ela levava para a barraca temporária em que viviam enquanto a casa estava sendo reformada. Quando a casa ficava pronta, antes de qualquer outra coisa sua esposa pegava a bacia niquelada e a colocava na estante da casa nova.

Até sua esposa desaparecer, você não imaginava que seu silêncio sobre Kyun a afligia. Pensava que não havia sentido em falar sobre o passado. Quando sua filha falou “O médico perguntou se Mamãe tinha passado por um choque profundo. Existe algo que eu não saiba?”, você balançou a cabeça. Quando sua filha disse “O médico recomendou que Mamãe consultasse um psiquiatra”, você a interrompeu e retrucou “Quem precisa de psiquiatra?”.

Você sempre pensou em Kyun como alguém de quem precisava esquecer à medida que os anos passavam, e agora parecia que de fato o tinha esquecido. Quando completou 50 anos, até sua esposa admitiu:

— Não vejo mais Kyun nos meus sonhos. Talvez agora ele tenha conseguido ir para o céu.

E você pensou que sua esposa estivesse bem, como você estava. Foi nos últimos anos que sua esposa voltou a falar sobre Kyun, embora você estivesse convencido de que ela o esquecerá.

Certa noite, alguns meses atrás, sua esposa o sacudiu até acordá-lo.

— Acha que Kyun não teria feito isso se o tivéssemos mandado para a escola? — Então ela sussurrou, quase como se falasse consigo mesma. — Quando me casei, Kyun era a pessoa mais gentil comigo... Eu era sua cunhada, mas nem pude mandá-lo para a escola, embora ele quisesse tanto. Não acredito que ele já tenha conseguido ir para um lugar agradável.

Você resmungou e virou-se, mas sua esposa continuou a falar.

— Por que você agiu daquele jeito? Por que não o mandou para a escola? Não se sentia mal quando ele chorava, querendo ir para a escola? Ele dizia que encontraria um modo de continuar, bastaria que o matriculássemos.

Você não queria falar com ninguém sobre Kyun. Ele era uma cicatriz na sua alma também. Embora o pé de damasco não existisse mais, você se lembrava com clareza de onde Kyun tinha morrido. Sabia que sua esposa às vezes fixava os olhos naquele local. Você não queria colocar o dedo na ferida. Havia coisas piores na vida.

Você pigarreia algumas vezes.

Só depois que sua esposa sumiu você pensou que devia ter passado algum tempo aquela noite conversando francamente sobre Kyun com ela. Kyun continuava no coração de sua esposa, embora este se tornasse cada vez mais vazio. No meio da noite sua esposa corria de repente para o banheiro e se acorava ao lado do vaso sanitário. Estendia as mãos como se estivesse empurrando alguém, e gritava: “Não fui eu, não fui eu!” Se você perguntasse se ela tinha tido um pesadelo, ela piscava e o encarava com o olhar vazio, parecendo ter se esquecido do que estava fazendo. Isso acontecia cada vez com mais frequência.

Por que você não pensava no fato de que sua esposa precisava continuar indo à delegacia de polícia por causa de Kyun? Que corria o boato de que ela o tinha matado? Por que só agora você pensa que Kyun podia ter alguma coisa a ver com as dores de cabeça de sua esposa? Você devia tê-la escutado ao menos uma vez. Devia ter permitido que dissesse o que queria. Os anos de silêncio, depois de ter jogado a culpa nela e de não deixá-la sequer tocar no assunto... Essa pressão talvez tenha levado sua esposa à dor. Com mais e mais frequência você a encontrava parada, perdida. Ela dizia “Eu não consigo lembrar o que estava fazendo”. Ainda que a dor de cabeça praticamente a impedisse de andar, ela se recusava a ir ao hospital. Insistia que você não contasse aos filhos sobre as dores de cabeça.

— De que adianta contar-lhes? Estão todos atarefados.

Quando eles descobriram o que se passava, ela encobriu o fato e afirmou:

— Tive dor de cabeça ontem, mas agora estou ótima!

Certa vez, ela estava sentada na cama no meio da noite, e quando você fez um ruído ela ficou com o rosto frio como pedra e perguntou:

— Por que ficou comigo todos esses anos?

Ainda assim, ela continuava a fazer molhos e a colher ameixas japonesas silvestres para preparar suco. Aos domingos, montava na garupa de sua motocicleta para ir à igreja, e às vezes sugeria que saíssem para jantar, dizendo que queria uma comida que outra pessoa tivesse preparado, em um lugar onde servissem muitos acompanhamentos. Quando a família discutiu a consolidação dos muitos rituais ancestrais em um único dia, ela disse que faria isso

quando chegasse o momento de a esposa de Hyong-chol assumir os rituais, mas como ela os realizara durante a vida inteira, continuaria a realizá-los separadamente enquanto estivesse viva. No entanto, diferentemente de antes, ela passou a esquecer coisas para a mesa do ritual ancestral e precisava ir à cidade quatro ou cinco vezes. Você apenas deduzia que isso podia acontecer com qualquer um.

O telefone toca de madrugada. *A essa hora?* Cheio de esperança, você atende depressa.

— Pai?

É sua filha mais velha.

— Pai?

— Sim.

— Por que demorou tanto a atender? Por que não atendeu o celular?

— O que houve?

— Fiquei chocada quando liguei para a casa de Hyong-chol ontem... Por que o senhor voltou para casa? Devia ter me avisado. O senhor não pode sair desse jeito e ainda por cima não atender o telefone depois.

Só agora sua filha deve ter descoberto que você voltou para casa.

— Eu estava dormindo.

— Dormindo? O tempo todo?

— Acho que sim.

— O que fará sozinho aí?

— Pode ser que ela venha para cá.

Sua filha está calada. Você engole, sua garganta está seca.

— Quer que eu vá até aí?

De todos os filhos, Chi-hon é a mais enérgica na procura pela sua esposa. Em parte talvez porque é solteira. O farmacêutico de Yokchon-dong foi a última pessoa a ligar para dizer que viu alguém parecido com sua esposa. Seu filho coloca mais anúncios em jornais, mas não há nenhum avanço. Até a polícia disse que fez tudo o que podia e esperava que alguém ligasse, mas todas as noites sua filha percorria os prontos-socorros um a um, verificando cada paciente sem família.

— Não... Só telefone se souber de alguma coisa.

— Se não quiser ficar sozinho, venha logo para cá, Pai. Ou peça à Tia para ficar com o senhor.

A voz de sua filha soa estranha. Como se ela tivesse bebido. Como se embaralhasse as palavras.

— Você andou bebendo?

— Só duas doses. — Ela parece querer desligar.

Bebendo inclusive de manhã? Você chama o nome da filha com insistência. Ela responde, sua voz está baixa. Sua mão que segura o telefone fica úmida. Suas pernas fraquejam.

— Naquele dia, sua mãe não estava bem para ir a Seul. Não devíamos ter ido. No dia anterior ela teve dor de cabeça e enfiou a cabeça em uma bacia cheia de gelo. Não conseguia

ouvir ninguém chamá-la. De noite, encontrei-a com a cabeça dentro do freezer. Sentia muita dor. Embora tivesse esquecido de preparar o café da manhã, ela disse que precisávamos ir a Seul, porque vocês estavam à nossa espera. Mas eu devia ter dito não. Acho que meu julgamento está piorando porque estou velho. Uma parte de mim pensava que, uma vez em Seul, a forçaríamos a ir ao hospital... E, no estado em que ela estava, eu devia ter ficado grudado nela... Não a tratei como uma pessoa adoentada, e quando chegamos a Seul eu simplesmente caminhei à frente dela... Meu velho hábito se instalou. Foi isso que aconteceu.

As palavras que você não conseguia dizer para seus filhos se derramaram de sua boca.

— Pai...

Você escuta.

— Acho que todos se esqueceram de Mamãe. Ninguém tem telefonado. Sabe por que Mamãe teve uma dor de cabeça tão forte naquele dia? Porque sou uma vagabunda. Foi o que ela disse. — A voz de sua filha está enrolada.

— Sua mãe disse isso?

— Sim... Imaginei que não conseguiria ir à festa de aniversário, por isso telefonei da China e perguntei o que ela estava fazendo, e ela respondeu que estava enchendo uma garrafa de bebida. Para o mais novo. O senhor sabe que ele gosta de beber. Eu não sei. Não valia a pena, mas fiquei com muita raiva. Ele realmente precisa parar de beber... Mamãe estava levando aquilo porque é uma coisa de que seu bebê gosta. Então falei para Mamãe: “Não leve uma coisa tão forte, pois se ele beber e fizer um escândalo, a culpa será sua, por isso, por favor, pense melhor sobre isso.” Com voz fraca, Mamãe concordou: “Você tem razão.” E acrescentou que iria à cidade comprar bolos de arroz... Ela sempre traz bolo de arroz no seu aniversário. Falei para não trazer, porque de todo modo ninguém comia esses bolos de arroz, apenas os levávamos para casa e colocávamos tudo no freezer; e que ela não devia se comportar como uma caipira e que devia simplesmente vir para Seul sem trazer nada. Ela me perguntou se eu tinha enfiado todos os bolos de arroz no freezer, então respondi que sim, que inclusive já tinha alguns havia três anos, e ela chorou. Perguntei por que estava chorando e ela respondeu: “Você é uma vagabunda...” Falei tudo aquilo para que as coisas fossem mais fáceis para ela. Quando ela me chamou de vagabunda, pensei que eu tivesse ficado maluca. Fazia muito calor em Pequim naquele dia. Eu estava com tanta raiva que gritei: “Ótimo, espero que a senhora esteja feliz por ter uma vagabunda como filha! Está certo, sou uma vagabunda!” Em seguida desliguei na cara dela.

Você está em silêncio.

— Mamãe detesta quando gritamos... E sempre gritamos com ela. Eu pretendia telefonar e pedir desculpas, mas esqueci porque estava fazendo um milhão de coisas ao mesmo tempo: comendo, passeando e falando com as pessoas. Se tivesse ligado e me desculpado, ela não teria uma dor de cabeça tão forte... e então teria tido condições de segui-lo onde o senhor fosse.

Sua filha está chorando.

— Chi-hon!

Ela está calada.

— Sua mãe tinha muito orgulho de você.

— O quê?

— Se você aparecia no jornal, ela o dobrava, colocava-o na bolsa, levava-o com ela e olhava-o repetidas vezes... Se via alguém na cidade, ela o tirava da bolsa e elogiava você.

Ela está em silêncio.

— Se alguém perguntava o que a filha fazia... Ela dizia que você escrevia palavras. Sua mãe pediu a uma mulher no orfanato Casa de Esperança em Namsan-dong que lesse para ela os livros que você escreveu. Sua mãe sabia o que você escrevia. Quando aquela mulher lia para ela, o rosto de Mamãe se iluminava e ela sorria. Assim, aconteça o que acontecer, você precisa continuar a escrever bem. Há sempre o momento certo de dizer alguma coisa... Passei a vida sem falar com sua mãe. Ou perdi a chance, ou deduzi que ela saberia. Agora sinto que eu poderia dizer qualquer coisa e todas as coisas, mas não há ninguém para me escutar. Chihon?

— Sim?

— Por favor... por favor, cuide de sua mãe.

Você pressiona o telefone contra o ouvido e escuta o choro desesperado da filha. Sua filha chora ainda mais alto. Suas lágrimas parecem escorrer pelo fio do telefone. Você tem o rosto marcado pelas lágrimas. Mesmo que todo mundo esqueça, sua filha lembrará. Que sua esposa amava de fato o mundo, que você a amava.

Uma outra mulher

Há tantos pinheiros aqui.

Como pode existir um bairro como este nesta cidade? Fica tão escondido... Nevou alguns dias atrás? Há neve nas árvores. Deixe-me ver, há três pinheiros na frente da sua casa. É quase como se aquele homem os tivesse plantado aqui para eu me sentar a sua sombra. Ah, não consigo acreditar que eu esteja falando sobre ele. Primeiro faço uma visita a você, depois vou vê-lo. Farei isso. Acho que devo.

Os apartamentos, grandes ou pequenos, em que moram seus irmãos parecem todos iguais. É difícil saber qual casa é de quem. Como é possível ser tudo exatamente a mesma coisa? Como podem todos morar em lugares iguais? Acho que seria bom que morassem em casas diferentes umas das outras. Não seria bom ter um galpão e um sótão? Não seria bom morar em uma casa em que as crianças tivessem onde se esconder? Você costumava se esconder no sótão, longe de seus irmãos, que queriam que você executasse todo tipo de tarefa. Agora, até na área rural surgem prédios que parecem todos iguais. Você esteve no telhado de nossa casa há pouco tempo? É possível avistar de lá todos os prédios altos da cidade. Quando você ainda estava crescendo, nossa aldeia nem tinha uma linha de ônibus. Deve ser pior nessa cidade movimentada, se é assim até no interior. Eu só não queria que tudo parecesse igual. É tudo tão igual que não consigo saber aonde ir. Não consigo encontrar as casas de seus irmãos nem o pequeno apartamento de sua irmã. Esse é meu problema. Aos meus olhos, todas as moradias parecem ter a mesma entrada e as mesmas portas, mas as pessoas conseguem encontrar o caminho de casa, mesmo no meio da noite. Até as crianças.

Mas você está morando aqui, que é um lugar agradável.

A propósito, onde fica isso aqui? Puam-dong em Chongno-gu, em Seul... Isso aqui é Chongno-gu? Chongno-gu... Chongno-gu... Ah, Chongno-gu! A primeira casa que seu irmão mais velho construiu logo que casou foi em Chongno-gu. Tongsung-dong em Chongno-gu. Ele disse: “Mãe, isso é Chongno-gu. Fico feliz toda vez que escrevo meu endereço. Chongno é o centro de Seul, e agora moro aqui.” Ele dizia: “Um caipira conseguiu afinal ir para Chongno.” Ele chamava de Chongno-gu, mas na verdade morava em um prédio com vários apartamentos em uma ladeira íngreme chamada algo parecido com Naksan, ou coisa assim. Eu ficava completamente sem fôlego quando chegava lá em cima. Pensava: “Como pode haver um lugar

como este nesta cidade? Parece uma área ainda mais rural do que nossa aldeia!” Mas estou dizendo a mesma coisa aqui, onde você mora. Como pode haver um lugar como este nesta cidade?

No ano passado, quando voltou para Seul depois de passar três anos no exterior, você ficou decepcionada porque, com o dinheiro que tinha, não conseguiu nem alugar o apartamento onde morava antes, mas imagino que tenha encontrado essa aldeia aqui. Parece uma aldeia da zona rural. Há um café e uma galeria de arte, mas há um moinho também. Vi as pessoas fazendo bolinhos de pasta de arroz. Observei-as longamente, porque me lembrei dos velhos tempos. É quase Ano-novo? Havia muita gente fazendo aqueles bolinhos brancos, compridos. Mesmo nessa cidade há uma aldeia que faz aqueles bolos de arroz perto do Ano-novo! No Ano-novo eu carregava um balde grande de arroz até o moinho para fazer bolos de arroz. Soprava minhas mãos geladas e esperava a minha vez.

Deve ser um incômodo, no entanto, viver aqui com três filhos. E deve ser uma viagem longa para seu marido ir a Sollung trabalhar. Há pelo menos um mercado por perto?

Uma vez você me disse: “Tenho a impressão de que compro muita coisa quando vou ao mercado, mas tudo acaba tão depressa... Preciso comprar três iogurtes se quiser dar um para cada filho. Se quiser comprar o suficiente para três dias, são nove, Mamãe! É assustador. Compro tudo isso e logo estou sem nada.” Você abriu os braços para mostrar quanto comprava. Uma quantidade normal, claro, já que tem três filhos.

Seu filho mais velho, as bochechas vermelhas por causa do frio, está apoiando a bicicleta do lado de fora do portão quando leva um susto. Atravessa o portão gritando: “Mamãe!” Você então aparece, sai pela porta da frente vestida com um casaco de lã cinza e com o bebê nos braços.

— Mamãe! O pássaro!

— O pássaro?

— Sim, na frente do portão!

— Que pássaro?

O filho mais velho está apontando para o portão sem dizer nada. Você cobre a cabeça do bebê com o capuz do casaco para ele não sentir frio e sai pelo portão. Um pássaro cinzento está no chão na frente do portão. Ele tem manchas escuras da cabeça às asas. As asas parecem completamente congeladas, não é mesmo? Posso ver que você pensa em mim enquanto observa o pássaro. A propósito, querida, há tantos pássaros ao redor de sua casa... Como é possível haver tantos pássaros? Esses pássaros de inverno estão rodeando sua casa e não estão cantando.

Poucos dias atrás você observou uma pega tremendo embaixo de seu marmeleiro e, pensando que a ave estava com fome, entrou em casa e esfarelou um pouco do pão que seus filhos estavam comendo e espalhou-o sob a árvore. Você também pensou em mim na ocasião. Pensou em como eu costumava trazer uma tigela de arroz velho e espalhar os grãos embaixo do caquizeiro para os pássaros pousados nos galhos nus no inverno. De noite, mais de vinte pássaros voavam sob o marmeleiro, onde você tinha espalhado as migalhas de pão. Havia inclusive um pássaro que tinha asas tão grandes quanto as palmas de suas mãos. Daquele dia

em diante, você espalhou todos os dias farelo de pão sob o pé de marmelo para os pássaros de inverno famintos. Mas esse pássaro está diante do portão, não embaixo do pé de marmelo. Sei qual é esse pássaro. É um maçarico. É estranho. Não é um pássaro que voe sozinho, então por que está aqui? É um pássaro que precisa estar perto do oceano. Vi esse pássaro em Komso, onde vivia aquele homem. Vi maçaricos procurando alguma coisa para comer nas poças de lama na vazante da maré.

Você está de pé, parada diante do portão, e seu filho mais velho a puxa pelo braço.

— Mamãe!

Você continua calada.

— Ele está morto?

Você não responde. Apenas observa o pássaro com o rosto sombrio.

— Mamãe! O pássaro está morto? — pergunta a filha, correndo do tumulto do lado de fora, mas você não responde.

O telefone toca.

— Mamãe, é a Titia!

Deve ser Chi-hon. Você pega o telefone da mão da filha.

Seu rosto se torna sombrio.

— O que podemos fazer se você está de partida?

Chi-hon deve estar pegando um avião de novo. Seus olhos se enchem de lágrimas. Acho que seus lábios tremem também. De repente você grita ao telefone.

— Todos vocês... É demais... é demais!

Querida, você não é uma pessoa que faça esse tipo de coisa. Por que está gritando com sua irmã?

Você até bate o telefone. É o que sua irmã faz com você e comigo. O telefone toca de novo. Você observa o telefone durante um longo tempo, e como ele não para, o atende.

— Sinto muito, irmã. — Sua voz está mais calma agora. Você ouve em silêncio o que sua irmã diz ao telefone. E então seu rosto fica vermelho. Você grita de novo. — O quê? Santiago? Por um mês? — Seu rosto fica mais vermelho ainda. — Está me perguntando se pode ir? Por que pergunta se já decidiu que vai? Como pode fazer uma coisa dessas? — Sua mão que segura o telefone está tremendo. — Havia um pássaro morto na frente do meu portão hoje. Tive uma sensação ruim. Acho que aconteceu alguma coisa com Mamãe! Por que ainda não a encontramos? Por quê? E como é possível você partir? Por que todo mundo está agindo assim? Você também? Não sabemos onde Mamãe está nesse frio de congelar e vocês fazem o que bem entendem!

Acalme-se, querida. Você precisa entender sua irmã. Como pode dizer uma coisa dessas quando sabe o que ela tem passado nos últimos meses?

— O quê? Quer que eu tome conta da situação? Eu? O que acha que posso fazer com três filhos? Você está fugindo, certo? Porque está se envolvendo demais. Você sempre foi assim.

Minha querida, por que está fazendo isso? Você parecia estar se saindo muito bem. Agora bateu o telefone e está chorando. O bebê chora com você. O nariz do bebê fica vermelho. Até a testa. A menina está chorando também. O mais velho sai do seu quarto e vê vocês três aos

prantos. O telefone toca de novo. Você atende depressa.

— Irmã... — Lágrimas escorrem dos seus olhos. — Não vá! Não vá! Irmã!

No final, ela tenta acalmá-la. Não consegue, então diz que vem para cá. Você desliga o telefone e senta-se em silêncio, olhando para baixo. O bebê sobe no seu colo. Você o abraça. A menina toca a sua face. Você bate de leve nas suas costas. O mais velho debruça-se sobre o exercício de matemática na sua frente, para deixá-la feliz. Você afaga seus cabelos.

Chi-hon chega, empurrando o portão aberto.

— Ah, Yun! — diz Chi-hon, e toma o bebê de você. O bebê, que fica tímido quando está entre outras pessoas, tenta livrar-se do abraço da tia e voltar para o seu colo.

— Fique um pouco comigo — diz Chi-hon, enquanto tenta aninhar o bebê, que abre o berreiro. Chi-hon devolve-lhe o bebê. Uma vez nos braços da mãe, o bebê sorri para a tia, as lágrimas ainda pendendo de seus cílios. Chi-hon balança a cabeça e afaga as faces do bebê. As irmãs estão sentadas juntas, em silêncio. Chi-hon, que chegou correndo apesar da neve porque não conseguiu acalmá-la por telefone, não fala nada agora. Está com uma aparência horrível: seu rosto e seus olhos estão inchados. Parece que não dorme bem há muito tempo.

— Você vai? — pergunta você à irmã após um longo silêncio.

— Não. — Chi-hon deita no sofá, o rosto para baixo, como se tivesse acabado de se livrar de uma carga pesada. Está tão cansada que não consegue controlar o corpo. Coitada! Finge ser forte, mas é muito terna por dentro. O que você pretende fazer, matando-se desse jeito?

— Irmã! Está dormindo? — Você sacode o ombro de Chi-hon, mas depois a afaga. Contempla a irmã adormecida. Mesmo quando vocês brigavam, ainda crianças, logo se acalmavam. Quando eu chegava para ralar com as duas, vocês já estavam dormindo, de mãos dadas. Você vai para o quarto pegar um cobertor e a cobre. Chi-hon franze a testa. Ainda uma menina, tão imprudente... Como conseguiu dirigir essa distância toda assim cansada?

— Sinto muito, irmã... — você murmura, e Chi-hon abre os olhos e olha na sua direção.

Como se falasse consigo mesma, Chi-hon diz:

— Encontrei a mãe dele ontem. A mulher que se tornaria minha sogra se nos casássemos. Está morando com a filha. A filha dirige um pequeno restaurante chamado Swiss. É solteira. A mãe é muito pequena e gentil. Segue a filha por todo lado, chamando-a de Irmã. A filha alimenta a mãe, leva-a para a cama, prepara o seu banho e diz: “Que menina comportada!” Por isso, a mãe começou a chamá-la de Irmã. A irmã dele me disse: “Se é por causa de nossa mãe que vocês ainda não se casaram, não se preocupem.” Contou-me que ela continuaria a morar com a mãe deles, fazendo o papel de irmã mais velha. Que entraria de férias em janeiro e que deixaria a mãe em uma clínica de repouso, por isso essa seria a única vez que eu precisaria aparecer para ver se tudo andava bem enquanto ela estivesse fora. Disse que nos últimos vinte anos tirou o mês inteiro de janeiro de férias, usando os lucros do restaurante. Parecia satisfeita, embora sua própria mãe a chamasse de Irmã. Ela apenas sorriu, animada, dizendo: “Minha mãe me criou até agora, e tudo o que aconteceu foi uma inversão de papéis, o que me parece muito justo.”

Ela faz uma pausa e olha para você:

— Conte alguma coisa sobre Mamãe.

— Sobre Mamãe?

— Sim, alguma coisa sobre Mamãe que só você saiba.

— Nome: Park So-nyo. Data de nascimento: 24 de julho de 1938. Aspecto físico: baixa, cabelos grisalhos com permanente, maçãs do rosto salientes, vista pela última vez usando blusa azul-celeste, casaco branco e saia bege pregueada. Vista pela última vez...

Os olhos de Chi-hon se estreitam e por fim se fecham, vencidos pelo sono.

— Não sei nada de Mamãe. Só que ela sumiu — você diz.

Preciso ir agora, mas parece que não consigo me decidir a partir. O dia passou enquanto fiquei aqui, sentada.

Ah, não!

Eu sabia que isso aconteceria. É o que se espera que aconteça em comédias. Meu Deus, que coisa caótica. Como você consegue rir nessa situação? Seu filho mais velho está lhe dizendo alguma coisa, colocando o chapéu na cabeça, lá adiante. O que ele está dizendo? O quê? Ah, sim, ele quer ir para as pistas de esqui. Você diz que não. Explica que, desde que voltaram para cá, ele não consegue acompanhar o ritmo escolar e que precisa estudar com Papai durante esse intervalo para ter certeza de que conseguirá acompanhar as matérias quando as aulas recomeçarem. E que, se não fizer isso, continuará difícil ele se sair bem na escola. Enquanto você fala com ele, o bebê, que começa a dar os primeiros passos, está prestes a comer os grãos de arroz que caíram embaixo da mesa. Você precisa ter olhos nas mãos. Fala com o filho mais velho e olha para ele, mas suas mãos estão afastando o bebê do arroz coberto de poeira. O bebê está prestes a chorar, mas logo se agarra nas suas pernas. Você instintivamente segura a mão do bebê quando ele está prestes a cair, e ao mesmo tempo explica ao filho mais velho por que ele precisa estudar. Este, olhando ao redor, talvez sem escutar o que você diz, grita “Eu quero voltar! Não gosto deste lugar!”. A menina sai correndo do seu quarto, gritando “Mamãe!”. Resmunga que seu cabelo está embaraçado. Pede que você trançe-o depressa porque precisa ir para a aula de reforço. Suas mãos estão agora dando um jeito no cabelo da filha. Ao mesmo tempo que fala com o filho mais velho.

Ufa! Os três filhos estão pendurados em você agora.

Minha filha querida, você dá atenção aos três filhos ao mesmo tempo. Seu corpo está treinado para as necessidades dos filhos. Você senta a filha à mesa, escova seus cabelos e, quando o mais velho insiste que quer esquiar, você promete consultar seu pai sobre o assunto e, quando o bebê cai, rapidamente larga a escova e o ajuda a se levantar, limpa seu nariz, depois retoma a escova e acaba de trançar os cabelos da filha.

Você vira o rosto para olhar pela janela. Então me vê sentada junto ao pé de marmelo. Seus olhos encontram os meus. Você murmura:

— Nunca vi esse pássaro antes.

Seus filhos me olham também.

— Talvez tenha relação com o pássaro que estava morto na frente do portão ontem, Mamãe!

A menina segura a sua mão.

— Não, o de ontem não era igual a esse.

— Era, sim!

Ontem, você enterrou o pássaro morto sob o pé de marmelo. O mais velho cavou um buraco e a filha do meio fez uma cruz de madeira. O bebê fez muito barulho. Você pegou o pássaro, dobrou suas asas e, no momento em que o deslizou para dentro do buraco cavado pelo mais velho, sua filha disse “Amém!”.

Mais tarde, a menina ligou para o pai no trabalho e contou-lhe sobre o funeral.

— Fiz uma cruz de madeira para ele, também, Papai!

O vento derrubou a cruz de madeira.

Enquanto ouve a conversa dos filhos, você vai até a janela para ter uma visão melhor de mim. Seus filhos a seguem até a janela e me olham com atenção. Ei, parem de olhar para mim, crianças. Sinto muito. Quando vocês nasceram, fiquei mais preocupada com sua mãe do que com vocês três. A menina me olha, seus cabelos trançados com perfeição. Quando você nasceu, minha neta, sua mãe não pôde amamentá-la. Quando seu irmão mais velho nasceu, ela recebeu alta do hospital em menos de uma semana, mas houve uma complicação quando ela teve você, e por isso ficou no hospital por mais de um mês. Cuidei de sua mãe naquela ocasião. Quando sua outra avó foi ao hospital fazer uma visita, você chorou e ela disse à sua mãe que lhe desse o peito para que parasse de chorar. Ao observar sua mãe colocá-la para mamar, embora não tivesse leite, olhei embevecida para você, que acabara de nascer. Até mandei sua outra avó sair, tirei você dos braços de sua mãe e dei um tapinha no seu bumbum. As pessoas dizem que quando um bebê está chorando, a avó paterna diz “O bebê está chorando, você deve alimentá-lo”, e que a avó materna diz “Por que esse bebê chora tanto, deixando sua mãe tão cansada?”. Eu fazia exatamente a mesma coisa. Você não deve se lembrar, mas gostava mais da outra avó do que de mim. Quando me via, dizia: “Olá, vó!” Mas quando via a outra avó, gritava: “Vovó!” e corria para os seus braços. Eu sempre me sentia culpada, pensando que você devia saber que eu dera uma palmada no seu bumbum assim que você nasceu.

Você cresceu e ficou cada vez mais bonita!

Veja seus cabelos pretos e fartos. Cada uma de suas tranças tem a grossura de uma mão fechada. Como sua mãe quando era pequena. Nunca consegui trançar os cabelos de sua mãe. Ela sempre quis ter cabelos compridos, mas sempre os cortei bem curtos. Eu não tinha tempo para sentá-la no meu colo e escovar seus cabelos. Sua mãe deve estar satisfazendo através de você o desejo de criança de ter cabelos compridos trançados. Ela olha para mim, mas sua mão brinca com seus cabelos. O olhar de sua mãe começa a ficar enevoado. Ah, meu bem, ela está pensando em mim de novo.

Ouçá, querida. Consegue me escutar no meio desse tumulto? Vim para lhe pedir desculpas.

Por favor, desculpe-me pela cara que fiz quando você voltou para Seul com o terceiro bebê nos braços. O dia em que você olhou para mim em choque e deixou escapar o grito de “Mamãe!” ainda me pesa no coração. Por que aquilo? Você não planejava ter um terceiro filho? Ou se sentia constrangida de me contar que tinha um terceiro bebê quando sua irmã mais velha ainda nem estava casada? Por alguma razão, você escondeu o fato de que esperava

um terceiro bebê naquele lugar distante, aguentando sozinha os enjoos matinais, e só quando estava perto de dar à luz nos contou que teria mais um filho. Nada fiz para ajudar quando o bebê nasceu, mas quando você voltou, perguntei: “Em que você estava pensando? Em que estava pensando, três filhos?”

Sinto muito, querida. Sinto muito pelo bebê e por você. A vida é sua, e você é minha filha, minha filha com a incrível capacidade de se concentrar quando soluciona problemas. Claro que você encontraria uma saída para a situação. Por um segundo esqueci quem você era e falei aquilo. Sinto muito também por todas as caras que fiz, mesmo sem perceber, toda vez que a via desde que você voltou da América. Você estava tão atarefada. Eu a visitava uma vez ou outra, mas você estava sempre ocupada, correndo atrás dos filhos. Estava recolhendo roupas, alimentando-os, levantando um deles do chão, pegando a mochila do que acabava de chegar da escola, acariciando o que corria para os seus braços chamando “Mamãe!”. Estava ocupada preparando alguma coisa para comerem até na véspera de se submeter à cirurgia para remoção de um tumor do seu útero. Você não sabia como eu ficava triste quando estava na sua casa para tomar conta das crianças e abria a porta da geladeira. A comida estocada com cuidado na geladeira era suficiente para alimentar as crianças durante quatro dias. Você me explicava, com os olhos fundos: “Mamãe, amanhã sirva para eles o que está na prateleira de cima, e no dia seguinte o que está na prateleira de baixo e no dia seguinte...” Você era esse tipo de pessoa. O tipo de pessoa que precisa fazer tudo com as próprias mãos. Foi por isso que perguntei “Em que você está pensando?” quando teve o terceiro filho. Na noite anterior à sua cirurgia, recolhi do chão as roupas que você tinha tirado e deixado do lado de fora do banheiro enquanto tomava uma ducha. Havia gotas de suco de ameixa na sua blusa de mangas puídas, suas calças folgadas estavam descosturando, as alças de seu sutiã velho estavam esfiapadas, e eu não conseguia identificar qual a estampa de suas calcinhas. Flores, gotas de água ou ursinhos... As cores estavam desbotadas. Você sempre foi uma criança caprichosa e limpa, ao contrário de sua irmã. Era uma criança que lavava seus tênis brancos caso percebesse neles alguma mancha, ainda que do tamanho de uma ervilha. Eu me perguntava por que você tinha estudado tanto, se era para viver daquele jeito. Minha querida, minha filha. Quando pensei nisso, lembrei-me de que você gostava de crianças menores quando era pequena, ao contrário de sua irmã. Você era o tipo de criança que, sem hesitar, daria ao filho do vizinho algo que estivesse com vontade de comer, se achasse que ele também queria. Mesmo pequena, quando via outra criança chorando, ia até ela, secava suas lágrimas e lhe dava um abraço. Esqueci completamente que você era assim. Eu ficava contrariada ao vê-la com roupas velhas e os cabelos amarrados para trás, ocupada e concentrada em criar filhos, sem nem pensar em voltar a trabalhar. Estou falando da vez em que lhe perguntei “Como você consegue viver assim?” enquanto você limpava o chão do quarto com um pedaço de pano. Por favor, desculpe-me pela pergunta. No entanto, naquela ocasião, você não pareceu entender o que eu estava falando. Por fim, simplesmente parei de visitar sua casa. Eu não queria vê-la viver daquele jeito, pois você tinha uma boa educação e talento que outros invejavam. Minha filha querida! Você é a pessoa que aceita o que lhe é destinado sem correr e fugir, e vai em frente com sua vida, mas às vezes eu ficava irritada e perguntava a mim mesma por que você levava aquela vida.

Querida.

Por favor, lembre-se de que você foi sempre uma fonte de alegria para mim. Você é a quarta de meus filhos. Nunca lhe contei, mas, para ser exata, você é a quinta de meus filhos. Antes de você tive um bebê que partiu para o outro mundo assim que nasceu. Sua tia fez o parto, e me falou que era um menino, mas que ele não chorou. Também não abriu os olhos. Foi o parto de um natimorto. Sua tia disse que contrataria alguém para enterrar o bebê morto, mas pedi que não. Seu pai não estava em casa na ocasião. Fiquei deitada em meu quarto durante quatro dias com o bebê morto. Era inverno. De noite, a neve que caía refletia no papel da janela. No quinto dia, levantei-me, coloquei o bebê morto em um pote de cerâmica, levei-o para as colinas e o enterrei. A pessoa que cavou a terra congelada não era seu pai, mas aquele homem. Se o bebê não tivesse sido enterrado, você teria três irmãos homens mais velhos. Depois, tive você sozinha. Havia motivo para isso? Não. Não. Não havia motivo. Quando falei que teria você sozinha, sua tia sentiu-se ofendida. Só estou contando isso agora, mas eu tinha mais medo de que nascesse um bebê morto do que de tê-lo sozinha. Eu não queria demonstrar isso para ninguém. Se nascesse outro bebê morto, eu mesma queria enterrá-lo, e depois não voltaria da montanha. Quando comecei a sentir as dores do parto, não contei para sua tia. Levei água quente para meu quarto e coloquei sua irmã, que era muito pequena, sentada perto da minha cabeça. Nem gritei, porque não queria que ninguém soubesse, caso o bebê nascesse morto. Mas de dentro de mim saiu você, viva e agitada. Quando dei uma palmada no seu traseiro antes de limpá-la, você abriu um berreiro. Ao olhar para você, sua irmã começou a rir. Disse “Bebê” e afagou sua bochecha macia com a palma da mão. Embriagada pela sua presença, nem cheguei a sentir dor. Mais tarde, percebi que minha língua estava coberta de sangue. Foi assim que você nasceu. Você foi a criança que veio ao mundo, a filha que me tranquilizou quando fui invadida pela tristeza e pelo medo de que nascesse outro bebê morto.

Querida.

Pelo menos por você, consegui fazer tudo o que outras mães faziam. Consegui amamentá-la por mais de oito meses porque tinha muito leite. Consegui mandá-la para um lugar chamado jardim de infância, o que era uma novidade para nossa família, e consegui comprar seu primeiro par de tênis, não sapatos de borracha. E sim, eu mesma fiz a etiqueta com seu nome quando você foi para a escola. Foram as primeiras letras que escrevi na vida. Pratiquei muito até conseguir. Alfinetei no seu peito um lenço e a etiqueta com seu nome que eu tinha escrito sozinha, e eu mesma a levei para a escola. Você se pergunta por que isso foi tão importante? Foi importante para mim. Quando Hyong-chol foi para a escola primária, não o acompanhei: se por acaso fosse preciso escrever alguma coisa, eu dava uma desculpa qualquer e o mandava com a tia. Ainda posso ouvir seu irmão resmungar que todas as mães iam até a escola, mas que ele precisava ir com a tia. Quando seu segundo irmão foi para a escola, mandei-o com Hyong-chol. Mandei sua irmã com Hyong-chol, também. Por você, e só por você, fui à cidade e comprei uma pasta escolar e um vestido com babados. Fiquei muito feliz por conseguir fazer isso. Embora ela tenha ficado tão pequena quanto uma bandeja, pedi para aquele homem fazer uma escrivinha para você. Sua irmã não tinha escrivinha. Às vezes ela ainda fala nisso. Reclama que seus ombros ficaram mais largos porque precisava fazer a lição de casa com o corpo curvado, no chão. Fiquei muito orgulhosa de ver você sentar-se na escrivinha para

estudar e ler. Enquanto você se preparava para entrar na faculdade, eu ainda embalava o almoço para você levar. Quando tinha aula de noite, eu a esperava na escola e a acompanhava a pé para casa. E você me deixava muito feliz. Era a melhor aluna naquela pequena cidade.

Quando você foi aceita na faculdade de farmácia de uma universidade muito conceituada em Seul, penduraram uma placa congratulatória em sua homenagem na escola. Sempre que alguém me dizia “Sua filha é muito inteligente!”, tenho certeza de que meu sorriso se abria até as orelhas. Você não sabia como eu ficava orgulhosa de ser sua mãe toda vez que pensava em você. Eu não conseguia fazer nada pelos outros, e, embora também fossem meus filhos, nunca me senti assim com relação a eles. Sentia remorso e culpa, já que eram meus filhos. Você foi a filha que me libertou desse sentimento. Nem quando você entrou na faculdade e participou de manifestações eu interfeiri, como fiz com seus irmãos. Não fui vê-la quando você fez uma greve de fome naquela igreja famosa que dizem ficar em Myongdong. Quando seu rosto ficou coberto de espinhas, talvez por causa do gás lacrimogêneo, deixei que se virasse sozinha. Pensei: “Não sei exatamente o que ela está fazendo, mas tenho certeza de que se está fazendo é porque sabe que consegue.” Quando você e seus amigos foram para a área rural e organizaram aulas noturnas para a comunidade, cozinhei para vocês. Sua tia dizia que você talvez se tornasse comuna se eu a deixasse agir por conta própria, mas eu a deixava falar e se comportar livremente. Não conseguia fazer o mesmo com seus irmãos. Tentava persuadi-los e os repreendia. Na ocasião em que seu segundo irmão mais velho se machucou após apanhar de um policial, esquentei sal e fiz compressas nas suas costas para que se sentisse melhor, mas ameacei me matar se ele continuasse a fazer aquilo. Tive até medo de que ele me considerasse burra. Tenho certeza de que há coisas que os jovens precisam fazer quando são jovens, mas tentei quanto pude impedir que eles as fizessem. Não agi assim com você. Embora não soubesse o que você queria mudar com sua luta, não tentei reprimi-la. Uma vez, quando você estava na faculdade... era junho, lembra-se?... até fui à prefeitura com você, acompanhando um cortejo fúnebre. Foi quando estive em Seul para o nascimento de seu sobrinho.

Tenho excelente memória, não é mesmo?

Não é uma questão de memória, no entanto, porque aquele foi um dia inesquecível. Para mim, foi um dia muito especial. Quando estava saindo de casa ao amanhecer, você me viu e perguntou:

— Mamãe, quer ir comigo?

— Aonde?

— Aonde seu segundo filho foi à escola.

— Por quê? Nem é a sua escola.

— É para acompanhar um enterro, Mamãe.

— Bem... por que eu iria a um enterro?

Você olhou para mim e estava por fechar a porta a suas costas quando voltou a entrar. Eu estava dobrando as fraldas de seu sobrinho recém-nascido e você arrancou-as da minha mão.

— Venha comigo.

— É quase hora do café da manhã. Preciso preparar a sopa de algas marinhas para sua cunhada.

— Ela vai morrer se não comer sopa de algas marinhas um dia? — você perguntou com

tom ríspido, o que não era comum, e forçou-me a trocar de roupa.

— Quero ir com a senhora, Mamãe. Vamos!

Gostei daquelas palavras. Ainda me lembro do tom de sua voz quando você, estudante universitária, pediu que eu, que nunca tinha chegado perto de uma escola, fosse à escola com você porque, nas suas palavras, você queria ir comigo, sua mãe.

Foi a primeira vez que vi tantas pessoas reunidas. Como era o nome daquele jovem que morreu após ser atingido por balas de gás lacrimogêneo, e que tinha apenas 20 anos? Eu lhe fiz essa pergunta muitas vezes e você me respondeu muitas vezes, mas é difícil lembrar. Quem era o jovem que fazia tanta gente se reunir? Como podia haver tanta gente? Acompanhei-a no cortejo fúnebre até a prefeitura, e procurei por você e segurei sua mão de novo e de novo para não correr o risco de me perder. Você me recomendou:

— Mamãe, se nos perdermos, não comece a caminhar. Fique parada no mesmo lugar. Assim conseguiremos nos encontrar.

Não sei por que só agora me lembro disso. Eu devia ter me lembrado da recomendação quando não consegui entrar no vagão do metrô com seu pai na estação de Seul.

Querida, você me proporcionou muitas lembranças boas como essa. As canções que você cantava enquanto caminhava, segurando minha mão, o som de todas aquelas pessoas gritando o mesmo refrão, que eu não conseguia entender nem acompanhar. Era a primeira vez que eu ia a uma praça. Estava orgulhosa de você por ter me levado. Ali você não parecia apenas minha filha. Parecia muito diferente de como era em casa: parecia um falcão feroz. Senti pela primeira vez como seus lábios eram resolutos e sua voz, firme. Meu amor, minha filha. Depois daquilo, toda vez que eu ia a Seul você saía comigo, me levava para longe do resto da família, ao teatro ou às tumbas reais. Você me levou a uma livraria em que se vendia música e colocou fones nos meus ouvidos. Aprendi com você que havia em Seul um lugar como Kwanghwamun, que havia a Praça da Prefeitura, que havia cinema e música neste mundo. Pensei que você levaria uma vida diferente dos outros. Como você era a única entre meus filhos que estava livre da pobreza, tudo o que eu queria era que você fosse livre de tudo. E com essa liberdade você muitas vezes me mostrou um mundo novo, por isso eu a queria mais livre ainda. Queria que fosse tão livre que pudesse viver sua vida para outras pessoas.

Acho que vou embora agora.

Mas ah!

O bebê parece estar com sono. Está babando e seus olhos, semicerrados. Agora que os dois mais velhos estão na escola, a casa está em silêncio. Mas o que é isso? A casa está uma bagunça. Meu Deus, nunca vi tamanha confusão. Quero arrumar tudo para você... Mas agora não posso. Minha filha está ficando sonolenta enquanto faz o bebê dormir. Sim, você deve estar muito cansada. Meu bebê está dormindo, abraçada ao seu próprio bebê. Estamos no meio do inverno, então por que você transpira tanto? Meu amor, minha filha. Por favor, relaxe o rosto. Você ficará com rugas se dormir com uma expressão tão cansada. Seu rosto jovem desapareceu agora. Seus olhos pequenos, que parecem luas crescentes, ficaram ainda menores. Agora, mesmo quando você sorri, o encanto da juventude se foi. Já que vivi até vê-la com rugas como essas, não posso dizer que minha vida foi curta. Mas, ainda assim, minha querida,

eu jamais poderia ter imaginado que você viveria assim, com três bebês. Você era tão diferente de sua irmã emotiva, que se zangava por quase nada, chorava, ficava mal-humorada e assumia uma expressão triste se as coisas não funcionassem do jeito dela. Você elaborou um esquema e tentou segui-lo conforme planejara. Quando me disse “Eu não sabia, Mamãe, que teria três filhos, mas, quando fiquei grávida, precisei ter o bebê”, a frase soou muito estranha para mim. Pensei que seria sua irmã quem teria muitos filhos. Você nunca se irrita. De todos os irmãos, é a única que sabe dizer as coisas com calma, ponto por ponto, ainda que se dirija a uma pessoa que esteja extremamente nervosa. Foi por isso, então, que pensei que você avaliaria se devia ou não ter um filho, e teria apenas um. Você nunca pediu nada, diferentemente de sua irmã, que fazia escândalos ao exigir uma escrivantina como a dos irmãos. Eu perguntava por que estava curvada no chão e você respondia que estava fazendo a lição de matemática. Sua irmã jamais olhou para um livro de matemática. Mas você era muito boa nessa matéria. Era uma criança com uma concentração surpreendente quando se tratava de resolver problemas. Quando acertava uma resposta, abria um sorriso de felicidade.

Mas você não conseguirá encontrar a resposta para o que aconteceu comigo. Por isso deve estar sofrendo. Como tem três filhos, não consegue sair à minha procura como gostaria. Pode apenas telefonar para a irmã todas as noites e perguntar: “Irmã, teve notícias da Mamãe hoje?” Minha querida, minha filha. Como tem três filhos, você não conseguiu me procurar como gostaria, nem lamentar tanto quanto desejaria. Não pude fazer por você tudo o que eu queria nos últimos tempos, mas pensei muito em você enquanto minha mente esteve clara. Em você, em como você precisa criar os três filhos, inclusive o bebê que ainda está aprendendo a andar, na sua vida. Lamentei que a única coisa que eu pudesse fazer por você fosse preparar *kimchi* e mandar um pouco para a sua casa. Meu coração ficou partido naquela vez em que você veio me visitar com o bebê e disse, com um sorriso, enquanto tirava os sapatos: “Ah, Mamãe, veja, calcei meias de cores diferentes.” Como você, que sempre foi tão caprichosa, devia estar atarefada para não conseguir encontrar duas meias que combinassem. Às vezes, quando minha mente estava clara, eu pensava nas coisas que precisava fazer por você e seus filhos. E isso me dava vontade de continuar a viver... Mas depois as coisas deram nisso.

Quero tirar estas sandálias azuis de plástico... Os saltos estão completamente gastos. E minhas roupas de verão estão empoeiradas. Agora quero me livrar dessa aparência desleixada; mal consigo me reconhecer. Minha cabeça parece que vai explodir. Vamos, querida. Levante um pouco a cabeça. Quero abraçá-la. Vou embora. Deite-se, repouse a cabeça no meu colo por um momento. Descanse um instante. Não fique triste por minha causa. Fui feliz durante tantos dias de minha vida porque tive você.

Ah, você está aqui.

Quando fui para a sua casa em Komso, o portão de madeira voltado para a praia estava quebrado e a porta do quarto, trancada; devia estar vazia havia muito tempo. Por que trancou a porta do quarto daquele jeito, mas deixou a da cozinha escancarada? O vento tinha feito a porta da cozinha abrir e fechar com violência tantas vezes que a madeira estava até lascada.

Mas por que você está no hospital? E o que o médico está fazendo? Ele não está curando você e ainda insiste em fazer perguntas tolas. A toda hora pergunta seu nome. Por que ele faz isso? E por que você não diz o seu nome? Basta responder que é Lee Eun-gyu, então por que não responde, e deixa que ele repita a pergunta sem parar? Por que o médico se comporta assim? Agora ele segura um barco de brinquedo e pergunta: “Sabe o que é isto?” Ele está de brincadeira comigo? É um barco. O que ele quer dizer com “Sabe o que é isto?” O mais estranho, no entanto, é você. Por que não responde? Você não sabe mesmo? Quer dizer que esqueceu qual é o seu nome? Não sabe o que é aquele barco de brinquedo? Sério?

O médico pergunta de novo:

— Sua idade?

— Cem!

— Não, por favor, diga a sua idade.

— Duzentos!

Você está realmente de mau humor. Por que tem 200 anos? Você tem cinco anos a menos que eu, então está com... O médico pergunta seu nome de novo.

— Shin Gu!

— Por favor, pense com calma.

— Paek Il Sup!

O ator Shin Gu? O ator de televisão Paek Il Sup? Você está falando de Shin Gu e Paek Il Sup, de quem gosto?

— Por favor, não faça isso, pense e responda.

Você está fungando. O que está acontecendo? Por que está aqui e por que estão lhe fazendo essas perguntas idiotas? Por que está chorando, sem conseguir responder perguntas tão fáceis? Nunca o vi chorar antes. Era sempre eu quem chorava. Você me viu chorar tantas vezes, mas esta é a primeira vez que o vejo chorar.

— Agora, por favor, repita seu nome!

Você está calado.

— Uma vez mais!

— Park So-nyo!

Esse não é o seu nome, é o meu. Lembro-me do dia em que você perguntou qual era o meu nome. Você está pavimentado no meu coração como uma estrada antiga. Como os seixos em um campo de seixos, sujeira na sujeira, poeira na poeira, teia de aranha em teia de aranha. Eu era jovem naquela época. Acho que não refleti sobre minha juventude enquanto a atravessava, mas, ao pensar no nosso primeiro encontro, consigo ver meu rosto jovem. Eu jovem voltava do moinho a pé para casa pela nova avenida, uma bacia niquelada cheia de farinha na cabeça. Meus passos jovens eram rápidos. Eu seguia para casa, onde prepararia massa com a farinha da bacia e faria uma sopa com lascas de massa para alimentar as crianças. O moinho ficava a 4 ou 5 *ri*, cerca de 20 quilômetros de distância, do outro lado da ponte. Minha testa estava suada por causa da bacia niquelada cheia de farinha que eu carregava na cabeça. Você passou por mim de bicicleta e logo parou na beira da estrada e gritou:

— Com licença!

Continuei a caminhar, olhando para a frente. Meus seios quase saltavam da túnica tradicional que eu usava com calças folgadas.

— Tire a bacia da cabeça e me entregue. Posso levá-la na bicicleta.

— Como posso confiar num estranho que passa por acaso e pede para eu entregar minha bacia? — perguntei, porém meus passos jovens se tornaram mais lentos. De fato, a bacia estava tão pesada que eu tinha a impressão de que ela esmagaria minha cabeça. Eu tinha feito uma almofada com uma toalha e colocado embaixo da bacia, mas ainda assim achava que minha testa e meu nariz não resistiriam.

— Não tenho nada na bicicleta, de todo modo. Onde você mora?

— Na aldeia do outro lado da ponte...

— Há uma loja na entrada da aldeia, certo? Se me entregar a bacia eu a deixo lá. Entregue isso para mim e caminhe com mais liberdade. Parece pesada, e estou de bicicleta e sem carregar nada. Se largar a bacia, poderá caminhar mais depressa e chegar em casa mais cedo.

Olhei para você, que desceu da bicicleta, enquanto eu mordida a ponta da toalha que caía no meu rosto, a toalha que eu colocara sobre a cabeça, embaixo da bacia. Comparado com o pai de Hyong-chol, você tinha um aspecto comum, tanto naquela época quanto agora. Era pálido como se nunca tivesse trabalhado, e seu rosto, comprido como o de um cavalo, e os olhos caídos não eram nem um pouco atraentes. As sobrancelhas grossas quase retas deixavam-no com ar honesto. Sua boca fazia com que você parecesse respeitável e confiável. Seus olhos, que me olhavam tranquilos, pareciam familiares, como se eu já os tivesse visto em algum lugar. Quando não lhe entreguei de boa vontade a bacia, e, em vez disso, observei seu rosto, você virou-se para subir de novo na bicicleta.

— Não tenho um motivo secreto. Só quis ajudar porque a bacia me pareceu muito pesada. Não posso forçá-la a deixar que eu a ajude, se não quer.

Você colocou os pés nos robustos pedais da bicicleta. Agradei às pressas e tirei a bacia da cabeça. Observei enquanto você desamarrava as grossas tiras de borracha na traseira da bicicleta e prendia a bacia com elas.

— Vou deixá-la na loja, então!

Você desceu a avenida em ritmo acelerado, você, um homem que eu acabara de conhecer, carregando a comida de meus filhos. Tirei a toalha que estava enrolada em minha cabeça, sacudi a poeira de minhas calças e olhei enquanto você e sua bicicleta desapareciam. A poeira que subia quase encobria você e a bicicleta, por isso esfreguei os olhos com as mãos e o vi tornar-se cada vez menor. Eu me sentia aliviada sem o peso sobre a cabeça. Caminhei ao longo da avenida, balançado os braços, despreocupada. Uma brisa agradável atravessava minhas roupas. Quando foi a última vez que caminhei sozinha, sem nada nas mãos, na cabeça ou nas costas? Ergui o olhar para os pássaros que voavam no céu do entardecer, cantarolei uma antiga música que costumava cantar com minha mãe quando era pequena, e me dirigi à loja. Tentei enxergar a bacia de longe. Olhei para a porta da loja quando me aproximei, mas a bacia que devia estar ali não estava. De repente, meu coração começou a bater mais depressa. Acelerei o passo. Estava com medo de perguntar à mulher da loja se alguém tinha deixado uma bacia para mim. Se tivesse, eu já a teria visto, mas não conseguia localizá-la. Com a toalha na mão, corri na direção da proprietária da loja, que me encarou, como se perguntasse a si mesma o

que estava acontecendo. Só então me dei conta: você roubara o jantar de meus filhos. Lágrimas encheram meus olhos. Por que entreguei a bacia, que não continha nada além da comida de meus filhos, a um homem que eu nunca vira antes, confiando nele? O que eu estava pensando? Por que fiz aquilo? Ainda posso sentir aquele pavor, quando meu nervosismo momentâneo ao ver sua bicicleta desaparecer tornou-se realidade. Eu não poderia voltar para casa de mãos vazias. Precisava de qualquer maneira encontrar a bacia com farinha. Ainda me lembrava do ruído da colher raspando o pote vazio que ouvira naquela manhã quando fui ao galpão buscar cereal para o café da manhã. Não podia desistir quando sabia que havia naquela bacia farinha suficiente para dez dias. Simplesmente continuei a caminhar, procurando por você e por sua bicicleta, que deviam ter passado em grande velocidade pela frente da loja. Continuei, sem parar, perguntando às pessoas que encontrava se tinham visto alguém parecido com você. Sua identidade foi rapidamente revelada. Você era muito imprudente. E não morava longe. Quando descobri que você vivia em uma casa afastada daquela aldeia em que havia uma casa com cobertura de telhas, mais ou menos 5 *ri*, 20 quilômetros, depois do nosso povoado, antes de a estrada chegar à cidade, corri à sua procura. Porque eu conseguiria levar de volta toda a farinha da bacia se chegasse à sua casa antes que você a usasse.

Quando vi sua bicicleta na frente de uma casa dismantelada ao pé de uma colina entre arrozais, na rua que entrava na sua aldeia, corri para dentro de sua casa, gritando “Ahhhh!”. E vi tudo. Sua mãe idosa sentada na varanda antiga, os olhos fundos, seu filho de 3 anos chupando o dedo. E sua esposa em meio a um parto difícil. Eu tinha ido recuperar a bacia que você me roubara. No entanto, em vez de ir embora, peguei uma panela da parede da cozinha escura e estreita e botei água para esquentar. Empurrei-o para o lado, já que você não sabia o que fazer e apenas rodeava a esposa, e segurei-a pela mão, embora nunca a tivesse visto, ao mesmo tempo em que gritava: “Faça força! Mais força!” Não sei quanto tempo se passou até ouvirmos o choro do bebê. Na sua casa não havia nem um pedaço de alga marinha para eu preparar uma sopa para sua esposa. Sua mãe idosa era cega e já parecia estar a caminho do outro mundo. Fiz o parto do bebê, depois tirei algumas colheradas de farinha da bacia e preparei a massa para usar na sopa. Enchi com ela algumas tigelas e levei um pouco do caldo para o quarto onde estava a mãe do bebê. Há quantas décadas isso aconteceu, quando coloquei de volta a bacia na cabeça e fui para casa? O homem que está ao seu lado será o bebê que nasceu naquele dia? Ele está esfregando a sua mão. Faz você se virar e esfrega as suas costas. Faz muito tempo. Seu pescoço rijo está agora enrugado. Suas sobrancelhas grossas não existem mais e não reconheço sua boca. No lugar do médico, é seu filho quem agora pergunta:

— Pai, qual é o seu nome? Sabe qual é o seu nome?

— Park So-nyo.

Não, esse é o meu nome.

— Quem é Park So-nyo, Pai?

Estou curiosa sobre isso também. O que represento para você? Quem sou para você?

Sete ou oito dias depois que nos encontramos, sua situação não me saía da cabeça, por isso peguei um pouco de alga marinha e fui até sua casa, mas apenas o recém-nascido estava lá, não sua esposa. Você me disse que sua esposa tivera febre alta durante três dias depois do parto e que por fim deixara este mundo: estava tão mal nutrida que não conseguira se

recuperar do parto. Sua mãe cega e idosa estava sentada na varanda antiga, e não ficou claro se ela tinha conhecimento do que se passava. E o menino de 3 anos. Imagino que aquele homem junto ao seu leito de enfermo seja seu filho de 3 anos, não o bebê.

Não sei quem eu era para você, mas você foi meu amigo de vida inteira. Quem poderia imaginar que nos tornaríamos amigos por tantos anos? No nosso primeiro encontro, você me fez sentir inteiramente perdida ao roubar a bacia com a farinha que serviria para alimentar meus filhos. Nossos filhos não nos entenderiam. Teria sido mais fácil entender que centenas de milhares de pessoas morriam na guerra do que entender você e eu.

Embora soubesse que sua esposa tinha morrido, eu não podia simplesmente ir embora, por isso botei de molho a alga marinha que trouxera. Fiz massa com a sobra da farinha que eu lhe dera no outro dia, preparei uma sopa com lascas de massa e algas marinhas, deixei na mesa uma tigela para cada pessoa e estava prestes a sair, mas parei para dar o peito para o recém-nascido. Era uma época em que eu não tinha leite suficiente nem para minha própria filha. Você andava pela aldeia com o bebê e o alimentava com leite materno doado. A vida é às vezes incrivelmente frágil, mas algumas vidas são assustadoramente fortes. Minha filha mais velha diz que quando você retira a erva daninha com um trator, ela se fixa nas rodas e espalha sementes para se reproduzir. Seu bebê compreendeu. Mamava com tanta vontade que tive a impressão de que seria sugada, por isso até dei algumas palmadas no bumbum do bebê, que ainda tinha vestígios da vermelhidão do nascimento. Não funcionou, então precisei forçá-lo a parar. Um bebê que perde a mãe logo que nasce, por intuição, não quer se afastar quando está perto do bico de um seio. Deitei o bebê e virei-me para ir embora quando você perguntou qual era o meu nome. Você foi a primeira pessoa a perguntar meu nome desde que me casei. Repentinamente tímida, abaixei a cabeça.

— Park So-nyo.

Você riu, então. Não sei por que fiz o que fiz a seguir. Eu queria que você voltasse a rir. E, embora você não tenha perguntado, contei que o nome de minha irmã mais velha era Tae-nyo, que significava menina grande. Nossos nomes... Menina Pequena e Menina Grande. Você riu de novo. Depois disse que seu nome era Eun-gyu e que seu irmão mais velho era Kum-gyu. Que seu pai lhes dera nomes contendo as palavras prata e ouro, na esperança de que ganhassem dinheiro e levassem vida de rico. Que ele o chamava de Cofre de Prata e seu irmão de Cofre de Ouro. Que talvez por causa disso seu irmão, o Cofre de Ouro, vivia um pouquinho de nada melhor do que você, o Cofre de Prata. Dessa vez eu ri. Você riu ao me ver rir. Naquela época, como agora, você fica melhor quando ri. Por isso, não franza a testa desse jeito diante do médico e sorria. Um sorriso não custa nada.

Até seu bebê ter três semanas, fui a sua casa uma vez por dia e o deixei mamar no meu peito. Às vezes era de manhã cedo, às vezes no meio da noite. Isso poderia ter sido um fardo para você? Foi tudo o que fiz por você, mas, depois disso, ao longo de trinta anos, procurei-o sempre que me deparei com uma dificuldade. Acho que comecei a procurá-lo depois do que aconteceu com Kyun. Porque eu simplesmente queria morrer. Porque pensei que seria melhor morrer. Todos tornavam as coisas mais difíceis para mim, mas só você não me perguntou nada. Disse apenas que qualquer ferida se curaria com o passar do tempo. Que eu não devia

pensar em nada e fazer com calma o que esperavam que eu fizesse. Se você não estivesse lá, não sei o que teria acontecido comigo. Porque eu estava fora de mim pela dor. Foi você quem enterrou meu quarto filho, o natimorto, nas colinas. Agora que penso nisso, você se mudou para Komso porque eu era demais para você? Você não era alguém destinado a ficar na praia ou ser pescador. Era alguém que cultivava a terra e plantava sementes. Alguém que não tinha a própria terra e por isso arava a terra dos outros. Eu devia ter percebido, quando você foi para Komso, que foi porque era difícil me aguentar. Percebo que fui uma pessoa terrível para você.

Deve ser porque o primeiro encontro é importante. Tenho certeza de que, bem no fundo, sempre pensei que você me devesse alguma coisa, e eu demonstrava isso fazendo o que bem entendesse. Do mesmo modo como o encontrei depois que você roubou minha bacia com a bicicleta, eu o encontrei após mudar-se para Komso sem me avisar. Você não combinava com Komso. Parecia deslocado e estranho, parado na beira do mar. Ainda posso ver a expressão do seu rosto nas salinas junto ao oceano. Jamais consegui esquecer aquela expressão, mas agora que penso no assunto, talvez sua expressão estivesse perguntando: “Até aqui ela conseguiu me localizar?”

Komso tornou-se um lugar inesquecível para mim por sua causa. Eu sempre o procurava quando acontecia algo com o qual não conseguia lidar sozinha, mas quando recuperava alguma paz de espírito, o esquecia. Pensava que o esquecia. Quando você me viu em Komso, a primeira pergunta que me fez foi: “O que houve de errado?” Estou dizendo isso só agora, mas, quando fui procurá-lo naquela ocasião, era a primeira vez que eu o fazia apenas para vê-lo, não porque tivesse acontecido alguma coisa comigo.

A não ser por aquela única vez em que foi às pressas para Komso, você sempre permaneceu no mesmo lugar, até o dia em que não precisei mais de você. Obrigada por ter permanecido no mesmo lugar. Talvez eu tenha conseguido continuar a viver por causa disso. Peço desculpas por ter ido procurá-lo repetidas vezes sempre que me sentia desassossegada, mas sem deixá-lo sequer segurar minha mão. Embora eu o procurasse, quando parecia que você estava me procurando, eu agia com indelicadeza. Isso não era muito simpático de minha parte. Sinto muito, muito mesmo. No início, era porque eu achava constrangedor, depois, porque achava que não devíamos e, mais tarde, porque eu estava velha. Você foi meu pecado e minha felicidade. Eu queria parecer digna diante de você.

Às vezes eu lhe contava histórias que dizia ter lido, mas na verdade não as tinha lido. Eu pedia para minha filha ler e as contava para você. Uma vez, contei que havia um lugar chamado Santiago em um país de nome Espanha. Você perguntava sempre “Onde você disse que ficava esse lugar?”, porque achava difícil memorizar o nome. Contei que lá havia um caminho para peregrinos que levava 33 dias para ser percorrido a pé. Minha filha tinha vontade de fazer o percurso. Chi-hon queria ir lá. Foi por isso que ela me falou sobre esse lugar, mas contei para você como se fosse eu que quisesse ir lá. E você disse: “Se quer tanto ir, vamos juntos um dia desses.” Senti um aperto no coração quando o ouvi dizer isso. Acho que desde esse dia deixei de procurá-lo. Para falar a verdade, nem sei onde fica esse lugar e não quero visitá-lo.

Sabe o que acontece com todas as coisas que fizemos juntas no passado? Quando fiz essa

pergunta à minha filha, embora fosse a você que eu quisesse perguntar, ela comentou: “É tão estranho ouvir a senhora perguntar uma coisa dessas, Mamãe.” E prosseguiu: “Elas não se infiltrariam no presente, em vez de desaparecer?” Que palavras difíceis! Você entende o que isso significa? Ela diz que todas as coisas que aconteceram estão na verdade no presente, que as coisas antigas se confundem com coisas atuais e coisas atuais se mesclam com as coisas futuras e as coisas futuras estão combinadas com coisas antigas, só que não podemos sentir isso, mas agora não consigo continuar.

Você acha que as coisas que acontecem agora têm relação com as coisas do passado e com as coisas no futuro, só que não conseguimos sentir? Não sei, isso é verdade? Às vezes, quando olho meus netos, acho que eles foram jogados sem mais nem menos de algum lugar, e que não têm nada a ver comigo. Absolutamente nada a ver comigo.

Teria se infiltrado em algum lugar o fato de você ter roubado a bicicleta na qual o vi quando nos conhecemos, e de antes de me ver descendo a avenida a pé com a bacia de farinha na cabeça você ter planejado vender aquela bicicleta roubada para comprar um pouco de alga marinha? Ou o fato de você não ter conseguido vender a bicicleta e, ao ter ido colocá-la de volta no lugar onde a encontrou, ser surpreendido pelo proprietário e ter se complicado? Esses fatos se infiltraram em alguma página do passado e nos trouxeram até aqui?

Sei que, depois que desapareci, você saiu à minha procura. Sei que você, que nunca tinha ido a Seul, foi à estação de Seul e circulou pelo metrô, parando pessoas que se pareciam comigo. E que foi à minha casa muitas vezes, na esperança de ter notícias minhas. Que você queria falar com meus filhos e saber o que aconteceu. Foi isso que o deixou tão doente?

Seu nome é Lee Eun-gyu. Quando o médico perguntar seu nome de novo, não diga Park So-nyo, diga Lee Eun-gyu. Abrirei mão de você agora. Você foi o meu segredo. Você era parte da minha vida, alguém cuja presença jamais seria imaginada por quem me conhecesse. Embora ninguém soubesse que você fazia parte da minha vida, você era a pessoa que levava uma balsa para cada corredeira e me ajudava a atravessar as águas com segurança. Eu ficava feliz por você estar ali. Vim para lhe dizer que tive condições de seguir minha vida porque pude procurá-lo quando estava aflita, não quando estava feliz.

Agora me vou.

A casa está congelada.

Por que trancou a porta? Devia tê-la deixado aberta para que as crianças da vizinhança pudessem entrar e brincar. Não há sinal de aquecimento em lugar nenhum. É como um bloco de gelo. Ninguém removeu a neve, embora tenha nevado muito. O pátio está coberto de neve branca. Há sinelos em toda parte. Quando as crianças estavam crescendo, elas quebravam os sinelos e faziam lutas de espada. Suponho que ninguém venha ver se está tudo bem na casa porque não estou aqui. Há muito tempo ninguém aparece. Sua motocicleta está guardada no galpão. Meu Deus, ela está congelada também. Eu gostaria que você parasse de andar nessa motocicleta. Quem anda de motocicleta na sua idade? Você ainda se acha jovem? Aqui estou eu reclamando de novo. E você, mais uma vez, parecia imponente em cima da motocicleta,

não um homem do interior. Quando você era jovem e ia de motocicleta para a cidade, com o cabelo duro de brilhantina e usando um casaco de couro, todos se viravam para olhar. Acho que há uma foto dessa época em algum lugar... Na moldura acima da porta do quarto principal... Ah, lá está ela. É de quando você ainda não tinha 30 anos. Seu rosto está tomado pela paixão, que não é o caso agora.

Lembro-me da casa onde morávamos antes de a reformarmos. Eu amava de verdade aquela casa. Embora agora eu fale em amor, não acho que era apenas amor. Vivemos quarenta e tantos anos naquela casa que não existe mais. Eu estava sempre na casa. Sempre. Você estava e não estava. Eu ficava sem notícias suas, como se você nunca mais fosse voltar, mas depois você aparecia. Talvez seja por isso. Consigo ver a casa antiga diante de mim, como se estivesse iluminada. Lembro-me de tudo. De todas as coisas que aconteceram naquela casa. Das coisas que aconteceram nos anos em que as crianças nasceram, de como eu esperava por você e o esquecia e o odiava e mais uma vez esperava por você. Agora a casa foi abandonada à própria sorte. Não há ninguém aqui, e apenas a neve branca guarda o quintal.

Uma casa é uma coisa muito estranha. Tudo fica mais gasto quando é utilizado, e às vezes é possível sentir o veneno de uma pessoa quando nos aproximamos dela, mas nada disso acontece com uma casa. Até uma boa casa desmorona rapidamente quando ninguém cuida dela. Uma casa está viva apenas quando há pessoas morando nela, tocando nela e permanecendo nela. Olhe para essa, um dos cantos do telhado desmoronou por causa da neve. Na primavera você precisará chamar a pessoa que conserta o telhado. Há uma etiqueta com o nome e o número do pessoal do telhado na estante da televisão na sala, mas não sei se você sabe. Se ligar, eles vêm e providenciam o conserto. Você não pode deixar a casa assim vazia no inverno. Ainda que ninguém esteja morando aqui, precisa vir ligar o boiler de vez em quando.

Você foi a Seul? Está à minha procura lá?

Esse quarto, onde coloquei os livros que Chi-hon mandou quando foi para o Japão, está frio também. Os livros parecem congelados. Depois que os livros vieram para cá, esse se tornou meu quarto favorito na casa. Quando eu sentia que minha cabeça doeria, vinha para cá e me deitava. No início, parecia que eu melhorava. Não queria contar para você que sentia dor. Então, assim que abria os olhos, a dor me assaltava e eu não conseguia nem assar para você, mas não queria parecer doente na sua frente. Isso me deixava isolada muitas vezes. Eu ia para o quarto com os livros e me deitava. Um dia, segurando minha cabeça latejante, prometi a mim mesma que leria pelo menos um livro escrito por ela antes de ela voltar do Japão. E fui aprender a ler, sempre segurando a cabeça. Não conseguia ir adiante. Quando tentava aprender a ler, meu estado piorava rapidamente. Eu ficava isolada porque não podia lhe contar que estava tentando aprender a ler. Sentiria meu orgulho ferido se dissesse uma coisa dessas. Quando aprendi a ler, quis fazer mais uma coisa além de ler o livro de minha filha com meus próprios olhos: escrever uma carta de despedida a cada membro da família, antes de ficar nesse estado.

O vento sopra com muita força. O vento sopra a neve no pátio e a joga em todas as

direções.

As noites de verão, quando levávamos o braseiro para fora e cozinhávamos pão no vapor, foram os melhores momentos que tivemos naquele pátio. Hyong-Chol recolhia esterco e fazia uma fogueira para nos proteger dos mosquitos, e os pequenos corriam para a plataforma e esperavam que os pãezinhos acabassem de assar na panela sobre o braseiro. Logo que havia uma panela cheia de pãezinhos e eu a colocava em uma bandeja de vime, mãos se lançavam sobre eles e os devoravam num instante. As crianças levavam menos tempo para comer do que eu para fazer os pãezinhos. Enquanto acrescentava gravetos ao braseiro, eu olhava para as crianças deitadas lado a lado na plataforma, à espera de mais uma rodada de pãezinhos, e isso me deixava um pouco assustada. Como elas comiam! Embora o fogo estivesse aceso, os mosquitos picavam meus braços e coxas, chupavam meu sangue e, enquanto a noite se tornava cada vez mais escura, as crianças comiam todos os pãezinhos e esperavam por mais, visto que eu continuava a assá-los. Havia noites de verão em que as crianças dormiam esparramadas umas por cima das outras, à espera dos pãezinhos assados no vapor. Enquanto dormiam, eu acabava de fazer os pãezinhos, colocava-os numa cesta coberta com um pano, deixava-a na plataforma e ia deitar, enquanto o sereno da madrugada endurecia levemente a casca dos pãezinhos. Assim que acordavam, as crianças puxavam a cesta de pães para perto delas e comiam mais alguns. Por isso meus filhos ainda gostam de pãezinhos assados no vapor frios e levemente endurecidos por fora. Havia noites de verão como essa. O tipo de noite de verão em que as estrelas se derramavam do céu.

Enquanto vagava sem rumo pelas ruas, eu não conseguia me lembrar de nada e minha cabeça estava confusa, mas senti muita falta desse lugar. Você não sabe como senti falta daqui, desse pátio, dessa varanda, do jardim com flores, do poço. Depois de vaguear por algum tempo, sentei-me em uma rua e desenhei na terra o que me veio à cabeça. E foi uma casa. Desenhei o portão, desenhei o jardim com flores, desenhei os potes de cerâmica com molho, desenhei a varanda. Não conseguia me lembrar de nada senão da casa, da casa antes dessa casa, daquela casa que tinha desaparecido muito tempo atrás, daquela casa com a cozinha tradicional, do pátio dos fundos sombreado e do galpão perto do chiqueiro. Daquele portão de ferro galvanizado azul com duas folhas e a pintura descascando. Do portão daquela casa, com uma pequena porta marchetada no lado esquerdo e a caixa de correspondência à direita. Eram muito poucas as ocasiões em que as duas folhas do portão precisavam ser abertas, mas a porta marchetada menor, com maçaneta de madeira, estava sempre aberta para a ruela. Nunca trancamos nossas portas. Mesmo que não estivéssemos em casa, as crianças da vizinhança entravam pela porta marchetada do portão azul e brincavam até anoitecer. Durante a movimentada estação da colheita, minha filha mais nova voltava da escola, subia na bicicleta escorada no pé de caqui na casa vazia e pedalava. Quando eu voltava para casa, ela estava sentada na beirada da varanda e pulava para meus braços, gritando “Mamãe!”. Quando meu segundo filho escapava de casa, eu deixava comida para ele na parte mais aquecida da sala e mantinha as duas folhas do portão escancaradas. Quando alguém tropeçava na tigela de arroz e a derrubava, eu a endireitava. Se acordasse no meio da noite por causa do vento, eu saía e deixava as portas escoradas com pedras pesadas, para que o vento não as fechasse. Meus olhos e ouvidos apontavam para o portão cada vez que ele fazia um ruído.

O guarda-roupa está congelado, também.

As portas nem abrem. Mas devia estar vazio. Quando minha cabeça começou a doer demais, quis procurar aquele homem, que eu não via havia tanto tempo. Pensei que eu talvez melhorasse se fosse procurá-lo. No entanto, não fui. Controlei minha vontade de ir e decidi cuidar de minhas coisas. Eu sentia que se aproximava o dia em que eu não seria capaz de reconhecer nada porque estaria entorpecida. Eu queria tomar conta de tudo o que era meu enquanto ainda conseguia reconhecer as coisas. Fiz uma trouxa com roupas que não usava mais, que estavam penduradas no guarda-roupa porque eu não conseguia me desfazer delas, e queimei-as no campo. As roupas de baixo que Hyong-chol comprara para mim com seu primeiro salário permaneceram no guarda-roupa por décadas, ainda com as etiquetas. Enquanto eu as queimava, minha cabeça parecia estar se partindo ao meio. Queimei tudo o que pude, exceto os cobertores e travesseiros, que as crianças poderiam usar quando viessem para casa nas férias. Queimei as cobertas de algodão que minha mãe fez para mim quando me casei. Tirei do armário tudo com que convivera durante muito tempo e examinei item por item de novo. As coisas que nunca usei porque as estava poupando, os pratos que guardei para dar à minha filha mais velha quando se casasse. Se eu soubesse que não se casaria, embora sua irmã mais nova esteja casada e tenha três filhos, eu os teria dado à minha filha menor. Estupidamente pensei que precisava dá-los a Chi-hon porque esse era o plano. No princípio hesitei, depois os levei para fora e os quebrei em pedaços. Eu sabia: um dia não me lembraria de nada. E, antes que isso acontecesse, queria dar destino a tudo o que um dia usei. Não queria deixar nada para trás. Todos os guarda-louças baixos estão vazios também. Quebrei o que podia ser quebrado e enterrei.

Mesmo naquele guarda-roupa congelado, a única roupa de inverno era o casaco preto de vison que minha filha mais nova comprou para mim. Quando fiz 55 anos, não quis sair para comer fora nem ir a outro lugar. Passava os dias em profunda tristeza, com a sensação de que meu rosto estava sendo dilacerado. Quando abria a boca, achava que sentia um cheiro ruim. Não disse uma palavra durante mais de dez dias. Tentei afastar pensamentos negativos, mas todos os dias um pensamento triste era acrescentado à minha coleção. Embora estivéssemos no meio do inverno, eu continuava a enfiar minhas mãos na água gelada e a lavá-las sem parar. E um dia fui à igreja. Parei no adro. Curvei-me aos pés da Mãe de Jesus, que segurava o filho morto, para pedir que me ajudasse a sair da depressão que eu não conseguia mais suportar, que tivesse piedade de mim. Mas parei, pensando em como eu poderia pedir o que fosse para alguém que segurava o filho morto. Durante a missa, vi que a mulher a minha frente usava um casaco preto de vison. Atraída pela sua maciez, disfarçadamente abaixei o rosto até ele, sem perceber o que estava fazendo. O vison, como uma brisa de primavera, envolveu com suavidade meu rosto envelhecido. As lágrimas que eu tinha controlado até então se derramaram em abundância. A mulher afastou-se quando insisti em tentar apoiar a cabeça no seu casaco. Quando cheguei em casa, telefonei para minha filha mais nova e pedi que me comprasse um casaco de vison. Era a primeira vez que eu abria a boca em dez dias.

— Um casaco de vison, Mamãe?

— Sim, um casaco de vison.

Ela ficou calada.

— Vai comprar? Ou não?

— Não está frio este ano. A senhora tem onde usar um casaco de vison?

— Tenho.

— A senhora vai a algum lugar?

— Não.

Ela riu alto de minhas respostas lacônicas.

— Venha para Seul, então. Podemos comprá-lo juntas.

Quando entramos no centro comercial, a caminho da loja, minha filha me encarou sem dizer nada. Eu não tinha ideia de que meu casaco, que era um pouquinho mais curto do que aquele no qual eu tinha afundado o rosto, aquele que a mulher na igreja estava usando, custava tão caro. Minha filha não me disse. Quando fomos para casa com o casaco de vison, os olhos de minha nora se arregalaram.

— Um casaco de vison, Mãe?

Não respondi.

— A senhora é uma felizarda, Mãe. Tem uma filha que lhe compra coisas caras como esse casaco. Não tenho condições de comprar para minha mãe nem uma estola de pele de raposa. Dizem que um vison pode passar de mão em mão por muitas gerações. Quando a senhora morrer devia deixá-lo para mim.

— Foi a primeira vez que Mamãe me pediu para comprar alguma coisa para ela! Pare com isso!

Quando minha filha contestou as palavras da cunhada como se estivesse zangada, entendi a situação. A razão pela qual ela não parava de olhar para a etiqueta com o preço. E a razão pela qual não tirava os olhos de mim. Naquela ocasião, ela tinha acabado de se formar na faculdade e trabalhava na farmácia de um hospital. Quando voltei de Seul, peguei o casaco, fui a um centro comercial na cidade e perguntei à vendedora de uma loja que também vendia casacos de vison quanto custava um daqueles. Fiquei paralisada. Quem diria que uma única peça de roupa pudesse custar tão caro! Telefonei para minha filha para dizer-lhe que devíamos devolver o casaco, mas ela argumentou:

— Mamãe, a senhora tem todo o direito de usar esse casaco. Por isso, deve usá-lo.

Nessa região faz calor até no inverno, então seriam pouquíssimos os dias em que eu poderia usar um casaco de vison. Cheguei a passar três anos sem usá-lo. Quando eu tinha pensamentos depressivos, abria o guarda-roupa e enterrava o rosto no casaco. E pensava:

— Quando eu morrer, deixarei o casaco para minha filha mais nova.

Embora esteja muito frio neste exato momento, na primavera o jardim de flores perto do muro estará exuberante de novo. Os brotos da pereira do vizinho se desenvolverão e seu perfume inundará o ambiente. As roseiras com botões de um cor-de-rosa pálido curvarão seus galhos, animadas. A erva daninha sob o muro se tornará robusta e alta com a primeira chuva da primavera. Certa vez, comprei trinta patinhos embaixo da ponte na cidade e soltei-os no pátio, e eles correram por cima dos canteiros do jardim e pisotearam todas as flores. Quando corriam em bando, misturados aos pintos, era difícil dizer quais eram os patos e quais eram os

pintos. De todo modo, na primavera, o pátio ficava barulhento com a presença deles. Foi nesse pátio que minha filha, ao cavar embaixo de uma roseira dizendo que ela teria muitas flores se recebesse adubo, viu uma minhoca se contorcendo na terra, atirou a enxada para o lado e correu para dentro. A enxada atingiu um pinto, matando-o. Lembro-me do cheiro de terra que invadia meu nariz quando, no verão, caía uma chuva repentina e o cachorro, as galinhas e os patos que andavam pelo pátio se arrastavam para baixo da varanda e se enfiavam nos cercados das galinhas e embaixo do muro. Lembro-me das gotinhas de lama formadas pela chuva inesperada. Em noites ventosas no final do outono, as folhas do caquizeiro no quintal lateral sussurravam e voavam em todas as direções antes de cair. Durante a noite inteira ouvíamos as folhas voando pelo pátio. Nas noites de inverno inclemente o vento soprava para dentro da varanda a neve acumulada no pátio.

Alguém está abrindo o portão. Ah, Tia!

Você era uma tia para meus filhos e uma irmã para mim, mas nunca consegui chamá-la de irmã: você mais parecia minha sogra. Vejo que veio dar uma olhada na casa porque há muita neve e vento. Pensei que não houvesse ninguém aqui para tomar conta da casa, esquecendo-me de que você está aqui. Mas por que está mancando? Você foi sempre tão ágil... Acho que também está ficando velha! Tome cuidado, tudo está coberto de neve.

— Tem alguém aí?

Sua voz ainda é forte, como sempre foi.

— Não há ninguém aí?

Você chama, mesmo sabendo que não há ninguém. Senta-se na beira da varanda sem esperar uma resposta. Por que veio com pouca roupa? Vai acabar se resfriando. Você olha a neve no pátio como se estivesse em outro lugar. O que está pensando?

— Parece que há alguém aqui...

A meio caminho de se tornar um fantasma, Tia.

— Não sei por onde você anda, já que está tão frio.

Está falando de mim?

— O verão se foi, o outono se foi e o inverno chegou... Eu não sabia que você era uma pessoa tão sem coração. O que essa casa fará sem você? Ela não passa de uma concha vazia. Você partiu usando roupas de verão e não voltou, embora seja inverno... Você já é alguém do outro mundo?

Ainda não. Estou vagando por aí.

— A pessoa mais triste do mundo é aquela que morre fora de casa... Por favor, fique atenta e volte para casa.

Você está chorando?

Seus olhos, longas fendas oblíquas, erguem-se para o céu cinzento e ficam úmidos. Seus olhos não estão nem um pouco assustados, agora que você está assim. Sempre tive tanto medo dos seus olhos severos que, honestamente, eu não olhava para seu rosto para não encontrá-los. Acho, porém, que preferia quando você era mais determinada. Não é do seu feitio ficar sentada desse jeito, com os ombros caídos. Nunca consegui ouvir algo agradável de você enquanto vivi, então por que preciso olhar para a sua figura desalentada agora? Não gosto de vê-la assim

fraca. Eu não sentia apenas medo de você. Se algo difícil acontecesse e eu não soubesse o que fazer, eu pensava “O que a Tia faria?” e me decidia pelo que eu achava que você faria. Para mim você era um exemplo a ser seguido também. Você sabe que perco a paciência com facilidade. Todos os relacionamentos no mundo têm duas vias, não são decididos por um só lado. E agora você precisará tomar conta do pai de Hyong-chol, que está completamente sozinho. Também não me sinto bem com essa situação. Mas, como você está perto dele, sinto-me um pouco melhor. Quando estava viva, eu sabia que você dependia do pai de Hyong-chol, já que estava sozinha, e nem sempre me senti ofendida, deixada de lado ou desapontada. Eu apenas pensava em você como uma pessoa idosa difícil da família. Tanto assim que você parecia nossa mãe e não nossa irmã. Mas Tia. Não quero ir para o túmulo reservado para mim alguns anos atrás no cemitério ancestral. Não quero ir para lá. Quando eu morava aqui e acordava da confusão que invadia minha cabeça, eu caminhava sozinha até o túmulo reservado para mim, para que me sentisse bem se fosse morar lá após a morte. Era um lugar ensolarado e eu gostava do pinheiro sempre curvado, embora alto. Mas continuar a fazer parte dessa família mesmo na morte seria demais e extremamente duro. Para tentar mudar minha opinião, eu cantava e arrancava ervas daninhas e me sentava lá até o sol se pôr, mas nada me deixava à vontade. Vivi com essa família por mais de cinquenta anos. Agora, por favor, deixem-me ir. Naquela época, quando estávamos designando as sepulturas e você disse que meu lote devia ficar embaixo do seu, olhei com raiva e disse: “Ah, assim até depois de morta poderei cumprir as suas ordens.” Lembro-me de ter dito isso. Não fique chateada, Tia. Refleti durante um longo tempo, mas não falei por mal. Só quero ir para casa. Descansarei lá.

Ah, vejo que a porta do galpão está aberta.

O vento golpeia a porta do galpão como se fosse derrubá-lo. Há uma fina camada de gelo na plataforma de madeira sobre a qual eu gostava de sentar. Se alguém sentasse ali sem ver o gelo, escorregaria. Chi-hon costumava ler nesse galpão. Sendo mordida pelas pulgas. Eu sabia que ela se enfiava aqui com um livro, entre o chiqueiro e o depósito de cinzas. Não procurava por ela. Quando Hyong-chol perguntava onde ela estava, eu respondia que não sabia. Porque gostava de vê-la ler. Porque não queria perturbá-la. A palha ficava empilhada na madeira que cobria o chiqueiro. As galinhas teriam removido um lado e estariam chocando seus ovos. Ninguém encontraria a criança espremida lá dentro, em cima do monte de palha, passando saliva nas mordidas de pulga para aliviar a coceira, lendo. Como deve ter sido divertido para ela esconder-se ali para ler, ouvindo o irmão abrir portas, entrar apressadamente na cozinha, à sua procura. E as galinhas, como eram especiais! As galinhas, acomodadas sobre ovos no monte de palha em cima do chiqueiro, ficavam incomodadas com o som de minha filha virando as páginas. As galinhas, que não botavam ovos se não deixássemos seus ninhos aconchegantes e sedutores com ovos artificiais, tornaram-se sensíveis à atividade de leitura de Chi-hon e uma vez cacarejaram tanto que o irmão a encontrou. O que ela lia, escondida de todos no galpão, com um porco grunhindo ao seu lado e as galinhas cacarejando acima de sua cabeça, e enxada, ancinho, pá e todo tipo de equipamento de lavoura além de palha ao seu redor?

Na primavera, a cadela, rosnando, deitava com sua nova ninhada sob a varanda onde os

sapatos de inverno da família ficavam espalhados. Era possível ouvir a água pingando dos beirais. Uma cadela tão dócil, por que se tornava agressiva quando tinha filhotes? A não ser que fosse um membro da família, ninguém podia se aproximar dela. Quando a cadela dava cria, Hyong-chol repintava a placa que sempre ficava pendurada no portão azul, onde se lia “Cuidado com o cão”. Uma noite, peguei um cachorrinho da varanda enquanto a cadela dormia depois de comer, acomodei-o numa cesta, coloquei um pano por cima e, com a mão, cobri onde deduzi que estivessem seus olhos, e levei-o para a casa da Tia.

— Por que cobriu os olhos do filhote quando está tão escuro lá fora, Mamãe? — perguntou minha filha mais nova, seguindo-me. Ela parecia confusa, embora eu explicasse que, se não tomasse essa precaução, o filhote encontraria o caminho de casa.

— Ainda que esteja tão escuro?

— Sim, ainda que esteja tão escuro!

A cadela, quando percebeu que o filhote tinha sumido, não comeu, permaneceu deitada, aflita. Precisava comer para ter leite suficiente para alimentar os outros filhotes e eles poderem crescer. Parecia que ela morreria se eu a deixasse sozinha, por isso levei o cãozinho de volta, aproximei-o da mãe, e a cadela voltou a comer. Ela vivia embaixo daquela varanda.

Ah, não sei onde interromper essas lembranças, as lembranças que estão brotando de todos os lugares como verduras na primavera. Tudo o que esqueci está voltando. Das tigelas de arroz no armário da cozinha aos potes de cerâmica grandes e pequenos na prateleira de temperos, dos estreitos degraus de madeira que levavam ao sótão aos viçosos pés de abóbora que se espalhavam por baixo do muro e o escalavam.

Você não devia deixar a casa congelar assim.

Se for trabalho demais, peça ajuda à nossa nora mais jovem. Ela sempre tomou conta da casa, mesmo quando ainda não era deles. Ela tem um olho bom para esse tipo de coisa e é correta e amável. Embora trabalhe fora, sua casa está sempre brilhando, e ela nem tem ajuda. Se for difícil manter a casa, tente falar com ela. Estou lhe dizendo: quando ela toca em alguma coisa velha, deixa-a como nova. Lembra-se de quando eles alugaram, na área reurbanizada, uma casa de tijolos que o proprietário não se preocupava em manter, e ela misturou cimento com as próprias mãos e a recuperou? Uma casa assume as características do morador, e, dependendo de quem seja, pode se tornar uma casa muito boa ou uma casa muito estranha. Quando a primavera chegar, por favor, plante algumas flores no quintal, dê um polimento no chão e conserte o telhado que despencou com a neve.

Alguns anos atrás, quando alguém lhe perguntou, no meio de uma bebedeira, onde você morava, sua resposta foi Yokchon-dong. Ainda que houvesse vinte anos que Hyong-chol tinha saído de Yokchon-dong. Ainda que Yokchon-dong tenha quase desaparecido até da minha lembrança. Você nunca na verdade demonstrou felicidade ou tristeza. Quando Hyong-chol comprou sua primeira casa em Yokchon-dong, em Seul, você não disse muita coisa, mas no seu coração suponho que estivesse muito orgulhoso. E é por isso que, quando você ficou bêbado, esqueceu-se dessa casa e falou na outra, aonde íamos três ou quatro vezes por ano como hóspedes e ficávamos uma ou às vezes duas noites. Eu gostaria que você pensasse nessa casa assim. Ao redor dessa casa, pequenas flores desabrochavam todo ano e continuavam

perfeitas até murchar, no canto do jardim ou no quintal dos fundos, sem que eu precisasse plantá-las. No quintal, embaixo da varanda e no pátio dos fundos, alguma coisa sempre pegava, brotava, sumia, e morria. Pássaros pousavam no varal como se estivessem fofocando, e brincavam, cantavam, se balançavam. Acho realmente que uma casa começa a se parecer com as pessoas que moram nela. Se não fosse assim, as patas que viviam na casa teriam percorrido todo o quintal e posto ovos em qualquer lugar? Se não fosse assim, como eu me lembraria com tanta clareza que, em dias ensolarados, eu costumava arrumar rabanete seco cortado em fatias finas ou talos cozidos de inhame em uma bandeja de vime e colocá-la no alto do muro? A imagem dos tênis brancos recém-lavados de minha filha secando ao sol me rondaria desse jeito? Chi-hon gostava de olhar para o céu refletido no poço logo adiante. Quase posso vê-la interromper o trabalho de tirar água do poço e olhar para baixo, com o queixo nas mãos.

Fique bem... estou deixando essa casa agora.

No verão passado, quando fui deixada para trás na estação de Seul, eu só me lembrava de coisas de quando tinha 3 anos de idade. Por ter me esquecido de tudo, a única coisa que pude fazer foi caminhar — eu não sabia sequer quem eu era. Caminhei e caminhei. Tudo estava confuso. O quintal onde eu costumava brincar quando tinha 3 anos me voltava com clareza. A época em que meu pai, que minerava ouro e carvão, voltou para casa. Caminhei até onde pude. Entre prédios, ao longo de colinas gramadas e campos de futebol, caminhei e caminhei. Aonde eu queria ir, caminhando daquele jeito? Poderia ser ao quintal onde eu brincava aos 3 anos de idade? O Pai voltou para casa e ia trabalhar todas as manhãs no canteiro de obras de uma nova estação ferroviária que ficava a 10 *ri*. Como foi o acidente que ele sofreu? Que tipo de acidente foi esse em que ele perdeu a vida? Dizem que quando vizinhos foram contar para a Mãe sobre o acidente do Pai, eu estava correndo e brincando no quintal. Continuei a brincar, enquanto via minha mãe cambaleante, o rosto cada vez mais pálido, ser ajudada por vizinhos a se manter em pé e ir até o local do acidente. Alguém passou, gritou “Você está rindo mesmo após a morte de seu pai, criança tola” e deu-me uma palmada no traseiro. Com apenas essa lembrança, caminhei e caminhei, até desabar de exaustão.

Lá.

Mamãe está sentada na varanda da casa sombria em que nasci.

Mamãe ergue a cabeça e olha para mim. Minha avó teve um sonho quando eu estava nascendo. Uma vaca com pelo marrom e brilhante se espreguiçava, logo depois de acordar, e se erguia apoiada nos joelhos. Ela disse que eu seria muito ativa, pois tinha nascido no exato momento em que a vaca usava sua energia para se levantar, e disse que deviam cuidar muito bem de mim, porque eu me tornaria fonte de muita alegria. Mamãe olha para o meu pé, a tira da sandália azul de plástico cortando a parte de cima. Dá para ver o osso pelo ferimento no

meu pé. O rosto de Mamãe se contrai de tristeza. Esse rosto é o que vi quando olhei no espelho do guarda-roupa depois de dar à luz um bebê morto. “Meu bebê”, Mamãe diz, e abre os braços. Mamãe coloca as mãos embaixo dos meus braços como se segurasse um filho que acabou de morrer. Tira as sandálias de plástico azul dos meus pés e os coloca no seu colo. Mamãe não sorri. Não chora. Mamãe sabia? Que eu, também, precisei dela minha vida inteira?

Epílogo

Rosário de pau-rosa



Nove meses se passaram desde que Mamãe desapareceu.

Você está na Itália agora. Sentada nos degraus de mármore que dão para a Praça São Pedro, na cidade do Vaticano, você observa o obelisco do Egito. O guia, com a testa gotejando de suor, grita “Venham por aqui!” e conduz os turistas do seu grupo para o início das escadas, perto das grandes pinhas, onde há sombra.

— Não se pode falar dentro dos museus nem da basílica. Assim, darei informações sobre aspectos importantes do museu antes de entrarmos. Distribuirei fones de ouvido e peço, por favor, que ouçam com atenção.

Você pega os fones de ouvido, mas não os coloca. O guia continua:

— Se não ouvirem as informações pelos fones, significa que estão muito afastados de mim. Haverá gente demais e não terei condições de me preocupar com cada um de vocês. Posso orientá-los de maneira adequada só quando estiverem perto de mim, onde possam ouvir minha voz.

Você toma a direção do banheiro para lavar as mãos com os fones de ouvido pendurados no pescoço. Algumas pessoas do seu grupo olham quando você se dirige com passos largos para o banheiro. Você lava as mãos e, ao abrir a bolsa para pegar um lenço para secá-las, seu olhar se fixa na carta amassada de sua irmã, ali dentro. É a carta que você tirou da caixa de correspondência de seu apartamento três dias atrás, quando estava deixando Seul com o namorado. Com a mala firme em uma das mãos, parada diante da porta, você lê o nome de sua irmã escrito no envelope. Era a primeira vez que recebia uma carta de sua irmã. E era uma carta manuscrita, nem mesmo um e-mail. Você se perguntou se devia abri-la, mas apenas a enfiou na bolsa. Talvez tenha pensado que, se a lesse, não conseguiria pegar o avião com Yubin.

Você sai do banheiro e senta-se com o grupo. Em vez de colocar os fones nos ouvidos, pega a carta da irmã, segura-a por um instante, depois rasga o envelope para abri-lo.

Irmã,

Quando estive na casa de Mamãe logo que voltei da América, ela me deu uma muda de

caqui que chegava na altura de meus joelhos. Foi no dia em que peguei as coisas que tinha deixado lá. Mamãe estava encolhida perto do galpão onde meu fogão, a geladeira e a mesa estavam guardados. Estava deitada lá, seus membros débeis. Os gatos da vizinhança, que Mamãe alimentava, estavam sentados ao seu redor. Quando a sacudi, ela conseguiu abrir os olhos, como se estivesse acordando, olhou-me e sorriu. Com um “Você está aqui, minha filhinha!”, Mamãe me dizia que estava bem. Agora percebo que ela perdera a consciência, mas insistia em que estava ótima, que estava no galpão para alimentar os gatos. Mamãe guardou tudo o que deixei quando fui para a América. Até as luvas de borracha que eu lhe disse para usar, uma vez que estava de partida. Ela disse que quase usou o fogão portátil a gás durante um ritual ancestral, mas acabou desistindo. “Por que não usou?”, perguntei, e ela respondeu que assim poderia devolver tudo como deixei, no meu regresso.

Quando acabei de colocar tudo no caminhão, Mamãe saiu com um pé de caqui de trás da casa, onde guardava todos os potes de condimento. Parecia constrangida. As raízes estavam enroladas em terra e plástico. Ela o comprara para o quintal de nossa nova casa. Era tão pequeno que duvidei que algum dia começasse a dar caquis. Para ser sincera, eu não queria levá-lo comigo. Moraríamos em uma casa com quintal, mas que não era nossa, e eu me perguntava quem tomaria conta da árvore. Mamãe, lendo meus pensamentos, afirmou “Você verá caquis nessa árvore dentro de muito pouco tempo; até setenta anos passam depressa”.

Ainda assim eu não queria levá-la, mas Mamãe insistiu: “Deste modo, quando eu morrer você pode colher caquis e pensar em mim.”

Mamãe começou a dizer “quando eu morrer...” cada vez com mais frequência. Você sabe, essa foi a arma dela por um longo tempo. Sua única arma quando se tratava de filhos que não queriam fazer as coisas do jeito que ela queria que fizessem. Não sei quando isso começou, mas, sempre que não aprovava alguma coisa, Mamãe dizia “Faça isso depois que eu morrer”. Eu trouxe o pequeno pé de caqui para Seul no caminhão, embora não soubesse se ele sobreviveria, e enterrei as raízes na profundidade que Mamãe marcara no caule. Mais tarde, quando Mamãe veio a Seul, disse que eu o tinha plantado perto demais do muro e que devia mudá-lo para outro local. Perguntava sempre se eu tinha trocado a muda de lugar. Eu respondia que sim, embora não tivesse. Mamãe queria que eu replantasse o pé de caqui em um lugar vazio no quintal, onde pensei que poderia plantar uma árvore grande se tivesse dinheiro e conseguisse comprar esta casa. Na verdade, não pensei em mudar a arvorezinha, que só tinha dois galhos e mal chegava à minha cintura, mas respondi que sim. Antes de desaparecer, ela começou de repente a telefonar a cada dois dias para perguntar se eu havia mudado de lugar o pé de caqui. Eu respondia apenas que faria isso mais tarde.

Irmã. Só ontem tomei um táxi para So-orung e comprei esterco de galinha em pó, com o bebê nas costas. Cavei um buraco no lugar indicado por Mamãe e mudei o pé de caqui. Não me senti nem um pouco mal quando não dei ouvidos ao que Mamãe disse e deixei de transplantar aquele minúsculo pé de caqui para mais longe do muro, mas agora estou surpresa. Logo que trouxe a árvore para cá, as raízes eram tão raquíticas que eu ficava olhando para elas, duvidando até que conseguissem se firmar no solo, mas quando cavei para tirá-la da terra, as raízes já estavam bem profundas e emaranhadas. Fiquei impressionada com a determinação da planta em lutar pela vida, em tentar, de algum modo, sobreviver na

terra estéril. Teria Mamãe me dado a arvorezinha com a intenção de que eu visse seus galhos se multiplicarem e seu tronco engrossar? Para me dizer que se eu quisesse ver frutos precisaria cuidar muito bem dela? Ou simplesmente para deixar claro que ela não tinha dinheiro para comprar uma árvore grande? Pela primeira vez, senti-me ligada àquele pé de caqui. Minhas dúvidas de que a árvore poderia algum dia dar caquis desapareceram.

Lembra-se de ter me pedido meses atrás para eu lhe contar alguma coisa sobre Mamãe que só eu soubesse? Respondi que não conhecia Mamãe. Que tudo o que eu sabia era que ela estava desaparecida. É a mesma coisa agora. Acima de tudo, não sei de onde vem a força de Mamãe. Pense nisso. Mamãe fazia coisas que uma pessoa não poderia fazer sozinha. Acho que foi por isso que ficou com a cabeça cada vez mais vazia. Por fim, tornou-se alguém que não conseguia encontrar a casa de nenhum dos filhos. Não me reconheço, alimentando meus filhos, escovando seus cabelos e mandando-os para a escola, incapaz de sair à procura de Mamãe mesmo ela estando desaparecida. Você disse que eu era diferente, diferente de outras mães jovens de hoje, e que há uma pequena parte de mim que é um pouco como ela, mas, irmã, aconteça o que acontecer, não acredito que eu possa ser como Mamãe. Desde que ela sumiu, eu me pergunto muitas vezes se fui uma boa filha. Se eu conseguiria fazer por meus filhos as coisas que Mamãe fez por mim, e do mesmo modo.

De uma coisa eu sei. Não posso fazer o que ela fez. Mesmo que quisesse. Até quando estou alimentando meus filhos, sinto muitas vezes que estou irritada. Que estou sobrecarregada, porque é como se eles estivessem me segurando pelos tornozelos. Amo meus filhos e me emociono quando me pergunto se dei mesmo à luz todos eles, mas não posso dedicar-lhes inteiramente minha vida como fez Mamãe. Dependendo da situação, eu me comporto como se fosse lhes dar meus olhos, se precisassem deles, mas não sou Mamãe. Continuo desejando que o bebê cresça depressa. Sinto que minha vida empacou por causa das crianças. Quando o bebê ficar um pouco maior, quero mandá-lo para uma creche ou encontrar alguém que cuide dele para que eu possa trabalhar. É isso que farei. Porque tenho minha vida também. Quando cheguei a essa conclusão sobre mim mesma, passei a me perguntar como Mamãe fez as coisas como fez, e percebi que eu realmente não a conhecia. Ainda que digamos que a situação dela levou-a a pensar só em nós, como poderíamos ter pensado em Mamãe como Mamãe a vida inteira? Embora eu seja mãe, tenho muitos sonhos que são só meus e lembro-me de coisas da minha infância, de quando eu ainda era menina, depois uma mulher jovem, e não me esqueci de nada. Então por que pensamos em Mamãe como uma mãe desde o início? Mamãe não teve a oportunidade de perseguir seus sonhos e, inteiramente sozinha, enfrentou tudo o que a época lhe infligiu, pobreza e tristeza, sem nada poder fazer com relação a não ter tido sorte na vida, a não ser sofrer, superar os problemas e viver sua vida da melhor maneira que conseguisse, entregando-se de corpo e alma. Por que nunca levei em conta os sonhos de Mamãe?

Irmã.

Eu queria enfiar minha cara no buraco que cavei para o pé de caqui. Não posso viver como Mamãe, então como ela poderia ter querido viver daquele jeito? Por que isso nunca me ocorreu quando ela ainda estava conosco? Embora eu seja sua filha, nunca tive ideia do que estava acontecendo, por isso imagino como ela deve ter se sentido sozinha. Não é injusto que

tenha sempre sacrificado tudo por nós, e não tenha sido compreendida por ninguém?

Irmã. Acha que conseguiremos estar com ela de novo, ainda que por apenas um dia? Acredita que me será dado tempo para compreender Mamãe, ouvir suas histórias e consolar seus sonhos antigos que estão enterrados em algum lugar nas páginas do tempo? Se me forem concedidas nem que sejam poucas horas, direi a Mamãe que amo todas as coisas que ela fez, que a amo, ela que conseguiu fazer tudo o que fez, que amo a vida de Mamãe, da qual ninguém se lembra. E que a respeito.

Irmã, por favor, não desista de Mamãe, por favor, encontre Mamãe.

Sua irmã não deve ter tido condições de escrever a data nem uma palavra de despedida. A carta tem borrões arredondados, como se sua irmã estivesse chorando quando a escreveu. Seus olhos se demoram nas manchas amareladas, depois você dobra a carta e a enfia de volta na bolsa. Enquanto sua irmã escrevia a carta, o filho mais novo dela, que com certeza acabara de comer alguma coisa do chão embaixo da mesa, deve ter se aproximado e, desajeitadamente, começado a cantar a canção infantil que se iniciava com “Mamãe Ursa”... agarrado a ela. Sua irmã deve ter olhado para o bebê, ainda que com uma expressão melancólica, e cantado para ele “*é magra!*” É possível que o bebê, que não teria entendido as emoções da mãe, tenha aberto um sorriso largo e dito “Papai Urso”, esperando que sua irmã terminasse o verso. Sua irmã, com lágrimas nos olhos, deve ter concluído com “*é gordo*”. Sua irmã talvez não tenha conseguido escrever o fim da carta. O bebê, na tentativa de escalar a perna de sua irmã, pode ter caído e batido a cabeça no chão. E o bebê irromperia em um choro desesperado entremeado por soluços. Sua irmã, ao ver o hematoma azulado se espalhar na pele macia do bebê, talvez tenha derramado as lágrimas que vinha até então segurando.

Depois que você dobra a carta e a coloca na bolsa, a voz apaixonada do guia ecoa em seus ouvidos.

— O ponto de principal interesse deste museu é a *Criação de Adão*, no teto da Capela Sistina, que veremos no final. Michelangelo pendurou-se em uma viga no teto durante os quatro anos em que trabalhou no afresco, e mais para o fim da vida sua visão enfraqueceu tanto que ele não conseguia ler nem enxergar pinturas a não ser que fosse para um lugar aberto. Os afrescos são feitos sobre argamassa de cal, por isso precisavam ser concluídos antes que a argamassa secasse. Se os artistas não conseguiam fazer em um dia o trabalho que normalmente levaria cerca de um mês, o reboco secava e eles precisavam começar tudo de novo. Talvez porque teve de se pendurar em uma viga do teto durante quatro anos, é compreensível que Michelangelo tenha tido problemas no pescoço e nas costas pelo resto da vida.

A última coisa que você fez no aeroporto antes de pegar o avião foi telefonar para a casa de seu pai no interior. Depois que Mamãe sumiu, seu pai ficou entre a casa no interior e Seul, mas voltou de vez para casa na primavera. Você ligava para ele todos os dias, de manhã e às vezes de noite. Ele atendia ao primeiro toque, como se estivesse esperando ao lado do aparelho. Seu pai falava o seu nome antes que você dissesse que era você. Era algo que Mamãe sempre fazia. Se ela estivesse arrancando erva daninha no canteiro de flores no jardim e o telefone tocasse, ela dizia para o pai: “Atenda ao telefone, é Chi-hon!” Quando você

perguntava como ela podia saber quem estava telefonando, Mamãe dava de ombros e dizia: “Eu... eu apenas sei.” Como o Pai agora morava sozinho na casa vazia, sem Mamãe, ele sabia que era você já no primeiro toque. Você disse ao Pai que talvez não pudesse telefonar por algum tempo, já que precisaria calcular quando ele estaria acordado para ligar de Roma. O Pai de repente disse, como se não estivesse prestando muita atenção ao que você falava, que ele devia ter feito Mamãe se operar de seu empiema no nariz.

— Mamãe sentia dor no nariz também? — você perguntou com voz triste, e o Pai respondeu que Mamãe não conseguia dormir na mudança de estação porque começava a tossir.

E prosseguiu:

— A culpa é minha. Era por minha causa que sua mãe não tinha tempo para se cuidar.

Em qualquer outra época, você teria dito ao Pai que ninguém tinha culpa, mas naquele dia as palavras “Sim, a culpa é sua” saltaram de sua boca. O Pai respirou fundo do outro lado da linha. Ele não sabia que você estava ligando do aeroporto.

— Chi-hon — disse o Pai depois de uma longa pausa.

— Sim.

— Sua mãe não está mais nos meus sonhos.

Você não respondeu.

O Pai ficara em silêncio por um momento, depois começou a falar nos velhos tempos. Disse que um dia eles cozinharam um peixe-espada que Hyong-chol mandara. Mamãe colheu da horta da encosta um rabanete com a ramagem verde, tirou a terra com uma escova, descascou-o com uma faca, cortou-o em nacos grandes, espalhou-o no fundo de uma panela e assou o peixe-espada, que ficou vermelho pelos muitos temperos. Mamãe arrancou um bom pedaço dele e colocou-o na tigela de arroz do pai. Ele chorou ao lembrar-se do dia de primavera em que os dois, após almoçarem o peixe-espada que Mamãe tinha assado naquela manhã, espicharam-se na sala, seus estômagos satisfeitos, para tirar um cochilo juntos. Confessou que não sabia, então, que aquilo era felicidade.

— Sinto-me mal por sua mãe. Eu reclamava o tempo inteiro que estava doente.

Era verdade. Ou o pai estava ausente ou, quando ficava em casa, dizia estar doente. Agora parecia arrependido.

— Quando comecei a adoecer, deve ter acontecido o mesmo com sua mãe.

Será que Mamãe nem mesmo conseguia dizer que sentia dor, relegada a segundo plano pela doença do Pai? Como tomava conta de todos da família, Mamãe era uma pessoa que não podia adoecer. Ao completar 50 anos, o Pai começou a tomar remédio para hipertensão, suas juntas passaram a doer e ele desenvolveu catarata. Pouco antes de Mamãe desaparecer, ele submeteu-se a uma série de procedimentos cirúrgicos no joelho, ao longo de um ano, e, como tinha dificuldade para urinar, passou por uma operação de próstata. Sofreu um derrame cerebral e foi hospitalizado três vezes em um ano, e todas as vezes recebeu alta em 15 dias ou um mês, e o ciclo continuava a se repetir. Sempre que isso acontecia, Mamãe dormia no hospital. A família contratou um acompanhante para o Pai, mas era Mamãe quem precisava dormir com ele. A primeira noite que o acompanhante dormiu no hospital, o Pai foi ao banheiro, trancou a porta e recusou-se a sair. Mamãe, que estava na casa de Hyong-chol, recebeu um telefonema do acompanhante, dizendo que não sabia o que fazer com a súbita

rebelião do Pai. Mamãe partiu para o hospital no mesmo instante, embora estivesse no meio da noite, e acalmou o Pai, que ainda estava trancado no banheiro.

— Sou eu. Abra a porta, sou eu.

O Pai, que se recusava a abrir a porta e não dava ouvidos ao que as pessoas diziam, abriu-a ao ouvir a voz de Mamãe. Estava agachado ao lado da privada. Mamãe ajudou-o a sair dali e voltar para a cama, e ele fixou os olhos nela durante algum tempo até que, por fim, adormeceu. O Pai disse que não se lembrava de nada. No dia seguinte, você perguntou por que ele tinha feito aquilo, e ele respondeu com outra pergunta:

— Está dizendo que fiz isso? — E, preocupado que você continuasse a interrogá-lo, rapidamente fechou os olhos.

— Mamãe precisa descansar também, Pai.

O Pai virou-se para o outro lado. Você sabia que ele estava fingindo, mas que ouvia você e Mamãe. Mamãe acreditava que ele tivesse feito aquilo por medo. Que ele devia ter acordado e percebido que não estava em casa e sim no hospital, onde só havia estranhos e ninguém da família, e que teria se escondido, perguntando-se, assustado, onde estava.

— O que há de tão assustador nisso? — seu pai teria ouvido você resmungar.

— Nunca sentiu medo? — Mamãe olhou para o Pai e continuou em voz baixa. — Seu pai diz que às vezes faço isso também. Diz que, quando acorda no meio da noite e não estou ao seu lado, ele vai me procurar e estou escondida no galpão ou atrás do muro, agitando as mãos na frente do rosto e pedindo: “Não faça isso comigo.” Ele diz que tremo.

— A senhora, Mamãe?

— Não me lembro de ter feito isso. Seu pai diz que precisava me carregar, me deitar e me dar um pouco de água, e que finalmente eu adormecia. Se sou assim, tenho certeza de que seu pai está com medo também.

— Medo do quê?

Mamãe respondeu com um murmúrio muito fraco.

— Acho que era amedrontador simplesmente viver o dia a dia. O que mais assustava era não ter nenhuma sobra no pote de arroz. Quando eu pensava que tinha de deixar vocês, meus filhos, com fome... meus lábios ficavam secos de pavor. Havia dias assim.

O Pai nunca contou a você nem a ninguém da família que Mamãe às vezes fazia isso. Quando você ligava para ele depois que Mamãe desapareceu, ele trazia à baila velhas histórias para prolongar a conversa, mas nunca lhe disse que Mamãe ia se esconder em algum lugar no meio da noite enquanto dormia.

Você consulta o relógio. São 10 horas. Seu namorado já se levantou? Já tomou café?

Hoje você acordou às 6 horas em um hotel velho na frente da estação Termini. Depois do sumiço de Mamãe, um desespero profundo invadiu seu corpo e seu coração, como se você estivesse afundando na água. Conseguiu erguer-se na cama, e seu namorado Yu-bin, que dormia de costas para você, virou-se e tentou abraçá-la. Você segurou seu braço e pousou-o suavemente sobre a cama. Rejeitado, ele colocou o braço sobre a testa e disse:

— Você devia dormir mais um pouco.

— Não consigo dormir.

Ele tirou o braço da testa e virou-se. Você observou as costas arrogantes, estendeu o braço e afagou seu namorado. Seu namorado, que você não tem conseguido abraçar com carinho desde que Mamãe sumiu.

Sua família, que estava exausta de procurar por Mamãe, muitas vezes mergulhava em silêncio quando se reunia. Então todos disfarçavam. Um de vocês chutava a porta para sair, ou enchia com *soju* uma caneca grande de cerveja e bebia de um gole só. Refreando as lembranças de Mamãe que brotavam de todas as partes, todos pensavam em uma só coisa: se pelo menos Mamãe estivesse aqui. Se pelo menos Mamãe dissesse uma vez mais do outro lado da linha: “Sou eu!” Mamãe sempre dizia: “Sou eu!” Após seu desaparecimento, a família não conseguia manter nenhum tipo de conversa por mais de dez minutos. A pergunta “Onde Mamãe está agora?” invadia qualquer pensamento que vocês tivessem, deixando-os nervosos.

— Acho que quero ficar sozinha hoje — você ousou dizer.

— O que fará sozinha? — perguntou ele, ainda olhando para o outro lado.

— Quero ir à Basílica de São Pedro. Ontem, enquanto esperava por você no saguão do hotel, contratei para hoje um passeio ao Vaticano. Preciso me aprontar. Informaram que a saída é às 7h20, do saguão. Disseram que a fila é tão longa que se não chegarmos às nove horas levaremos mais de duas horas para entrar.

— Você pode ir comigo amanhã.

— Estamos em Roma. Há muitos outros lugares aonde podemos ir juntos.

Você lavou o rosto em silêncio para não perturbá-lo. Queria lavar os cabelos, mas pensou que o barulho da água seria alto demais, por isso apenas fez um rabo de cavalo, olhando seu reflexo no espelho. Ao sair do banheiro depois de trocar de roupa, você disse, como se acabasse de lembrar:

— Obrigada por me trazer aqui.

Ele puxou o lençol e cobriu o rosto. Você sabia que ele estava sendo tão paciente quanto podia. Ele a apresentava como esposa às pessoas que conheciam em Roma. É provável que você já fosse sua esposa se Mamãe tivesse sido encontrada. Depois do seminário do qual ele participaria de manhã, vocês almoçariam com outros casais. Se ele fosse almoçar sozinho, os outros perguntariam pela sua esposa. Você olhou para o namorado com os lençóis ainda por cima da cabeça e saiu do quarto.

Depois que sua mãe desapareceu, você desenvolveu comportamentos impulsivos. Bebia impulsivamente e pegava impulsivamente o trem para a casa de seu pai no interior. Olhava para o teto de seu pequeno apartamento, incapaz de dormir, depois se levantava e corria pelas ruas de Seul, colando panfletos, fosse no meio da noite ou de manhã bem cedo. Uma vez você entrou de repente na delegacia e gritou para os policiais que encontrassem sua mãe. Hyong-chol, que foi à delegacia após receber um telefonema, limitou-se a olhá-la com firmeza. Você gritou “Encontre Mamãe!” para seu irmão, que, em determinado momento, começara a aceitar com calma a ausência de Mamãe, chegando às vezes até a jogar golfe.

Seu grito foi ao mesmo tempo um protesto contra as pessoas que conheciam Mamãe e

uma demonstração de raiva contra você mesma, que não tinha conseguido encontrá-la. Seu irmão ouvia em silêncio enquanto você atacava aos gritos:

— Como conseguem ficar assim? Por que não estão à procura de Mamãe? Por quê? Por quê?

A única coisa que seu irmão conseguia fazer era percorrer a cidade a pé com você, de noite. Você circulava por todas as estações de metrô vestindo o casaco de vison que trouxera no inverno passado do armário de Mamãe, ou com o casaco pendurado no braço, para que pudesse colocá-lo sobre os ombros de Mamãe quando a localizasse, já que ela fora vista pela última vez usando roupas de verão. Sua sombra carregando o casaco de vison era projetada no mármore do edifício, enquanto você caminhava entre os desabrigados que usavam jornais ou caixas de papelão como cobertores. Você mantinha o telefone ligado o tempo todo, mas agora ninguém mais telefonava para dizer que tinha visto uma pessoa parecida com Mamãe.

Um dia, você foi à estação de Seul, no local onde Mamãe se perdeu, e encontrou-se por acaso com seu irmão mais velho, que vagava por ali. Vocês sentaram-se e observaram a chegada e a partida dos trens do metrô, até o serviço terminar. Seu irmão disse que no início tinha a impressão de que, se ficasse ali, Mamãe apareceria, bateria de leve no seu ombro e o chamaria: “Hyong-chol!” Agora, no entanto, ele não acreditava que isso ainda fosse acontecer. Mencionou que não pensava mais, que o interior de sua cabeça estava vazio. Que, quando não queria voltar para casa logo após o trabalho, ia instintivamente para a estação.

Num feriado, você foi à casa dele. Viu seu irmão sair do carro carregando seus tacos de golfe, gritou “Idiota!” e fez um escândalo. Se até seu irmão aceitara o desaparecimento de Mamãe, quem no mundo a encontraria? Você agarrou os tacos de seu irmão e atirou-os no chão. Todos estavam aos poucos se transformando no filho, filha e marido cuja mãe e esposa tinha sumido. Mesmo sem Mamãe, o dia a dia continuava.

Em outra ocasião, você voltou de madrugada ao local onde Mamãe desaparecera, e de novo encontrou seu irmão. Por trás, você deu um abraço apertado no irmão que parou sob a luz do amanhecer. Ele disse que talvez apenas na visão dos filhos a vida de Mamãe tivesse sido cheia de dor e sacrifício, por causa da culpa. Que na verdade talvez estivéssemos reduzindo a vida dela a algo inútil. Para defender o argumento, lembrou-se de algo que Mamãe sempre dizia. Ela costumava exclamar “Sou grata! Isso é algo pelo qual devemos ser gratos!” mesmo quando uma ínfima coisa positiva acontecia. Mamãe expressava gratidão pelos mínimos momentos de felicidade que todas as pessoas experimentam. Seu irmão dizia que a gratidão de Mamãe vinha do coração. Que Mamãe era grata por tudo. Que uma pessoa que era tão agradecida não podia ter levado uma vida infeliz. Quando se despediram, seu irmão disse que temia que Mamãe não o reconhecesse, caso ela voltasse. Você respondeu que, para Mamãe, ele era a pessoa mais preciosa do mundo, que Mamãe sempre o reconheceria, não importa onde ele estivesse ou quanto mudasse. Quando ele se alistou no exército e foi para o treinamento, houve um dia em que os pais foram convidados a visitar o acampamento. Mamãe fez bolos de arroz e carregou-os na cabeça para ver Hyong-chol, e levou você. Ainda que centenas de soldados usassem as mesmas roupas e apresentassem os mesmos golpes de tae kwon do, Mamãe conseguiu achar seu irmão. Para você, todos pareciam iguais, mas Mamãe abriu um grande sorriso e apontou, dizendo:

— Lá está seu irmão!

Uma vez, você conversava tranquilamente sobre Mamãe com seu irmão quando, de repente, levantou a voz e perguntou por que ele não se esforçava mais para encontrá-la.

— Por que fala em Mamãe como se ela não tivesse condições de voltar? — gritou para seu irmão.

— Então me diga — retrucou ele —, o que devo fazer para encontrá-la? — E, frustrado, rebuttonou os botões superiores da camisa branca que usava por baixo do paletó e acabou chorando na sua frente. Depois disso, ele não atendeu mais os seus telefonemas.

Somente depois que Mamãe sumiu você percebeu que as histórias dela estavam acumuladas dentro de você e eram intermináveis. A vida cotidiana de Mamãe costumava seguir um círculo repetitivo, sem interrupção. As palavras do dia a dia de Mamãe, sobre as quais você não refletia muito e às vezes descartava como inúteis quando ela estava com você, despertaram em seu coração, criando torrentes irresistíveis. Você percebeu que a posição de Mamãe na vida não mudou nem depois que a guerra acabou e nem quando a família teve recursos para se sustentar. Quando a família se reuniu pela primeira vez depois de um longo período, sentada com o Pai ao redor da mesa, e conversou sobre as eleições presidenciais, Mamãe cozinhou, tirou a comida, lavou os pratos, limpou e pendurou os panos de prato para secar. Mamãe se encarregava de consertar a porta, o telhado e a varanda. Em vez de ajudá-la com o serviço que ela fazia sem parar, você achava a situação natural e considerava que era obrigação dela. Às vezes, como seu irmão salientou, você pensava que a vida de Mamãe era decepcionante. Ainda que Mamãe, apesar de nunca ter tido uma situação confortável, tentasse ao máximo dar a você o melhor. Ainda que fosse Mamãe que afagasse as suas costas quando você se sentia solitária.

Mais ou menos na época em que minúsculas folhas começaram a brotar nas árvores de ginkgo na frente da prefeitura, você estava acorada ao pé de uma enorme árvore em uma via principal que levava a Samchong-dong. Era inacreditável que a primavera estivesse chegando sem Mamãe aqui. Que o solo congelado estivesse derretendo e as árvores, despertando. Seu coração, que a manteve durante toda essa provação com a crença de que conseguiria encontrar Mamãe, estava apertado. *Ainda que Mamãe esteja desaparecida, o verão chegará e o outono chegará de novo e o inverno chegará, num instante. E eu estarei vivendo em um mundo sem Mamãe.* Você podia imaginar uma estrada deserta. E a mulher desaparecida descendo com dificuldade essa estrada, usando sandálias azuis de plástico.

Sem contar para ninguém da família, você partiu com Yu-bin para Roma, onde ele participaria de um seminário. Pedira para que você fosse junto, mas não esperava que sua resposta fosse sim. Quando você de fato decidiu acompanhá-lo, ele ficou um pouco confuso, mas pacientemente efetuou algumas mudanças na programação. Um dia antes da partida, ele inclusive telefonou para perguntar se nada tinha mudado. Ao entrar com ele no avião com destino a Roma, pela primeira vez você se perguntou se o sonho de Mamãe seria viajar. Mamãe sempre lhe recomendava, com expressão preocupada, que não entrasse em aviões, mas, quando você voltava de algum lugar, ela fazia perguntas detalhadas sobre o lugar

visitado. “Que tipo de roupa os chineses usam?” “Como as índias carregam seus filhos?” “Qual foi a comida mais deliciosa que você experimentou no Japão?” As perguntas de Mamãe chegavam aos borbotões. Você dava sempre respostas lacônicas. “Os chineses andam sem camisa no verão.” “A índia que vi no Peru carregava o filho numa bolsa amarrada ao quadril.” “A comida japonesa é doce demais.” Quando mamãe fazia mais perguntas, você se irritava e dizia “Respondo depois”. Mas não havia a oportunidade de ter essa conversa mais tarde, porque sempre surgia alguma outra coisa que você precisava fazer. Você recostou-se na poltrona do avião e suspirou profundamente. Foi Mamãe quem lhe disse para viver em algum lugar distante. Foi também Mamãe quem a mandou muito jovem viver em uma cidade longe de sua terra natal. A Mamãe daquela época — você deu-se conta, dolorosamente, de que Mamãe tinha exatamente a idade que você tem agora quando a levou para a cidade e partiu, tomando o trem noturno de volta para casa. Uma mulher única. Essa mulher desapareceu, aos poucos, após ter se esquecido da alegria de nascer, da infância e dos sonhos, casado antes da primeira menstruação, gerado e criado cinco filhos. A mulher que, ao menos em relação aos filhos, não era surpreendida nem abalada por nada. A mulher cuja vida foi conduzida com sacrifício até o dia de seu desaparecimento. Você se comparou com Mamãe. Mamãe, no entanto, era um mundo inteiro ela mesma. Se você fosse Mamãe, não estaria fugindo desse jeito, fugindo do medo.

Toda a cidade de Roma era literalmente um sítio histórico. Disseram muitas coisas negativas sobre Roma — havia uma greve de transportes a cada dois dias e nem pediam desculpas aos passageiros, as pessoas puxavam seu braço e roubavam seu relógio debaixo do seu nariz, e de noite as ruas eram tomadas por grafiteiros e lixo —, mas você não se importava. Limitava-se a observar tudo passivamente, embora tivesse sido enganada por um motorista de táxi e alguém tivesse furtado os óculos de sol que você acabara de deixar ao seu lado em uma cafeteria. Ainda assim, foi sozinha a várias ruínas durante os três dias em que seu namorado participou de uma conferência. Ao Foro Romano, ao Coliseu, às Termas de Caracala, às Catacumbas. Circulou, absorta, pelas espaçosas ruínas da grande cidade. Tudo em Roma simbolizava civilização. Embora vestígios do passado estivessem espalhados à sua frente qualquer que fosse o seu caminho, você não retinha nada daquilo no coração.

Nesse momento, você está olhando as estátuas de santos na *piazza*, mas seus olhos não pousam em nada. O guia explica que a cidade do Vaticano não é apenas um país no mundo secular, é também o país de Deus. Que o território possui apenas 44 hectares, embora seja um estado independente, com moeda e selos próprios. Você não está ouvindo as explicações do guia. Seus olhos pulam de uma pessoa para outra. Ainda que haja poucas pessoas ao redor, seus olhos passeiam entre elas, inquietos, enquanto você pergunta a si mesma se Mamãe estaria ali, em algum lugar. Não havia como Mamãe estar entre turistas ocidentais, mas mesmo assim seus olhos não conseguem se fixar em um único objeto. Seus olhos encontram os do guia, que dissera ter estado ali sete anos antes para estudar canto coral. Constrangida por nem ao menos usar os fones de ouvido, você decide colocá-los. “A cidade do Vaticano é o menor país do mundo. No entanto, 30 mil pessoas visitam-na todos os dias.” Enquanto ouve a explicação do guia pelos fones de ouvido, você morde a parte interna do lábio. As palavras de

Mamãe chegam a você como um flash. Quando teria sido? Mamãe perguntara qual era o menor país do mundo. Pedira que você lhe comprasse um rosário de pau-rosa se algum dia fosse a esse país. O menor país do mundo. De repente você presta atenção. Este país? A cidade do Vaticano?

Com os fones ainda nos ouvidos, você se afasta do grupo que está sentado nos degraus da escada de mármore, protegido do sol, e entra sozinha no museu. Um rosário feito de pau-rosa. Você caminha ao longo do majestoso teto artístico e da sequência de esculturas, cujo fim não consegue avistar. Deve haver uma loja de suvenires em algum lugar. E lá deve haver um rosário de madeira de pau-rosa. Enquanto avança rapidamente entre as pessoas na sua busca pelo rosário de pau-rosa, você para na entrada da Capela Sistina. Michelangelo pendurou-se nas vigas daqueles tetos altos todos os dias, ao longo de quatro anos, para trabalhar nos afrescos? O tamanho incrível do enorme afresco a domina. Tão diferente do que acontece em livros. Teria sido estranho se ele não tivesse padecido de problemas físicos depois de acabar o projeto. A dor e a paixão do artista atingem-na em cheio quando você para embaixo da *Criação de Adão*. Sua intuição está correta: quando sai da Capela Sistina, logo vê uma loja de suvenires e livraria. Freiras de hábito branco estão a postos atrás das vitrines. Seus olhos encontram os de uma delas.

— Você é coreana? — pergunta a religiosa em coreano.

— Sim.

— Sou da Coreia também. É a primeira coreana que encontro desde que me mandaram para cá. Cheguei há quatro dias. — A irmã sorri.

— Vocês vendem rosário de rosa?

— Rosário de rosa?

— Rosário feito de pau-rosa.

— Ah! — A irmã aponta para uma das vitrines. — É isso que procura?

Você abre o estojo do rosário que a irmã lhe entrega. O aroma de rosas explode do estojo hermético. Mamãe conhecia esse perfume?

— Foi abençoado por um padre hoje de manhã.

Era a esse rosário de pau-rosa que Mamãe se referia?

— Só aqui consigo esse rosário?

— Não, consegue em qualquer lugar. Mas como estamos no Vaticano, faz muito mais sentido levá-lo daqui.

Você vê na etiqueta que o rosário custa 15 euros. Suas mãos tremem ao entregar o dinheiro à freira. Antes de passar o estojo do rosário às suas mãos, a freira pergunta se é um presente. *Presente? Eu teria como presentear-lo a Mamãe? Teria?* Ao seu sinal positivo, a freira pega de dentro do mostruário uma embalagem branca com a imagem da escultura *Pietà*, enfia nela o estojo e a fecha com uma etiqueta adesiva.

Com o rosário de pau-rosa na mão, você começa a percorrer o caminho que leva à Basílica de São Pedro. Da entrada, olha o interior. Luzes escorrem do domo acima do majestoso cibório de bronze. Anjos flutuam entre nuvens brancas no afresco do teto. Você coloca um pé dentro da basílica e olha para além do enorme halo luminoso, bem ao longe. Enquanto percorre a nave central naquela direção, seus pés param. Alguma coisa a atrai

intensamente. O que é? Você abre caminho no meio da multidão, rumo ao que a está atraindo como um ímã. Ergue o olhar para descobrir o que as outras pessoas estão olhando. A *Pietà*. A Mãe de Jesus segurando o filho morto está protegida por um vidro à prova de balas. Como se estivesse sendo arrastada para a frente, você empurra a multidão. Tão logo vê a graciosa imagem da Mãe de Jesus amparando o corpo do filho que acabara de exalar o último suspiro, você se sente paralisada. Será o mármore? Parece que o filho morto ainda conserva algum calor no corpo. Os olhos da Mãe de Jesus estão cheios de dor, enquanto sua cabeça se inclina na direção do corpo do filho caído no seu colo. Embora a morte já o tenha tocado, seus corpos parecem reais, como se a pressão de um dedo pudesse deixar marcada a carne de ambos. A mulher à qual foi negada a maternidade ainda oferecia o colo ao corpo do filho. Eles são intensos, como se estivessem vivos. Sente alguém tocar nas suas costas e vira-se depressa. É como se Mamãe estivesse atrás de você.

Você se dá conta de que pensava frequentemente em Mamãe quando alguma coisa na sua vida não ia bem, porque, quando pensava nela, era como se algo voltasse aos eixos. E você se sentia cheia de energia de novo. Ainda tinha o hábito de telefonar para Mamãe mesmo depois de ela ter sumido. Havia muitos dias em que estava prestes a ligar para Mamãe, mas ficava parada, entorpecida. Você coloca o rosário de pau-rosa diante da *Pietà* e se ajoelha. É como se a mão da Mãe de Jesus, acalentando o filho por baixo do braço, se movesse. É difícil para você olhar a angústia da Mãe de Jesus enquanto segura o filho, que chegou à morte após suportar a dor. Você não ouve nada e a luz do teto desaparece. A catedral do menor país do mundo cai em silêncio profundo. O corte na pele macia da parte interna de seu lábio continua a sangrar. Você engole o sangue que se acumula na sua boca e consegue levantar a cabeça para olhar a Mãe de Jesus. As palmas de suas mãos se estendem automaticamente para tocar o vidro à prova de balas. Se pudesse, você gostaria de fechar os olhos pesarosos da Mãe de Jesus por ela. Pode sentir nitidamente o perfume de Mamãe, como se tivesse adormecido sob o mesmo cobertor na noite passada e a abraçado ao acordar esta manhã.

Num dia de inverno, as mãos rudes de Mamãe envolveram as suas, jovens e geladas, e a conduziram até o fogão na cozinha. “Ah, meu Deus, as suas mãos parecem lâminas de gelo!”

Você sente o inconfundível cheiro de Mamãe, que a abraçou diante do fogo, esfregando cada vez mais suas mãos para aquecê-las.

Sente os dedos da Mãe de Jesus, que envolvem o corpo do filho morto, se estenderem à frente e acariciarem suas faces. Permanece ajoelhada diante da Mãe de Jesus, que mal consegue segurar as mãos do filho, marcadas por visíveis ferimentos de pregos, até não ouvir mais passos na basílica. Em determinado momento você abre os olhos. Concentra-os nos lábios da Mãe de Jesus, abaixo dos olhos imersos em dor. Seus lábios estão firmemente selados e com uma dignidade que ninguém conseguiria perturbar. Você deixa escapar suspiros profundos. Os lábios delicados da Mãe de Jesus transpuseram a dor em seus olhos para transformá-la em compaixão. Você olha mais uma vez o filho morto. Os braços e pernas do filho pendem em paz dos joelhos da mãe. Ela acalma o filho mesmo na morte. Se você tivesse contado a alguém da família que faria uma viagem, isso seria visto como uma demonstração de que desistira de encontrar Mamãe. Sem condições de convencer a família do contrário, você veio a Roma sem dizer a ninguém. Veio a Roma ver a *Pietà*? Quando Yu-bin sugeriu que

o acompanhasse na viagem à Itália, talvez no seu subconsciente você tenha pensado nessa escultura. Talvez você quisesse orar nesse lugar, orar para que pudesse ver pela última vez a mulher que viveu em um pequeno país preso à ponta do vasto continente asiático, para que pudesse encontrá-la, e foi esse o motivo de sua vinda. Por outro lado, no entanto, talvez não tenha sido isso. Talvez você já tenha entendido que Mamãe não está mais neste mundo. Talvez você tenha vindo aqui porque queria implorar: “Por favor, não se esqueçam de Mamãe, por favor, tenham piedade de Mamãe.” Mas agora que vê a estátua do outro lado do vidro, sobre um pedestal, envolvendo com seus braços frágeis toda a dor da humanidade desde o Gênesis, você não consegue dizer nada. Olha com atenção os lábios da Mãe de Jesus. Fecha os olhos, afasta-se e deixa aquele lugar. Uma fila de padres passa por você, provavelmente a caminho da celebração de uma missa. Você sai pela porta da basílica e contempla, atônita, a *piazza* circundada pelas altas colunas e envolta em luz brilhante. E só então as palavras que você não conseguiu dizer diante da estátua escapam de seus lábios.

— Por favor, por favor, cuide da Mamãe.

Sobre a autora



KYUNG-SOOK SHIN, autora de diversos romances e uma das escritoras mais lidas e aclamadas da Coreia do Sul, recebeu os prêmios Manhae Grand de Literatura, Dong-in Literary, assim como o francês Prix de l'Inaperçu. *Por favor, cuide da Mamãe*, seu primeiro livro lançado no Brasil, foi publicado em 23 países e já vendeu mais de 1,5 milhão de cópias. Shin divide seu tempo entre Seul e Nova York, onde atualmente é professora visitante na Columbia University.

Table of Contents

Capa	2
Folha de rosto	2
Créditos	3
Mídias Sociais	4
Epígrafe	5
1. Ninguém sabe	6
2. Sinto muito, Hyong-chol	39
3. Já cheguei	68
4. Uma outra mulher	96
5. Epílogo: Rosário de pau-rosa	122
Sobre a autora	135